



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

KELCY MARY FERREIRA PEREIRA

BORDAZUL – BORDADO E CUIDADO

Maceió

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

KELCY MARY FERREIRA PEREIRA

BORDAZUL – BORDADO E CUIDADO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson de Souza
Bernardes

Maceió

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P436b Pereira, Kelcy Mary Ferreira.
Bordazul : bordado e cuidado / Kelcy Mary Ferreira Pereira. – 2020.
172 f. : il. color.

Orientador: Jefferson de Souza Bernardes.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 157-163.
Apêndices: f. 164-169.
Anexos: f. 170-172.

1. Bordado. 2. Cuidados de saúde. 3. Território sociocultural. 4. Psicologia social. I. Título.

CDU: 316.6/7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

KELCY MARY FERREIRA PEREIRA

Título do Trabalho: **"Bordazul – Bordado e Cuidado"**.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes (PPGP/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Telma Low Silva Junqueira (IP/UFAL)

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE)

Profa. Dra. Marília Silveira (Bolsista-PNPD/PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 25 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Há um poema, atribuído ao compositor Roque Ferreira, que diz assim:

Eu queria que a mão do amor
Um dia trançasse
Os fios do nosso destino
Bordadeira fazendo tricô

Em cada ponto que desse
Amarrasse a dor
Em cada ponto que desse
Amarrasse a dor

Como quem faz um crochê
Uma renda, um filó
Unisse as pontas do nosso querer
E desse um nó

Início agradecendo à mão do amor, que trançou meu destino ao dessas bordadeiras e fazedoras de rede, minhas avós e tias-avós, às quais eu dedico esses escritos: Mariana, Torquata, Ernestina, Socorro Barros, Maria do Rosário, Terezinha e Esmelinda, uma linhagem de mulheres fortes, cujas histórias são minha inspiração.

Estendo essa fiação até o Rio Grande do Sul para homenagear Isabel, mãe de Ninna, que, muitas vezes, esteve com o Bordazul, compartilhando suas experiências, sua tia e madrinha Gesa e acarinhar a memória de sua avó Maria. Ninna herdou de sua mamma e nonna e dinda e compartilhou com a gente o seu melhor.

Tecendo mais um pouco, a .mão do amor me bordou no coração de Nain, Tarciso, Wenceslau Ferreira, Luiza, Aninha, Ester, Carol, Raquel, Marco Antônio e Junior, e fez pontos de elos com Clara e Gabriel, meus filhos, e com minhas sobrinhas e sobrinhos. Lá se vão muitos pontos de afeto, porque a família é grande... Graças aos exemplos dos meus pais e ao amparo em **todos** os momentos, estou aqui!

Sou herdeira do ofício de tecer redes e, nesse fazer, conheci Lúcia Galvão, que me apresentou a Gianinna Bernardes (Ninna Bernardes). Sou grata porque, por intermédio dessas moças tecelãs, conheci as bordadeiras do litoral norte, atualmente Coletivo Bordazul. Tecemos laços de aprendizagem e de **solidariedade** para além da pesquisa. Esses escritos são nossos. Nossas histórias estão aqui, como foi decidido por todas nós! Viva o Bordazul!

Foi através de Ninna que conheci Jefferson Bernardes (Jeff), em 2015, visitando a exposição *Tesouros Bordados*. Impressionado com cada obra produzida, os primeiros

bordados do Bordazul, ele disse: “Cada um desses bordados poderia ser uma dissertação!” Fiquei com esse pensamento urdido na memória, e, na hora certa, a rede se expandiu. Jeff, agradeço sua orientação **cuidadosa**, pois aprendi muito e seguirei aprendendo!

Jefferson Bernardes, Renata Guerda e Lupicinio Iñiguez teceram meu destino às/aos pesquisadoras/es do Grupo de Pesquisa em Psicologia Discursiva (Prosa) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGP) e do *grupo de apoyo e investigación Laicos IAPSE* que integra o *Barcelona Science & Technology Studies, de la Universidad Autónoma de Barcelona*. Agradeço, de todo coração, a esses ateliês coletivos de construção do saber, de escuta e de apoio mútuo. Admiro muito cada uma/um de vocês!

Gratidão às/aos professoras/es das disciplinas do mestrado, especialmente a Maria Auxiliadora, a Xili, por sua atenção durante a “disciplina da linha”. Sou imensamente grata, também, a Marília Silveira e a Telma Low (minha cuidadosa banca de qualificação), bem como às companheiras da linha de pesquisa Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas e do mestrado: Paulyne, Jéssica, Aline, Mariana, Mirella, Helen. A companhia de vocês nessa jornada fez toda a diferença. Um pontilhado em forma de coração para Vanessa e Jorge.

Minha gratidão a Nadja, Thiago, Magno e Julio, por acreditarem comigo. A Guilherme, agradeço a nossa amizade, todos os textos revisados e, especialmente, o dia da inscrição com Fernando. Gratidão às amigas, aos amigos, ao menino passarinho e à Thalita Lima e Severino Lucena. Vocês sabem do meu apreço. Nossas histórias estão bordadinhas em linho puro. Agradeço a vocês as nossas mãos dadas.

Agradeço às/aos companheiras/os de trabalho, às/aos artistas, arte-educadoras/es, mediadoras/es e estagiárias que estiveram comigo no Sesc Alagoas todos esses anos e ao Sesc Nacional, especialmente à Rede Arte Visuais por tudo que aprendi e todas as amigadas cultivadas.

SACUDI minha joia no mar
As parede é o firmamento
As porta dela é o vento
As parede é o terral
Responda meu baianá
Eu ouvi o som da sereia
Quem anda em Terra alheia
Pisa no chão devagar
(Música de tradição do Baianá alagoano, por Mestra Zezé - escrita de
acordo com o canto)

Para nós, mulheres do Bordazul:

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da **vida-liberdade**.

(Conceição Evaristo, em *Poemas da recordação e outros movimentos*)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Psicologia. Trata-se de pesquisa desenvolvida a partir das experimentações do coletivo Bordazul, que desenvolve práticas de promoção de cuidado em saúde a partir do bordado, com um grupo de mulheres do litoral norte de Maceió/Alagoas. O grupo é composto por 26 mulheres. Os bordados tecem narrativas sobre as histórias e as memórias dessas mulheres, na relação com o cotidiano e o seu território. A investigação teve como objetivo geral compreender como a aprendizagem do bordado e o bordar junto contribuem para a produção de sentidos sobre cuidado, apresentando o Coletivo Bordazul. Para tal, almejamos, em específico: a) caracterizar o Coletivo Bordazul; b) analisar as relações entre bordado e cuidado produzidas pelas mulheres do Bordazul; e c) identificar as histórias que o coletivo quer contar. Como ferramentas metodológicas, trabalhamos com: 1) aproximação com a etnografia e a PesquisaCOM; 2) registro das conversas - diário bordado. Nesse sentido, o percurso metodológico se deu na participação nas atividades do grupo, buscando romper com a neutralidade da/o pesquisadora/or e a objetividade da ciência, e abriu espaço para outros posicionamentos participativos, dialógicos, propositivos e escutatórios, misturando atos de cuidar, de ser cuidada e de investigar. Considera-se a própria imersão no grupo como uma prática discursiva e de produção de sentidos. Problematiza-se a relação entre bordado e cuidado, ligando-se pontos entre as experiências cotidianas e a literatura localizada nas bases acadêmicas. São valorizados os processos baseados em autoria, autonomia e liberdade. Dessa forma, este trabalho dialoga com o campo da Psicologia Social, em sua interface com a saúde, a clínica, a política e a mobilização comunitária. A partir desses campos, buscou-se produzir conhecimentos plurais que contribuam para que as mulheres que vivem à margem (na borda) exerçam o protagonismo devido, em sua cidade e em suas próprias histórias. Apresenta-se, como resultado, o fortalecimento do processo criativo, da coparticipação e dos cuidados mútuos, bem como a tecelagem da poética Bordazul.

Palavras-chave: Cuidado de saúde. Bordados. Bordadeiras. Território. Psicologia Social.

ABSTRACT

This paper aims to present a research developed during the Master in Psychology. This is a research developed from the experiments of the Bordazul collective, which develops health care promotion practices based on embroidery, with a group of women from the north coast of Maceió/Alagoas. The group consists of 26 women. Embroidery weaves narratives about the stories and memories of these women, in relation to their daily lives and their territory. The research aimed to understand how learning embroidery and embroidering together contribute to the production of meanings about care, presenting the Bordazul Collective. To this end, we specifically aim to: a) characterize the Bordazul Collective; b) analyze the relationship between embroidery and care produced by women in Bordazul; and c) identify the stories the collective wants to tell. As methodological tools, we work with: 1) approximation with ethnography and COM Research; 2) conversation log - embroidered diary. In this sense, the methodological approach was to participate in the group's activities, seeking to break with the neutrality of the researcher and the objectivity of science, and opened space for other participatory, dialogical, purposeful and listening positions, mixing acts of care, to be cared for and to investigate. Immersion itself in the group is considered as a discursive practice and of meaning production. The relationship between embroidery and care is problematized, linking points between daily experiences and literature located in academic bases. Processes based on authorship, autonomy and freedom are valued. Thus, this work dialogues with the field of Social Psychology, in its interface with health, clinic, politics and community mobilization. From these fields, we sought to produce plural knowledge that contributes to the women who live by the margin (on the edge) to exercise due protagonism, in their city and in their own histories. The result is the strengthening of the creative process, co-participation and mutual care, as well as the weaving of the Bordazul poetic.

Keywords: Caution. Embroider. Territory. Embroidery. Social Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz da ação cultural Bora Bordar? (2018).....	14
Figura 2 – Painel Coletivo (2015).....	16
Figura 3 – Bordazul em Riacho Doce (2019).....	17
Figura 4 – Panos de Amostra de pontos (2019).....	17
Figura 5 – Detalhe de Pano de Amostra de pontos (2019).....	18
Figura 6 – Maria do Socorro Barros, 98 anos, minha avó (2018).....	21
Figura 7 – Manto da apresentação, de Arthur Bispo do Rosário (2017).....	25
Figura 8 – Bordazul no redário do Sesc Guaxuma (2017).....	37
Figura 9 – Mapa de Alagoas: locais de origem das integrantes do Bordazul (2018).....	38
Figura 10 – Painel de apresentação do Projeto * No tacho do riacho” (2016).....	42
Figura 11– Dona Diná e as casinhas da Rua da Praia. Série “No tacho do riacho" (2016)...	42
Figura 12– Benedita da Silva era irmã de Toinha e fazia sua romaria caminhando de Maceió – AL a Juazeiro – CE. Série "No Tacho do Riacho" (2016)	43
Figura 13– Riacho Doce já teve um cinema (2016).....	43
Figura 14 – Encontro do Bordazul com escultores de Capela. Na foto, João das Alagoas.....	44
Figura 15 – Autorretratos na exposição Casa Bordada, no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro - RJ, 2018. Série “No Tacho do Riacho” (2018).....	44
Figura 16 – Primeiros esboços: desenhando flores imaginárias (2016).....	45
Figura 17 – Flor imaginária de Quitéria: exercício criativo proposto por Pedro Lucena.....	45
Figura 18 – Pássaro bordado: desenho de Pedro Lucena e bordado de Natália (2017).....	46
Figura 19 – Centro Cultural Sesc Paraty – Colcha de retalhos na fachada (2018).....	48
Figura 20 – Artefato em arte plumária. Material gráfico da exposição Além da Beleza - Plumária Indígena Brasileira, do Projeto ArteSesc/Departamento Nacional (1996).....	51
Figura 21 – Tessituras com fibras vegetais e plumas. Material gráfico da exposição Além Beleza - Plumária Indígena Brasileira, do projeto ArteSesc/Departamento Nacional (1996)	51
Figura 22 – Obra do artista Zumba (1984), no acervo da Casa da Arte (2019).....	82
Figura 23 – Primeiro encontro de 2017.....	95
Figura 24 – Exercício “Um bordado para Ninna” (2017).....	96
Figura 25 – Bordando o casaco em homenagem a Bispo (2018).....	101
Figura 26 – O casaco em homenagem a Bispo (2018).....	101
Figura 27 – Luciana desenhando seu autorretrato (2016).....	103
Figura 28 – Matéria sobre o Bordazul no jornal Gazeta de Alagoas (2015).....	108

Figura 29 – Bordazul no Sesc Guaxuma, em março de (2017).....	108
Figura 30 – Bolsas bordadas (2017).....	109
Figura 31 – Bordazul reunido antes da inauguração da exposição (2017).....	110
Figura 32 – Bordado de Zezé - junho de 2017.....	112
Figura 33 – Ensaio do Baianá no Sesc Guaxuma (2017).....	113
Figura 34 – Um vestido para minha neta - julho de 2017.....	113
Figura 35 – Ateliê Bordazul e mostra fotográfica das/os usuárias/os do Caps (2017).....	114
Figura 36 – Bordados e baianas: pontos de laçada de anunciada (2013).....	116
Figura 37– Abertura da Exposição Bordados e baianas: pontos de laçada de anunciada.....	116
Figura 38 – Lúcia Galvão e o Bordazul em “O Grande Veleiro”.....	116
Figura 39 – Baianas do Bordazul no Teatro Jofre Soares 11 de agosto – 2017.....	118
Figura 40 – Bandeirolas da exposição O Grande Veleiro (2017).....	118
Figura 41 – Detalhe - Sereia na bandeirola, assinada por Hercília, do Bordazul (2017).....	119
Figura 42 – Bordado sobre bandeirola de algodão casa da Maria (2017).....	120
Figura 43 – Irmãs Marluce e Helena (2017).....	121
Figura 44 – Renato Imbroisi apreciando as produções do Bordazul (2018)	124
Figura 45 – Desenho autoral o traçado Bordazul (2018).....	125
Figura 46 – Desenho autoral do Bordazul (2018).....	125
Figura 47 – Participação do Bordazul no exame de qualificação – Ufal (2018).....	127
Figura 48 – Participação no exame de qualificação com uma grande roda de Baianá - Ufal, (2018).....	129
Figura 49 – Roda de conversa com a turma de Psicologia e Saúde - Ufal (2018).....	129
Figura 50 – Produções Bordazul.....	130
Figura 51 – Primeiro bordado de Maria.....	131
Figura 52 – Rio São Francisco, viva! Lua de Sangue (2018).....	132
Figura 53 – Renato Imbroisi com bordadeiras da cooperativa Art Ilha (2018).....	133
Figura 54 – Sede da cooperativa. Renato analisando os desenhos bordados (2018).....	133
Figura 55 – Baianas do Bordazul e Coletivo Art Ilha na beira do São Francisco (2018).....	134
Figura 56 – Bordazul na Ilha do Ferro (2018).....	134
Figura 57 – Colcha Bordazul I	135
Figura 58 – Roda de conversa com Daniel, Nina de Paraty e Bordazul - julho de 2018.....	136
Figura 59 – Cartões Postais trocados entre as Borzuldadeiras Poéticas de Paraty e o Borda.....	137
Figura 60 – Cartões-postais enviados pelo Bordazul (2018).....	137

Figura 61 – Cartões-postais bordados, no Encontro Nacional de Artes Visuais do Sesc.....	139
Figura 62 – Produção Bordazul – Bastidores (2018).....	140
Figura 63 – Viagem Maceió - Rio de Janeiro - 17/10/2018.....	141
Figura 64 – Zezé, Tita e Maura na entrada da exposição.....	142
Figura 65 – Mestre Zezé em um vídeo, na Casa Bordada, ao lado de seu autorretrato.....	143
Figura 66 – O Crab Sebrae recebeu o Bordazul com muito afeto e com publicação no Instagram.....	143
Figura 67 – Fotografia da exposição (2018).....	146
Figura 68 – Tita, Zezé e Maria – apresentação em Paraty.....	147
Figura 69 – Capa do catálogo da exposição tesouros bordados.....	172

SUMÁRIO

CONVITE	14
1 APRESENTAÇÃO	19
2 INTRODUÇÃO	23
3 CONTEXTO	29
3.1 Conversando sobre saúde	29
3.2 Exposição Tesouros Bordados: o nosso ponto de encontro	35
3.3 Bordazul: um bordado coletivo	36
3.4 “No tacho do riacho”: o ponto de arremate	41
4 BORDADO	47
4.1 O bordado e a história	47
4.1.1 Bordado no continente americano.....	50
4.1.2 Artes têxteis: feminização da arte	55
5 BORDADO E CUIDADO - Revisão Dialógica da Literatura	59
5.1 O cuidado culturalmente responsável	67
6 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	78
6.1 Construcionismo Social	78
6.2 Percurso metodológico	85
6.2.1 Aproximações com a Etnografia e a PesquisaCOM	85
6.2.2 Registro de Informações - produzindo o Diário Bordado	89
7 DIÁRIO BORDADO	94
7.1 Ponto haste ou astro	95
7.2 Ponto Aresta: des - a - fios	97
7.2.1 Nós e nós	99
7.2.2 Singeleza	99
7.2.3 Há beleza no avesso - o casaco do Bispo	100
7.2.4 A menina que bordava cartas	101
7.3 Outros pontinhos de nós	103
7.4 O cuidado em pequenos retalhos	105
7.5 Para que a rede se amplie é preciso fortalecer os nós	107
7.6 Ponto a Ponto	107
7.7 Ponto corrente: ampliando a rede de afetos	109
7.7.1 Ponto de elos: Espanha - Brasil.....	110

7.7.2 A bordo do grande veleiro de Arthur Bispo do Rosário.....	110
7.8 O ano do Coletivo Bordazul	122
7.8.1 Um moço chamado Renato Imbroisi.....	123
7.9 Ponto Mágico	126
7.10 Ponto mágico 02 - Contando nossas histórias na Ufal!.....	129
7.11 Encontro Bordazul e Coletivo Art Ilha	131
7.12 Encontro de bordadeiras: Bordadeiras Poéticas de Paraty e Bordazul	136
7.13 Bastidores.....	140
7.13.1 Não entregar os pontos... ..	148
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICES.....	164
ANEXOS	172

CONVITE

Convidamos nossas leitoras e leitores para bordarem com o Bordazul, coletivo formado por 26 bordadeiras do bairro Riacho Doce, litoral norte de Maceió/Alagoas. Estamos no nordeste do Brasil. As oficinas de bordado iniciaram em 2013, mas a convicção da existência do coletivo, com a escolha do nome Bordazul, se deu em 2016. Desejamos compartilhar nossos contos e pontos com vocês, que, a partir de agora, passarão a bordar conosco. Bora bordar? Vamos juntas (os) embarcar com o Bordazul, perceber as histórias sobre bordado e cuidado, sob vários pontos de vista, nesse mar de afeto e conhecimento.

Figura 1 – Cartaz da ação cultural Bora Bordar? (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Bora Bordar é uma ação cultural aberta, gratuita, itinerante, o Coletivo Bordazul faz um convite a bordar nas praças, na casa das bordadeiras, na vizinhança... as pessoas vão passando e convidamos: Bora Bordar? É só responder: Bora!

Memórias do litoral norte

Essa região desperta memórias da minha pré-adolescência, entre os anos de 1981 e 1983. Ia, com minha família e amigas/os, todos os domingos, à praia da Sereia, uma piscina natural formada por arrecifes, com água azulzinha, transparente e, nas pedras, a escultura da sereia. Era bem assim. As crianças amavam, e eu, aos 11 anos (1981), não saía de dentro da água, a não ser para comer um peixe frito e delicioso (que era feito ali) ou um acarajé, ou para tomar um caldinho de sururu.

Algumas das bordadeiras que compõem o Bordazul dedicaram suas vidas à preparação e à venda dessas delícias, lá na praia da Sereia. Elas me falaram: “Eu trabalhei em tal restaurante”; “O meu acarajé era o mais famoso”; “Eu vendia bolo e pé de moleque”; “Eu vendia caju e manga na pista”.

Imagino se eu as tivesse conhecido naquele tempo. Imagino como elas seriam, na juventude, e como seria, atualmente, essa praia, caso tivesse recebido cuidados e não fosse abandonada pelas políticas públicas. Toda essa região está na mira da especulação imobiliária que avança, dia após dia, por todo o litoral norte. Porém, quanto à questão ambiental e de infraestrutura, é uma região negligenciada.

Na volta da praia, era obrigatória a parada na praça do Riacho Doce, para comprar brasileira, bolo de macaxeira e massa puba. Uma das integrantes do Bordazul, a Maura, vende, até hoje, seus quitutes na praça, para alegrar os fins de tarde de muita gente.

Se para mim, que não nasci lá, há tantas memórias, para elas, então, que cresceram em sítios cheios de árvores frutíferas, tomando banho em riachos cristalinos, todas essas lembranças estão bordadas com um misto de nostalgia, emoção e visão crítica. Na fala de Toinha¹, a memória do Riacho Doce de ontem:

Criança... a gente vivia numa paz, vivia sossegado. Hoje em dia, tá tudo bagunçado que a gente não pode entrar e deixar nada na porta, a gente não pode deixar a porta nem aberta, a gente não pode nem ter mais uma porta sem grade, a gente não pode ter mais...
É isolado que nem passarinho. Passarinho não, que nem bicho brabo mesmo, que passarinho voa...

¹ Texto gravado durante roda de conversa, no dia 9 de julho de 2018.

Pra dar de comer ao meus fio... eu batia um puçá², eu fazia o puçá, aí eu batia um puçá e entrava nesse rio (Riacho Doce) da porta da minha cozinha até a ponte que hoje em dia tem que a gente passa, na ponte, você pode crer em Jesus Cristo, os camarão era cada um camarão, era deste tamanho assim, que nem um pitu (conhece o que é pitu, né?) [camarão grande] era bem assim... eles pulavam assim “tu tu”, de repente, eu ia como daqui aí o ponto do ônibus eu pegava 2 quilos, 1 quilo e meio de camarão e olhe olhe, quando a maré tava seca eu pegava quilo e meio ou mais, e se a maré tivesse enchendo era rapidinho, num instante pegava camarão e trazia. Chegava, enchia a vasilha assim... hoje em dia dá desgosto!

Hoje em dia num tem mais: o mar foi andando pra cá e foi tomando as casa, e povo botando pra frente e o mar comendo... Eu sei que hoje em dia num tem mais, e o mar, e o mar já tá bem pertinho da pista. O mar já, já toma a pista também, aí tá assim, né? E eu fico assim [...]

Quando eu cheguei ali era três casa... Era a casa do Gracindo de frente, o cemitério, que hoje em dia tem, né? E a casa daquela senhora, que é a mãe do Zé. É a mãe da fia da mulher do Gracindo cá embaixo, somente, ali não tinha nada. Cá embaixo, na entrada, era a casa da vó dessa menina e a casa de farinha da Maria, e casa pra cima não tinha nada, só sítio, ia até o cemitério e, hoje em dia, só falta fazer casa dentro do cemitério (TOINHA, Bordazul¹).

No painel coletivo (Figura 2) e na fotografia do Bordazul (Figura 3), a (r)existência das mulheres, tecendo afeto e novos significados sobre o cuidado: “Sou nascida e criada na Boca do Rio. Antigamente, aqui, tinha muito cajueiro, muita goiabeira, muita mangueira. Hoje em dia tem quase nada. As pessoas tão derrubando pra construir casas” (texto de Lourdes P., bordado em painel coletivo de 2015).

Figura 2 – Painel Coletivo (2015)



Fonte: Acervo Bordazul

² Armadilha de pesca utilizada na região. Para mais informações, visitar o endereço www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/artesanal/armadilha/puca.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2018.

Figura 3 – Bordazul em Riacho Doce (2019)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Ninna Bernardes.

Tecidos de amostras dos pontos: em vários momentos, durante a dissertação, citarei pontos que estão representados nos painéis abaixo.

Figura 4 - Panos de Amostra de pontos (2019)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Ninna Bernardes

Figura 5 - Detalhe de Pano de Amostra de pontos (2019)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Ninna Bernardes.

Mencionarei os pontos que mais utilizo na dissertação e seus significados em minha percepção de aprendiz:

Ponto alinhavo: A agulha passa por cima e por baixo do tecido, fazendo os pontos no direito do mesmo comprimento. Parece uma trilha; **Ponto haste ou astro** para o Bordazul: pontos levemente inclinados, regulares, ao longo da linha do desenho. O fio sai sempre à esquerda do ponto para mim significa raíz; **Ponto atrás:** Puxa a agulha na linha do desenho e faça um ponto para trás através do tecido. Puxa a agulha novamente um pouco à frente do primeiro ponto, faça outro ponto para trás. Introduzindo a agulha no mesmo lugar de onde saiu no último ponto. Avança, recua e depois segue a frente é o movimento da aprendizagem; **Ponto Corrente:** os pontos ficam encadeados um ao outro formando uma corrente. É um ponto básico, a partir dele podem ser elaborados muitos outros. **Ponto Nó Francês:** Puxe a agulha na linha do desenho e então faça um ponto para trás através do tecido. Puxe a agulha novamente um pouco à frente do primeiro ponto, faça outro ponto para trás. Introduzindo a agulha no mesmo lugar de onde saiu no último. **Ponto caseado:** linhas interligadas formando um desenho semelhante a uma casa; **Ponto zigue zague:** alinha vai de lado a outro ligando pontos que estão opostos; **Ponto cheio:** preenche um desenho.

1 APRESENTAÇÃO

O fio da meada...

O processo criativo que compreende o pesquisar me faz pensar sobre a arte das/os tecelãs/ões, que, ao elaborarem seus movimentos continuados com as linhas, vão compondo texturas e harmonizando cores e formas, em um trabalho feito com as mãos, exercitando a atenção e a percepção, reconhecendo o valor de cada artefato concluído, pois será único.

“Encontrar o fio da meada” é uma expressão que significa achar o início da linha em meio a uma porção de fios emaranhados. Faz-se necessário desenrolar o novelo e me apresentar. Sou Kelcy: mulher, descendente de negras/o, índias/os e brancos/as, nascida em São Luís, capital do Maranhão, em 1970. Sou mãe da Clara e do Gabriel. Após esses dois anos de mestrado, de imersão no Coletivo Bordazul e nos grupos de pesquisa Prosa e Laicos, complemento minha apresentação: sou pesquisadora brasileira, nordestina e negra.

Trabalhei no Serviço Social do Comércio (Sesc) durante 21 anos, desenvolvendo projetos culturais, organizando exposições e cursos em artes visuais. O contato com artistas e o público, em seus processos criativos, me conduziu à Psicologia.

Fui demitida no segundo ano do mestrado, mais precisamente em novembro de 2018. A direção da instituição alegou a reestruturação da equipe, porém, em um documento interno, o gestor afirmou que o fato de eu estar cursando o mestrado abriria precedente para que outras/os servidoras/es pleiteassem o mesmo direito. Ressalto que não solicitei isenção de carga horária, mas apenas a flexibilização do horário, que já era uma prática da atividade por sua própria natureza. Considero essa informação importante, porque, daqui em diante, estaremos versando sobre mulheres que desejaram expressar suas histórias, quando a sociedade insistiu em invisibilizá-las. O bordado é nosso “dispositivo que faz falar e não quer calar”, fazendo alusão à fala de Camila Alves no vídeo “O Perigo de achar que as coisas existem a priori”. (ALVES, 2017).

Cursei minha segunda graduação em um centro universitário particular de Maceió, Centro Universitário Tiradentes (UNIT), destacando que só foi possível realizar esse propósito por meio do programa Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Assim, constatei, na própria pele, a diferença que faz cursar uma faculdade particular, no período noturno, trabalhando 40 horas por semana, bem como a importância das políticas públicas para que cidadãs e cidadãos tenham acesso à educação, em todos os níveis.

Na graduação em Psicologia, fui estagiária em dois Centros de Atenção Psicossocial (Caps) de Maceió e pesquisei sobre as oficinas terapêuticas, relacionando o fazer atual dessas instituições com a teoria e a práxis de Nise da Silveira (1905-1999), a psiquiatra alagoana que é considerada, por algumas/uns pesquisadoras/es, como uma das precursoras da chamada Reforma Psiquiátrica.

Na década de 1940, no auge dos tratamentos com eletrochoque e lobotomia, Nise da Silveira inaugurou 17 ateliês de expressão por meio dos mais variados recursos, como tecido, desenho, pintura, argila, além de música, teatro e literatura, em um hospital psiquiátrico, transformando o setor denominado, à época, Terapêutica Ocupacional. Ressalta-se que o primeiro ateliê do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, foi de bordado (SILVEIRA, 1981).

Desde essa experiência de iniciação científica, a relação entre arte e saúde é minha motivação para pesquisar. Já estava próxima a conclusão da graduação em Psicologia, em 2014, quando conheci o projeto “Conversando sobre saúde”, organizado pelo Sesc, e os bordados produzidos por um grupo de mulheres que eram nomeadas “bordadeiras do litoral norte”, sob a orientação de Lúcia Galvão e Gianinna Bernardes. Foi um encontro decisivo. Tomei a iniciativa de convidá-las para expor na Galeria Sesc.

Senti, então, o desejo de pesquisar **sobre** o grupo de bordadeiras, no mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). No final de 2015, pedi autorização às artesãs para apresentar um projeto de pesquisa sobre as histórias bordadas. Ao consultá-las sobre possíveis temas que gostariam que eu enfatizasse durante a pesquisa, afirmaram: “Queremos que você passe no mestrado e conte nossas histórias na Ufal”. Aceitei o desafio e dei início, com esse projeto, a uma pesquisa bordada coletivamente. Por isso, usaremos, daqui em diante, o verbo na primeira pessoa do plural, exceto quando houver referência a opiniões ou vivências pessoais.

Fiz a primeira seleção para o mestrado no início de 2016, e não fui aprovada. Hoje, compreendo o quanto é importante que essa informação esteja aqui, pois, naquele momento de revés, iniciou-se meu processo de **cuidado**. O cuidado da Ninna, ao telefonar no dia em que saiu o resultado. O cuidado do Jefferson, ao dizer que eu havia alcançado um bom resultado, chegando à fase final do processo, e que eu deveria prosseguir, convidando-me, em seguida, para estar, no dia seguinte, no Grupo de Pesquisa em Psicologia Discursiva (Prosa) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGP). Além disso, o cuidado das bordadeiras comigo, bem como o incentivo dado para que eu não desistisse. Por fim, a atenção recebida, no dia seguinte, às 8h da manhã, no Prosa (em

fevereiro de 2016).

Com a rede de proadoras/es, tive a oportunidade de ampliar conceitos sobre a metodologia das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (SPINK, 1999), bem como, fundamentar as práticas de coparticipação e de cogestão do processo de produção do conhecimento. Fui compreendendo, ponto a ponto, uma nova maneira de pesquisar. A aprovação no mestrado aconteceu no fim de 2016. Muitas aprendizagens aconteceram nesse percurso, sendo a mais importante delas a mudança na concepção filosófica do **pesquisar sobre** para o **PesquisarCom**.

A convivência e o compartilhamento de informações, com pesquisadoras/es e profissionais que desenvolvem projetos na mesma linha (de pesquisa), também compõem essa tessitura. Foi em um dos encontros com o Prosa que percebi o quanto o bordado me (re)conecta com as mulheres da família. Relembrei que, quando completei 8 anos, minha avó me falou: “Já está na hora de você aprender a bordar. Sua mãe aprendeu com essa idade, e tudo que a gente aprende serve na vida”. Naquela época, não aprendi. A verdade é que não dei atenção. A essa altura, minha mãe já não bordava mais: dedicou-se aos estudos e me ensinou a gostar de outras artesanias, como a música, a literatura, o teatro e o cinema.

Figura 6 – Maria do Socorro Barros, 98 anos, minha avó (2018)



Fonte: Acervo pessoal.

Depois dessa reflexão em conjunto, compreendi que essa memória, repleta de significados, me torna implicada na pesquisa. Fui conversar com minha avó, pedi-lhe para me ensinar a bordar e para contar as histórias sobre as bordadeiras da família. Vovó, aos 96 anos,

contou que Ernestina (sua mãe) tecia redes e vendia para sustentar a família. Mariana (sua avó) fazia renda de bilro. Ela, Socorro Barros, aprendeu os primeiros pontos do bordado na escola, e bordou, muitas vezes, para complementar o orçamento doméstico. Nesse dia, nós bordamos juntas pela primeira vez.

A imagem que construí da minha bisavó tecendo redes foi um desenrolar de novelo para esta pesquisa. Compreendi que relacionar minha experiência em produção cultural/artes visuais com a Psicologia e a **PesquisaCom** o grupo Bordazul, é tecer uma rede de possibilidades para o cuidado e para o desenvolvimento do potencial criativo.

E, por falar em tecer redes, fomos tecendo tanto, que transformamos um sonho em realidade, vivenciar dois meses e meio de estância na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), participando do “*Programa de Doctorado Persona y Sociedad en el mundo contemporáneo*” del Departament de Psicologia Social, sob a orientação de *Lupicinio Íñiguez-Rueda*, catedrático de Psicología Social no Departamento de Psicología Social da UAB. Atravessar o oceano e apreciar outras margens, dialogar com as/os pesquisadoras/es do *Laicos* e ouvir suas contribuições com nossa pesquisa foi um divisor de águas, uma oportunidade para expandir sentidos e práxis em trabalho coletivo.

2 INTRODUÇÃO

Trama

A concepção ampliada de saúde impulsionou a produção de conhecimento nessa área, resultando nas práticas inovadoras de cuidado. Entre essas práticas, desde a década de 1990, destacamos as atividades artísticas e culturais, que vêm se tornando fortes mecanismos para inclusão e participação sociocultural das populações em situação de vulnerabilidade e risco social. “Estas práticas estão associadas à produção de saúde, nelas há um enriquecimento na qualidade das vidas, há transformação do cotidiano [...]” (CASTRO; SILVA, 2007, p. 103).

Concebida dessa maneira, a saúde compreende o acesso aos bens culturais, aos espaços de convivência e aos projetos disponíveis, no território, que favoreçam as aprendizagens criativas, os encontros, os diálogos e a construção de novas perspectivas de vida. Nesse contexto, o bordado está alinhado a outros recursos expressivos, como o desenho, a pintura, a fotografia, a dança, o cinema, a literatura, a música e o teatro. Essas atividades podem ser realizadas dentro e fora dos espaços clínicos, propondo que sejam realizadas parcerias com setores diversos da comunidade, como escolas, igrejas, associações artísticas e instituições sociais, para a concretização de ações integradas (CASTRO; SILVA, 2007).

Fizemos aproximações com o objeto desta dissertação (relações entre cuidados e bordados) via memória, lembranças, conversas as mais diversas. Neste primeiro movimento, a ideia era entrar em contato com textos, experiências e trabalhos que não necessariamente teriam uma lógica acadêmica. A ideia era encontrar trabalhos que articulassem bordados e cuidados que escapassem da formalidade, construindo justificativas para o porquê pesquisar esta relação. Neste percurso, encontrei o livro de José Murilo de Carvalho, intitulado *Pontos e bordados: escritos de história e política*, de 1995. Carvalho contou que a população do Rio de Janeiro atravessou momentos de pânico e de fascínio entre os dias 23 e 26 de novembro de 1910, tempo que durou a revolta dos marinheiros contra o uso da chibata e de outras práticas humilhantes vigentes na Marinha brasileira.

Em uma das suas idas a São João Del Rei, em Minas Gerais, visitando o Museu de Arte Regional da cidade, o pesquisador teve o olhar provocado por duas toalhas bordadas, em bom estado de conservação. O próprio autor revela o tamanho da surpresa ao saber que a autoria dos bordados era atribuída a João Cândido Felisberto, cujas iniciais constavam pontilhadas (CARVALHO, 1995). O espírito investigativo fez com que Carvalho fosse em busca do “fio da meada” dessa história, e o doador dos bordados ao museu, Antônio Manoel

de Souza Guerra, aos 92 anos, 12 anos mais novo que João Cândido, contou que fora ao Rio de Janeiro como reforço militar, na época das revoltas populares.

Antônio Guerra revelou que conheceu João Cândido na prisão, e que o mesmo bordava sem parar. Eles ficaram amigos. Guerra confessou que nunca havia visto um homem bordando. João Cândido deu-lhe as duas toalhas bordadas com temas escritos: “O Adeus do Marujo” e “Amor”. Na opinião de Guerra, João bordava para aliviar a angústia por ter sido preso de forma traiçoeira por parte dos governantes, bem como por ter perdido 16 dos seus companheiros de cela em uma noite de horror na prisão.

O marinheiro João Cândido nasceu no Rio Grande do Sul e foi o líder da revolta contra os maus-tratos sofridos nos porões dos navios, as chibatadas. Descendente de negras/os, entrou na Marinha aos 15 anos, em 1895. Foi promovido a cabo, no entanto, foi rebaixado por mau comportamento. Era semianalfabeto e rude, como a maioria dos militares naquela época, especialmente os da Marinha. Deixou sua marca na história com manobras “elegantes” em navios de guerra, na Baía de Guanabara (CARVALHO, 1995).

A história do navegante negro foi imortalizada na canção “O mestre-sala dos mares”, dos autores Aldir Blanc e João Bosco: “Salve o navegante negro que tem por monumento as pedras pisadas do cais” (ver Anexo A).

Uma história que possui um alinhavo sutil com a realidade das nossas navegantes do Bordazul: as “chibatas” atuais são a degradação ambiental, a falta de acesso à educação, a dificuldade de acesso à saúde, especulação imobiliária, entre outras formas de opressão. Em contraponto, a necessidade de expressão e a elegância de ser, com a dignidade dos mestres-salas, das porta-bandeiras ou dos mestres e mestras das danças e folguedos de Alagoas. O fato é que esse conto da vida real puxa a memória de outros pontos: os pontos do Bispo do Rosário.

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratinga, Sergipe, em 1909. Em 1925, mudou-se para o Rio de Janeiro, serviu à Marinha, mas foi expulso por mau comportamento. Trabalhou na Companhia de Energia Elétrica do Rio de Janeiro, a Light. Arthur Bispo do Rosário era nordestino, negro, marinheiro, pugilista e empregado doméstico.

Em sua biografia, consta que, após um “surto psicótico”, em 22 de dezembro de 1938, quando acreditou ter visto Cristo descendo à Terra, rodeado por uma corte de anjos azuis, e afirmou ter recebido a missão de recriar o universo para apresentá-lo a Deus no dia do Juízo Final, Bispo se abrigou em um monastério, que o encaminhou ao Hospital dos Alienados, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Sem recuperar-se, diagnosticado como esquizofrênico

paranoide, foi internado na Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu até sua morte, em 1989 (CLAUS, 2006).

Durante os anos de internação, Bispo do Rosário criou desfiando lençóis de cama e reaproveitando o vestuário do hospital, puxando o fio da memória e bordando suas histórias de infância em Sergipe: brincadeiras, folguedos, bandeirolas. Resignificou a clausura e a violência hospitalar através das linhas, das texturas e dos grafismos, criando uma poética única: um inventário de nomes importantes, lembranças das viagens durante o tempo da Marinha e tudo mais que sua imaginação mandasse.

O *Manto da apresentação*, bordado em frente e verso, uma das suas principais obras, é, atualmente, um ícone da arte contemporânea (Figura 7). A 30ª Bienal de São Paulo (2012) homenageou o artista ao reunir todo o seu acervo, atualmente sob a guarda do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, localizado em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Figura 7 – Manto da apresentação, de Arthur Bispo do Rosário (2017)



Fonte: Foto da autora.

A artista Louise Bourgeois revela suas impressões sobre o artista:

Eu adoro o azul de Bispo do Rosário porque o azul é uma das minhas cores. Fiquei fascinada ao saber que a linha azul que ele usava vinha do uniforme do seu hospital psiquiátrico. Ele tinha a capacidade de incorporar um objeto a sua vida de confinamento e transformá-lo num objeto simbólico de sua autoexpressão, mistério, beleza e liberdade (BOURGEOIS apud LÁZARO, p.1, 2012).

Essa travessia entre as naus e os bordados de João Cândido (RS) (1880-1969) e Arthur Bispo do Rosário (SE) (1909-1989) se entrelaça com as vivências à borda do litoral norte alagoano, em pleno século XXI, provocando reflexões sobre as formas explícitas e veladas de exclusão, sobre o valor dos saberes populares e sobre a potência do fazer com as mãos para o cuidado.

Nosso campo-tema é amplo: uma colcha de retalhos composta por leituras acadêmicas, textos literários, rodas de bordado, rodas de conversa sobre bordado e cuidado, estudos no grupo de pesquisa, visitas a exposições, o trajeto de uma viagem, a compra do bolo de macaxeira e do pé de moleque na Praça do Riacho Doce, entre outros espaços e vivências. Compreendemos o campo-tema sob a ótica de Spink (2004), pois assuntos ou situações relacionadas ao trabalho da/o pesquisadora/or podem se conectar e gerar conhecimento. O conceito de campo-tema perpassa toda a nossa pesquisa.

Nessa fiação de experiências, percebemos a relevância dos sentidos e das redes que estão sendo tecidas no Bordazul, reconhecendo que há conteúdos a serem aprofundados, como o conceito de bordado e a concepção de cuidado, bem como a relação que pode ser urdida entre os dois. Consideramos, ainda, a potência das vozes das integrantes do coletivo, que desejaram ver seus conhecimentos transpondo as margens do Riacho Doce, chegando à universidade e além. Entre outras perguntas que nos instigaram, esta guiou nosso caminho: Quais são as histórias que nós, mulheres do Bordazul, queremos contar?

Diante dessas leituras iniciais e da convivência com o Bordazul, objetivamos compreender como a aprendizagem do bordado e o bordar junto contribuem para a produção de sentidos sobre cuidado, apresentando nossa aproximação com a etnografia. Para tal, almejamos, em específico: a) caracterizar o Coletivo Bordazul; b) analisar as relações entre bordado e cuidado produzidas pelas mulheres do Bordazul; e c) identificar as histórias que o Coletivo quer contar.

Algumas autoras como Magda Dimenstein (2004) e Eliane Dias de Castro; Dilma de Melo Silva (2007) argumentam que, quando as pessoas com baixa renda e/ou dificuldades de acesso à educação e mobilidade conseguem essa conexão com “redes de produção de vida”, no bairro ou região, elas estão adquirindo saúde, e as/os profissionais da equipe interdisciplinar têm corresponsabilidade nessa construção. Cada atividade tem características singulares, assim como as pessoas que irão se identificar de acordo com os interesses e/ou as experiências próprias, ou serão conquistadas, a exemplo do que aconteceu com algumas bordadeiras do Bordazul.

Os projetos que se constituem na interface da arte com a promoção do cuidado enfrentam essas questões e debatem sobre elas, trabalhando para formular condições potentes de produção criativa. Nosso levantamento encontrou um amplo campo de ação, em que novas formulações teórico-práticas atuam num compromisso coletivo, dentro de uma abertura de possibilidades de expressão e de linguagem para as populações em situação de vulnerabilidade e risco social (CASTRO; SILVA, 2007).

Convidamos nossas/os leitoras/es a percorrerem esses escritos através de alguns termos da arte têxtil. Apresentaremos o contexto do coletivo Bordazul, quando foi criado, de onde partiu, onde estão localizadas as 26 integrantes, quem são, com quais pontos se identificam.

Falaremos sobre o bordado e contaremos sua história, a partir das leituras efetuadas em artigos, dissertações e *sites* especializados, ressaltando que, como arte de guarnecer, ornar, bordar tem precedentes ancestrais e percorre os cinco continentes. Lembrando que, nos dias atuais, o bordado é expressão, contemplada por Coletivos ou artistas que, individualmente, elaboram experimentações com tecidos e bordaduras, comunicando inquietações e pensamentos da contemporaneidade.

Consideramos que um dos pontos de relevância desta pesquisa consiste na confecção do texto sobre bordado e cuidado, presente na seção 4, no qual tecemos as redes entre a Psicologia e os conhecimentos interdisciplinares, por meio da pesquisa em bases de dados. A partir da leitura dos títulos e resumos, elegemos algumas produções para dialogar. O principal critério de inclusão dos textos foi a seleção de pesquisas que buscaram conhecer grupos de bordadeiras e dispositivos de cuidado que foram construídos a partir desses encontros e do fazer criativo.

Exercitamos a revisão da literatura em praticamente todo o momento da pesquisa. Inicialmente, para aproximação com os temas bordado e cuidado. Em seguida, para conhecer sobre práticas inovadoras em psicologia e saúde. Por fim, a revisão dialógica, buscou ampliar nossos referenciais e aprofundar o conhecimento sobre **cuidado**.

O que buscamos com esse tear foi produzir fiações discursivas entre os conteúdos, conhecendo produções acadêmicas que problematizam o cuidado direcionado a “minorias étnicas”, imigrantes e/ou mulheres em situação de vulnerabilidade.

Consideramos que a conversa com as/os autoras/es, durante a revisão dialógica, foi mobilizadora de importantes ponderações sobre as práticas na atenção, mas corroboramos o pensamento de Magda Dimenstein, em seus artigos produzidos no Brasil, em 2004 e 2008,

nos quais o cuidado transborda a margem do tratamento de doenças e contempla a expansão dos sentidos, a alegria, a possibilidade de cada pessoa vivenciar sua singularidade.

A seção teórico-metodológico situa nosso referencial, fundamentado no Construcionismo Social e nas Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, teorias e práxis nas quais a linguagem produz sentidos e a/o pesquisadora/or está implicada/o, ética e politicamente, em sua pesquisa. Nesse percurso, aproximamo-nos da Etnografia e da práxis da PesquisaCOM, ampliando o nosso conhecimento e as possibilidades de produção de saberes **com** o Bordazul, e não **sobre** o grupo.

A última seção é o diário bordado, que é nosso espaço para contar as histórias vividas nessa trilha de dois anos que foi o mestrado, contemplando, analisando e costurando experiências com referenciais teóricos e literários. Revelamos o bordado, o seu avesso e a colcha de retalhos ou tapiz (tapeçaria) que essa experiência produziu em nossos corpos, bem como as impressões bordadas em nossas vidas, as quais queremos compartilhar com as/os leitoras/es, a partir de agora.

3 CONTEXTO

Tesouros Bordados...

Nesta seção, apresentaremos um pouco da história do coletivo de bordadeiras Bordazul. Ela começa com um projeto no Serviço Social do Comércio (Sesc) de Guaxuma³, denominado *Conversando sobresaúde*. Primeiramente, apresentaremos o referido projeto e passaremos, em seguida, ao Bordazul. A construção deste texto é coletiva como nossos painéis: falas reunidas em textos do catálogo da exposição **Tesouros Bordados**, entrevistas nos meios de comunicação, conversas presenciais gravadas e transcritas ou anotadas no diário bordado, conversas por *e-mail*, *whatsapp* e nos momentos de convivência em Riacho Doce, em Guaxuma, na Ufal e em outros espaços. Em ponto alinhavo, seguimos tecendo.

3.1 Conversando sobre saúde

O Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma instituição de direito privado, mantida por tributos arrecadados da/os comerciantes e repassados, pelo governo, ao conhecido Sistema S (Sesc, Sebrae, Sesi, Senai, Senac, Senar, Sescop, Sest, Senat)⁴.

O público prioritário do Sesc são as/os comerciárias/os, porém seus serviços são extensivos à comunidade. Entre suas diretrizes, estão: a) ação educativa permeando todos os projetos; b) contribuição para a qualidade de vida e cidadania; e c) comunicação com a população do entorno.

Em Guaxuma (palavra de origem tupi, que significa ‘carrapicho’), está localizada a Unidade de Lazer e Turismo Sesc Guaxuma: um equipamento à beira-mar, com áreas para a prática de esportes, pousada, restaurante e espaços de convivência. Durante décadas, esses serviços foram restritos às/aos comerciárias/os e dependentes, ou às/aos pagantes. Em 2012, porém, essa realidade começou a mudar.

³ Bairro da cidade de Maceió/AL.

⁴Sesi: ligado à indústria, oferece opções culturais, de lazer e esporte, além de serviços de saúde; Senai: ligado à indústria, oferece cursos e assessoria técnica; Sesc: ligado ao comércio, oferece opções culturais, de lazer e esporte; Senac: ligado ao comércio, oferece cursos; Sebrae: ligado à micro e pequena empresa, oferece cursos e apoio para acesso a crédito; Senar: ligado ao agronegócio, oferece cursos; Sescop: ligado às cooperativas, oferece cursos e assessorias ao setor; Sest: ligado ao setor dos transportes, oferece opções culturais, de lazer e esporte; Senat: ligado ao setor dos transportes, oferece cursos. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/02/18/O-que-%C3%A9-o-Sistema-S-quanto-custa-e-a-quem-beneficia>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

A meu ver, há dois movimentos que contribuíram para a abertura das portas do Sesc Guaxuma para a comunidade: por um lado, o direcionamento nacional para a ampliação dos serviços do “Sistema S” à sociedade, prioritariamente à população com renda de até 3 salários mínimos, por meio do decreto nº 6632 do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2008⁵; por outro lado, o compromisso das equipes de saúde, recreação, esporte, lazer e turismo social com o trabalho comunitário. Foi nesse contexto que, em 2012, as assistentes sociais Mabel Araújo e Tereza Carvalho iniciaram visitas ao bairro, com o objetivo de formar parcerias e construir o projeto relacionado à área da saúde.

Magda Dimenstein (2001) afirma que o setor de saúde vem alinhavando uma nova relação entre Estado e sociedade, em que se percebe a participação de atores com múltiplos interesses e projetos, propiciando um maior acompanhamento dos serviços prestados à comunidade. Daí, compreendemos que a população é corresponsável pelos rumos tomados pela saúde pública no país, e que o projeto sobre o qual vamos dissertar é fruto dessas conquistas.

De acordo com Eliane D. De Castro e Dilma de M. Silva (2007), esses parceiros poderão gerar ações que signifiquem o comprometimento da sociedade com sua própria saúde, implicando melhores resultados das ações. No território, constroem-se valores e hábitos a partir do próprio corpo e de seus cuidados com a saúde, traduzindo a importância de todos os gestos, problemas e demandas.

O território e os acontecimentos históricos, culturais e ambientais influenciam, diretamente, na produção da vida e da subjetividade da população. Da mesma maneira, a comunidade atua sobre o território, de acordo com sua maneira singular de estar no mundo e de interagir com ele (GONDIM, 2011).

Foi com ênfase na concepção de território preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) que as analistas do Sesc delimitaram o convite às mulheres residentes na área entre os bairros de Guaxuma e Ipioca, abrangendo o litoral norte de Maceió, e deram início aos encontros do Projeto “Conversando sobre saúde”.

Para a concretização do que foi planejado para o projeto, foi alinhavada uma parceria com a Unidade de Saúde da Família (USF) de Guaxuma. Mabel Araújo, assistente social da instituição, esclareceu que a proposta foi iniciada com o objetivo de “[...] atender mulheres

⁵ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/decretosesu/decreto_sesc.pdf. Acesso em: 18 de junho de 2017.

moradoras daquela região, com idade a partir de 20 anos, que apresentavam um perfil de doenças epidemiológicas, como obesidade, hipertensão, depressão, colesterol alto, entre outras [...]” (ARAÚJO, 2015 apud ALVES, 2015).

As moradoras foram encaminhadas ao Sesc por indicação da equipe da USF e convidadas a iniciar os momentos de conversa sobre suas condições sociais, a realidade dos seus trabalhos, a educação e a produção de cuidados. Os temas abordados sempre são relacionados ao contexto da região e às demandas que o grupo vai apresentando a cada semana. Os encontros acontecem desde 2012 até os dias atuais, todas as segundas-feiras, das 9h às 12h. Além das conversas sobre saúde, as mulheres participam de atividades físicas, sempre às segundas, e do turismo social (viagens gratuitas com direcionamento para o lazer cultural).

Neste ponto, cabe um conto importante: o primeiro projeto foi com as crianças da região, denominado “Jogando e aprendendo a viver”, que permanece até os dias atuais. Nele, meninos e meninas entre 7 e 12 anos frequentam atividades esportivas e participam, no balneário, de ações educativas e culturais. A partir dessas atividades, as mães e avós começaram a frequentar a instituição, e as equipes de saúde e lazer do Sesc perceberam que havia outro público potencial: as mulheres. Foi com os projetos “Jogando e aprendendo a viver” e “Conversando sobre saúde”, então, que o diálogo comunidade do litoral norte/Sesc se concretizou.

O Bordazul sempre ressalta como se sente integrado à instituição por meio dos serviços oferecidos: as rodas de conversa e as informações sobre saúde, as atividades físicas, as viagens com o turismo social e as oficinas de criatividade. Os serviços de saúde, esporte, cultura e lazer são oferecidos, também, às crianças da região, que são suas/eus netas/os, sobrinhas/os ou vizinhas/os. Portanto, o Sesc Guaxuma tornou-se um espaço de convivência e de cidadania para um segmento da população do litoral norte.

Ao iniciar cada ano, há divulgação das inscrições para o projeto “Conversando sobre saúde” (que é direcionado a mulheres adultas, residentes entre Guaxuma e Ipioca, com renda de até 3 salários-mínimos) e para o projeto “Jogando e aprendendo a viver” (dirigido às crianças da mesma região, seguindo os mesmos critérios quanto à renda familiar). É necessário apresentar documentos comprobatórios, bem como comprovar assiduidade para continuar participando das ações.

Todas as integrantes do Bordazul declaram o quanto se sentiram bem quando chegaram ao Sesc, no início do projeto:

Vir aqui pra esse Sesc foi a maior alegria da minha vida! Quando eu cheguei, o Rochinha me recebeu com aquela alegria, aquele amor, chamando a gente de sereia. Ele dizia assim: “Bom dia, minhas sereias. Vamos pra piscina, que hoje vai ter hidroginástica [...]” (Maria, Bordazul, 2017).

Edson Rocha (Rochinha) é educador físico e fez parte da equipe que iniciou o projeto. Foi demitido em 2016, causando muita tristeza para todas as integrantes do projeto: sempre falam sobre ele e sobre o quanto era bom serem chamadas de sereias. Contam sorrindo.

Enquanto essas conversas sobre saúde fluíam, nas manhãs de segunda, surgiram demandas sobre a oferta de serviços à comunidade, como a falta destes, as questões ambientais e culturais do litoral norte. O grupo decidiu falar sobre seu território: “Então, tivemos a ideia de fazer algo artístico: resolvemos bordar as histórias das mulheres, ao mesmo tempo em que contamos a história desses bairros”, declarou a assistente social Mabel Araújo, em entrevista ao jornal Gazeta de Alagoas (ARAÚJO, 2015 apud ALVES, 2015).

Era o ano de 2013 quando a equipe de saúde do Sesc fez o convite para a parceria “Nós do bordado”, composta por Lúcia Galvão e Gianinna Bernardes, cujo trabalho propunha o bordado como linha condutora das histórias do lugar, das memórias pessoais e do processo criativo, possibilitando múltiplas formas de expressão. O “Nós do bordado” foi a semente do Bordazul.

O “Nós do bordado” já havia participado de ações educativas com o Sesc, por meio da Coordenação de Cultura e da Coordenação de Assistência. Também já havia realizado outros trabalhos com bordadeiras do Grupo de Idosas do Sesc Maceió. Ministrou cursos em municípios alagoanos, como São José da Laje, Piaçabuçu, Arapiraca e Maceió, culminando na exposição Histórias Bordadas, em 2012, na Galeria Sesc. Havia um diferencial na proposta do “Nós do bordado”, que, em minha análise, era tomar por trama a poética do afeto e a literatura, incluindo a literatura de tradição oral: canções dos folguedos, trava-línguas, parlendas e toda sorte de poesia:

[...] A ideia era traduzir experiências pelos pontos do bordado livre, modalidade que oferece diversidade de pontos e formas de aplicação e favorece a expressão da singularidade de cada pessoa que borda. Pontos do tempo da vovó, pontos ancestrais, pontos inventados, pontos de ontem, de hoje e de amanhã (NINNA BERNARDES, Bordazul, 2017).

Em 2017, Ninna estava na Espanha quando eu pedi, por *e-mail*, que ela escrevesse

sobre a história do grupo. Ela, com a delicadeza de sempre, puxou um fio de lá:

Em 2013, um grupo de mulheres moradoras do litoral norte de Maceió foi convidada a bordar. Esses primeiros pontos foram dados a partir do projeto “Conversando sobre Saúde” que ocorre há alguns anos no SESC Guaxuma por iniciativa da Coordenação de Saúde do Serviço Social do Comércio (SESC), em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Maceió, via Unidade de Saúde da Família Guaxuma.

O “Conversando sobre Saúde” busca promover a saúde de mulheres da comunidade e seu entorno, através de ações diversas, como oficinas, palestras, cursos, passeios culturais, atividades físicas etc. Dentre as ações com o intuito de promover a saúde, foram propostas Oficinas de Bordado, nas quais cerca de 30 mulheres se inscreveram (NINNA BERNARDES, Bordazul, 2017).

Caseando do lado de cá, as meninas me contaram:

Eu tava em casa quando minha vizinha passou e disse: “Tá tendo um projeto no Sesc, ‘Conversando Sobre Saúde’, bora mulher, que é bom lá!” Anunciada foi me chamar em casa, chamou pra mais de 20 mulher nesse Riacho Doce, eu agradeço a ela estar aqui hoje [...] (QUITÉRIA, Bordazul).

Quem me chamou foi a Maura. Eu era vizinha dela quando o projeto começou e ela viu que eu tava numa depressão horrível, eu tava a ponto de enlouquecer e ela disse: Vamo, mulher, tem um projeto bom no Sesc, lá a gente conversa, dança e tem o bordado [...]. Eu agradeço à minha amiga até hoje! (TITA, Bordazul).

Quem me chamou foi essa aqui, oh [conta Terezinha, abraçando Maura e sorrindo] [...] eu sentia muitas dores em meus ossos e era muito problema na minha cabeça, preocupação com todo mundo e esses exercícios foram tudo, as dores passaram e agora o dia de segunda-feira é meu! E essas meninas aqui [mostrando a roda de bordadeiras], cada uma delas é como se fosse minha família. Eu tenho até onde dormir se eu quiser [...] (TEREZINHA, Bordazul).

Aproximadamente 100 mulheres foram avisadas sobre a oficina de bordado. Destas, cerca de 30 se inscreveram. Os encontros aconteceram, semanalmente, de novembro de 2013 até o final de 2014. No início, a maioria das mulheres não sabia bordar, e algumas até choravam por considerar o desafio grande demais, segundo Lúcia Galvão, em conversa durante a exposição **O grande veleiro**, no Sesc Centro, em 2017, na qual houve participação do Bordazul. Lúcia revelou que ela e Ninna foram buscar algumas delas na porta do Sesc Guaxuma: “[...] a Terezinha mesmo ia desistir, e hoje essa moça bordando tão lindo”, falou a educadora, orgulhosa do esmero da bordadeira.

Terezinha já contou sua história em diversos lugares: na Ufal, na Unidade de Saúde do

Conjunto Carminha (convite das/os residentes da Residência Multiprofissional em saúde do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes - Hupaa/Ufal), na roda de conversa do Riacho Doce, e em muitos outros. Sempre a conta, ressaltando as muitas formas de cuidado recebidas, a atenção da amiga Maura, o afeto da Ninna (ao acolher seus temores e lhe convidar a permanecer nas oficinas), a proteção da sua filha (ao assumir todas as tarefas da casa para que ela pudesse se dedicar à nova aprendizagem):

Eu ia desistir, o bordado não tava conseguindo entrar na minha cabeça, aí eu cheguei aqui com o paninho e as linhas pra entregar, aí a Ninna me abraçou e disse: “Você não vai embora, não, Terezinha, você vai bordar!”. Quando eu cheguei em casa, minha filha disse: “Mãe, você vai conseguir! Vou fazer todo serviço de casa, você vai ficar bordando até fazer tudinho!”. E hoje eu já fui dar aula de bordado na universidade, eu nunca pensei, na minha vida, de dar aula na Ufal! (TEREZINHA, Bordazul).

Para além do bordado, conversas, leituras e cantos fizeram parte do processo criativo mediado por Ninna Bernardes e Lúcia Galvão. Ninna Bernardes (2017) poetizou, via *e-mail* que atravessou o oceano em uma **rede**, a internet. Tudo se conecta.

Diálogos que foram acordando lembranças, que contavam sobre um território que vem sofrendo muitas mudanças ao longo dos anos. O grupo foi costurando pensamentos sobre o passado, presente e sobre o que deseja para o futuro [...] Cada uma das mulheres teve espaço-tempo para trazer seu ponto de vista, suas lembranças, suas impressões: sua história (NINNA, 2017).

Prosseguindo, ela conta que, nas rodas, junto com o bordado, foram surgindo relatos de como estavam bem, da disposição, da diminuição da insônia, da melhora da autoestima e da redução do uso de remédios, relatos acompanhados de visíveis transformações observadas na postura corporal e nas expressões através da linguagem falada ou bordada. Lúcia Galvão (2017) afirmou, em uma prosa por telefone: “Elas foram desabrochando”.

Mabel Araújo Santos e Tereza Carvalho dos Anjos, assistentes sociais responsáveis pelo projeto “Conversando sobre saúde”, escreveram, no catálogo da exposição **Tesouros Bordados**, que aconteceu em janeiro de 2015, pouco mais de um ano depois do início do projeto:

Dentre as ações propostas, a arte do bordado se configurou como um dispositivo de expressão da memória. As histórias vividas, as referências ao local em que vivem (com seus contrastes culturais, sociais e econômicos), os saberes e os valores aprendidos com os antepassados foram compartilhados

em cada encontro, com um esperançoso olhar para o futuro (CATÁLOGO TESOUROS BORDADOS, 2015).

O projeto “Conversando sobre saúde” segue acontecendo até os dias atuais, proporcionando encontros, sociabilidade, ações de lazer, educação e cidadania.

3.2 Exposição Tesouros Bordados: o nosso ponto de encontro

Devido à minha função de analista, responsável por programar exposições e cursos de artes visuais, fui convidada para conhecer as bordadeiras e suas produções em 2014. Fiquei encantada com as composições, especialmente com as mulheres e seus depoimentos sobre mudanças muito significativas em seus estados de saúde, após terem aprendido a bordar. Convidei o grupo para realizar uma exposição na Galeria Sesc, em Maceió, que foi inaugurada em janeiro de 2015: a exposição **Tesouros Bordados**.

A exposição **Tesouros Bordados**, sob a curadoria de Alice Barros e Robertson Dorta, alcançou uma excelente repercussão: foi capa do caderno de cultura de um jornal local, rendeu matérias na TV e itinerâncias do acervo (ver Anexo B).

Em 2015, após a exposição na Galeria Sesc e, posteriormente, no Maceió Shopping, a parceria “Nós do Bordado” encerrou seu ciclo, deixando laços, boas memórias e um trabalho que não poderia parar, porque as bordadeiras desejavam/desejaram e decidiram prosseguir. Permaneceram bordando, reunindo o grupo na varanda das suas casas, na praça, na igreja ou na associação de moradoras/s: não importava o lugar, nem a falta de recurso.

Na fala da bordadeira Deise, compartilhando sua experiência com um grupo: “O bordado teve uma quedinha, né? Porque acabou o financeiro e a professora Gianinna assumiu! Aí começou o Bordazul!” (DEISE, Bordazul).

Deise conseguiu elaborar uma síntese dos acontecimentos. Naquele momento, a Coordenação de Saúde não iria mais continuar a ser responsável, financeira e tecnicamente, pelas oficinas de bordados. Não havia mais orçamento para o pagamento das facilitadoras e para a compra de materiais. A Coordenação de Cultura não havia previsto recursos. A tendência seria acabar o trabalho.

No entanto, o grupo de mulheres (re)unidas decidiu prosseguir, e Ninna, que havia sido “professora”, nas palavras das bordadeiras, pois ensinou os pontos e foi mediadora do processo criativo, juntamente à Lúcia Galvão, seguiu com o grupo, independentemente do suporte institucional, por acreditar na proposta e por uma implicação estética, ética e política.

Quando o projeto proposto pelo Sesc foi finalizado, persistiu nas mulheres o desejo de continuar bordando. Persistiu nas novas bordadeiras e em mim o desejo da continuidade dos encontros, da produção de memórias, saúde, movimentos: sentidos.

[...] buscamos construir coletivamente formas de dar continuidade ao processo de grupo e ao trabalho como um todo, sabendo que nosso **desejo** era o que havia de mais importante e potencializador para sustentá-lo.

Algumas parcerias e apoios se aliaram ao nosso desejo de continuidade e tivemos importantes contribuições, sobretudo no que tange à disponibilização de espaço para os encontros e materiais para os trabalhos.

Nos reunimos em muitos lugares, nas casas de algumas das bordadeiras, na associação de moradores do bairro, em igrejas e no próprio espaço anterior, do Sesc Guaxuma, onde tudo começou.

“Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”, sopra em nossos ouvidos Manoel de Barros (NINNA, Bordazul, 2017, grifo nosso).

Compreendemos que havia um desejo comum, de seguir juntas, naquele momento, se Ninna não tivesse coordenado essa continuidade, elas não teriam prosseguido como grupo, em nossa percepção. Por outro lado, se elas não tivessem o desejo de continuar, só o empenho de Ninna não seria suficiente para uma continuidade. “[...] Dia a dia o bordado foi promovendo novas possibilidades e diversas perspectivas foram se delineando nas mãos, nas cabeças e nos corações de todas nós” (NINNA, Bordazul, 2017,).

Trata-se de uma tessitura delicada, de um processo que requer atenção e tempo, seguidos da constância dos encontros: uma bordadura de valorização dos nossos saberes e potenciais.

3.3 Bordazul: um bordado coletivo

Segundo Ninna (Bordazul), em 2016, o grupo de bordadeiras do litoral norte foi batizado, nas águas do Riacho Doce, como Bordazul, uma reverência à cor do céu e do mar alagoanos, à borda/beira do mar em que vivem as mulheres que o compõem e ao bordado, como elemento que acolhe, inclui, fundamenta e motiva.

O grupo Bordazul é formado por laçadas e pontos de um desejo coletivo: Cícera, Deise, Gercina, Hercília, Helena, Iranize, Iracema, Lindinalva, Luciana, Adriana, Lourdes Paulino, Lourdes Teixeira, Maria José, Marinalva, Marinete, Marluce, Maura, Natália, Nilda, Quitéria, Terezinha, Tita, Toinha, Zezé, Ninna e Kelcy. Somos todas Bordazul.

Em acordo dialogado no grupo, decidimos que nossos nomes seriam revelados de forma consentida, para além do TCLE, por consciência da importância das nossas assinaturas, significando nossa própria história e singularidade, apenas o nome que escolhemos para nos apresentarmos. No entanto, quando os posicionamentos forem de todo o grupo, atribuiremos as declarações ao Bordazul, e, quando se tratar de situações de conflito ou de assuntos particulares e delicados, utilizaremos nomes de pontos reais ou inventados para designar a pessoa que está falando, evitando, desse modo, exposições e constrangimentos.

O Bordazul é um coletivo independente que se reúne em diversos locais: nas casas das participantes, na associação de moradoras/es do bairro, em igrejas e no Sesc Guaxuma, conforme registro na Figura 8, nas tardes de segunda-feira. Em 2017 e 2018, os encontros sistemáticos do coletivo integraram a ação educativa do projeto “Diálogos em Artes Visuais”, uma proposta de formação continuada para artistas e pesquisadoras/es em artes. Em 2018, o projeto foi referendado e recebeu subsídio do Departamento Nacional do Sesc, localizado no Rio de Janeiro.

Figura 8 – Bordazul no redário do Sesc Guaxuma (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 9 – Mapa de Alagoas: locais de origem das integrantes do Bordazul (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

O mapa acima, “Figura 9”, localiza as bordadeiras em seus municípios de origem. O mapa foi elaborado este ano (2019) com o objetivo de participar de um intercâmbio com grupos de bordadeiras da Espanha. O projeto versará sobre diásporas e apresentará percursos bordados por bordadeiras da Espanha, Brasil e outras nações.

Alguns princípios, como a autonomia, a expressão própria, a prática de ateliê coletivo, o intercâmbio com artistas, o compartilhamento do saber com outros grupos e o referencial nas histórias pessoais, nas histórias da comunidade e na literatura fazem parte da linha condutora do processo criativo do Bordazul.

Em nossos autorretratos bordados, contemplamos mulheres negras, índias e brancas: moradoras de Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Mirante, Ipioca, mas, principalmente, do Riacho Doce. Com idades entre 31 e 71 anos, essas mulheres são mães, muitas delas avós. Algumas são casadas; outras, viúvas, separadas e solteiras. As ocupações são variadas: trabalhadoras domésticas, diaristas, artesãs, pescadoras, agricultoras, cozinheiras, costureiras, boleiras, dona de quiosque na praia, educadora/escritora, professora e psicóloga.

Do total de bordadeiras, no que diz respeito à escolaridade, 90% das integrantes cursaram o ensino fundamental, mas sem concluir; poucas terminaram o ensino médio; apenas três têm o ensino superior completo. Zezé e Toinha aprenderam a escrever seus nomes bordando, enquanto Maria aprendeu a ler com os livros e revistas que encontrava no lixo dos lugares em que trabalhava. Iranize voltou a estudar após ser avó, aos 39 anos, e está cursando o ensino médio técnico em Artesanato do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), onde ingressou, em 2018, com uma alegria de menina.

Pouca escolaridade formal e muitos saberes: conhecemos os segredos das plantas que curam, o ponto dos doces, as receitas dos peixes e do camarão, os cantos dos folgedos, os passos das danças. Sabemos como se faz uma casa de taipa, uma casa de farinha. Experimentamos diversas formas de pescar e, atualmente, todas desenhamos e bordamos.

Algumas integrantes contam que a vizinhança não era suficiente para que elas se aproximassem de verdade, nem mesmo o fato de serem parentes: há mães e filhas, irmãs, cunhadas, tias e sobrinhas, avós materna e paterna da mesma netinha: “A gente passava uma pela outra, dava bom dia, boa tarde, se conhecia, mas não era essa amizade que é agora”, disse Lindinalva (a Linda do Bordazul), agradecendo o apoio recebido do grupo quando seu companheiro de muitos anos faleceu em seus braços, em 2017. “Foi um trauma muito grande, cada uma vinha e me dava um apoio. Se não fosse o Bordazul, eu não teria aguentado” (LINDA, Bordazul).

Cada uma das bordadeiras revelou ser alinhada com um ponto bordado. Escolhemos, juntas, nossos pontos de identificação: Linda é ponto de **elos**; Iranize é **haste** (também conhecido como **astro** no Bordazul); Zezé é **astro**; Adriana é **haste**; Tita é **corrente**; Nilda é **caseado aberto**; Terezinha é **corrente**; Maria é **ponto margarida e matiz**; Hercília é **corrente**; Deise é **haste**; Toinha é **corrente**; Natália é **espiga**; Maura é **corrente**; Nete é **caseado**; Lourdes Teixeira é **corrente**; Gercina é **haste**; Lourdes Paulino é **ponto atrás**; Luciana é **ponto areia**; Nalva é **astro**; Marluce é **ponto cheio**; Helena é **rococó**; Quitéria é **caseado** e, outras vezes, **aresta**; Cema é **ponto corrente**; Cícera é **ponto cheio**; Ninna é **ponto folha** e Kelcy é **ponto corrente**.

A escolha do ponto como identidade revela a alegria de aprendê-lo, a dedicação necessária, o esmero e a criatividade de poder reinventá-lo: cada ponto com seu valor e sua contribuição singular para a formação desse imenso bordado azul.

Ninna fez uma reflexão poética, percebendo que, às vezes, somos pontos distintos, dependendo das circunstâncias e que, nesse percurso, nos revelamos, também, outros elementos dessa tessitura:

Ora nos sentimos novelos, linhas de muitas cores, à espera de quem nos queira tomar em suas mãos para tecer e bordar; ora somos tecido, resultado de redes que nos antecederam, sustentado por mãos que a um só tempo trazem força, firmeza e delicadeza, tecido no qual se inscrevem histórias; ora somos agulha que em movimento contínuo alinhava, borda, produz marcas, registra memórias. “Atrás” do tecido, da linha, da agulha, pessoas. Pessoas que colocam tudo isso em relação. E desse “atrás”, eis que surgem, à frente, autorias (NINNA, Bordazul).

Eu me encontro em ponto corrente, unindo as linhas das nossas histórias com as de outras/os pesquisadoras/es que direcionam sua ética para as/os que estão à margem (à borda). O trabalho coletivo e a coparticipação na aprendizagem são a minha fiação.

Um/a leitor/a poderia perguntar: Qual é o cheiro das integrantes do Bordazul? Cheiro de mar e de beira de rio, “limpinho”, como conheceram e como lamentam tanto que não seja mais. Aroma de bolo de macaxeira, massa puba, brasileira e beiju⁶ saindo do forno à lenha. As meninas do Bordazul têm perfume de quem casou cedo e cuidou da/os suas/eus filhas/os e dos filhas/os alheias/os, começando a trabalhar ainda na infância, na lida doméstica, em troca de alimento e roupa. Cheiro de suor e de lágrimas, pois algumas perderam filhas/os, parentes próximas/os, companheiras/os e amigas/os.

Desdobramos os novelos da vida e pontilhamos a palavra re-sis-tên-cia. Seguimos brincando debaixo das mangueiras e dos cajueiros que ainda restam, abraçando forte, sentindo o cheiro da outra, cultivando acolhimento.

Desde seu fortalecimento como coletivo, o Bordazul vem participando de itinerâncias com o acervo **Tesouros Bordados**, promovendo intercâmbios com estudantes das unidades de educação Sesc Ler, nos municípios de Palmeira dos Índios e Teotônio Vilela, integrando rodas de conversas sobre saúde na Ufal, no Caps, no Conselho Regional de Psicologia de Alagoas e em outras instituições e municípios, sempre compartilhando histórias e vivências criativas com o bordado:

As bordadeiras se tornaram multiplicadoras da proposta, o bordado como uma forma de expressão, ao alcance de quem aceita o desafio de construir com fios: puxar o fio da memória e registrar sua história com fios de muitas cores e texturas. Estar “do outro lado”, no lugar de quem ensina, produz deslocamentos simbólicos importantes. Socializar o que se aprende foi e continua sendo uma importante premissa do trabalho (NINNA, Bordazul).

É importante ressaltar o protagonismo das bordadeiras que solicitaram novas aprendizagens, encontros com outras/os artistas e troca de informações, bem como se permitiram algumas vivências, a exemplo da participação no Projeto “No tacho do riacho”, no qual foram desafiadas a desenvolver novas habilidades: entrevistar moradoras/es da comunidade, registrar seus depoimentos e bordar a memória do Riacho Doce, incluindo, nesses registros, seus autorretratos.

⁶Comidas regionais.

3.4 “No tacho do riacho”: o ponto de arremate

O desejo de continuar foi, literalmente, bordado pelo Bordazul. Buscando possibilidades de dar continuidade aos encontros, em 2015, Ninna, juntamente com as bordadeiras, inscreveram um projeto no edital da Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC) de Maceió – Prêmio Eris Maximiano. O projeto propunha potencializar o fazer artístico do Coletivo Bordazul, através de diversas ações, como vivências de bordado, oficinas de desenho, intercâmbios com outros coletivos de bordadeiras, entre outras ações. O projeto foi aprovado em 2015 e realizado em 2016.

‘No Tacho do Riacho’ teve ações direcionadas ao bairro do Riacho Doce, por ser o bairro no qual reside a maioria das bordadeiras, além de sua identidade cultural bastante peculiar, destacando-se a culinária. A proposta foi motivar a pesquisa, o reconhecimento dos guardiões dos saberes e tradições do bairro, contribuindo para o fortalecimento da comunidade e da cidade (NINNA, Bordazul).

No início do projeto, surgiram algumas dificuldades para o Bordazul ir às casas das/os moradoras/es do Riacho Doce, tecer perguntas e ouvir suas histórias: problemas como dificuldades de deslocamento, falta de tempo, estranhamento e timidez. Porém, quando começaram as visitas, foi uma felicidade!

Atualmente, as bordadeiras relatam essa experiência com muito orgulho: “Nós fomos entrevistar os moradores mais antigos do bairro, bordamos suas histórias e fizemos nossos autorretratos, cada uma com um tacho e uma comida típica que escolheu”. Um dos resultados das pesquisas foi a produção dos painéis com as histórias das/os moradoras/es da comunidade, conforme Figuras 10, 11, 12 e 13.

Figura 10 - Painel de apresentação do projeto “No Tacho do Riacho” (2016)



Fonte: Acervo Bordazul

Figura 11 – Dona Diná e as casinhas da Rua da Praia. Série “No Tacho do Riacho” (2016)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 12– Benedita da Silva era irmã de Toinha e fazia sua romaria caminhando de Maceió AL a Juazeiro - CE. Série "No tacho do riacho" (2016)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 13– Riacho Doce já teve um cinema (2016)



Fonte: Acervo Bordazul.

Outra das ações do projeto “No Tacho do Riacho” foi o intercâmbio com artistas de Capela, município de Alagoas. No encontro com o João das Alagoas e outros escultores do município de Capela, as bordadeiras narravam suas histórias, enquanto mostravam seus autorretratos (Figura 14). Essa história sempre está entre as escolhidas pelo grupo para serem contadas.

Figura 14 – Encontro do Bordazul com escultores de Capela. Na foto, João das Alagoas (2017)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Luciana

Na produção dos autorretratos, muitas delas choraram ao se olharem no espelho e enfrentarem o desafio de desenhar o próprio rosto: “Quando a Ninna disse que eu ia me desenhar, eu chega chorei, a lágrima pingava e pensei: ‘Não vou conseguir’. Mas ela foi lá em casa e ficou comigo, e eu desenhei”, exalta Marinalva (a Nalva do Bordazul) ao relembrar a experiência!

A fotografia da Figura 15 é o registro dos autorretratos participando da Exposição Casa Bordada, sob a curadoria de Renato Imbroisi, realizada no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB- Sebrae/RJ), na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 15– Autorretratos na exposição Casa Bordada, no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro - RJ, 2018. Série “No Tacho do Riacho”



Fonte: Acervo Bordazul.

Compondo ações do projeto “No tacho do riacho”, houve, também, um encontro entre

o Bordazul e o artista visual Pedro Lucena, que ministrou uma série de oficinas de desenho, fundamentado na apreciação da natureza, na apreciação das obras de outras/os artistas e no fio da imaginação. Desse encontro, nasceram as séries de desenhos e bordados “**Flores**” e “**Pássaros Imaginários**”, além da blusa Bordazul, com desenho de Pedro. Do fio da imaginação, saíram muitas imagens bordadas: flores em cores quentes ou frias, nas mais diversas formas e texturas, pássaros azul-turquesa e de muitas cores. Desses bastidores, foi emergindo o gosto pela liberdade de criar (Figuras 16, 17 e 18).

Figura 16 – Primeiros esboços: desenhando flores imaginárias (2016)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 17– Flor imaginária de Quitéria: exercício criativo proposto por Pedro Lucena (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Nesse projeto, o Bordazul fez seu arremate enquanto **coletivo**. As bordadeiras foram questionadas sobre os seus autorretratos, nos quais as suas pernas não apareciam. Estariam elas “sem pernas”, na iminência de Ninna viajar e passar um ano fora? Se estávamos nos

sentindo assim, depois de compreender tudo que fomos capazes de realizar, ressignificamos, redesenhamos nossos retratos com pernas e criamos asas como demonstra o pássaro na figura 18.

Figura 18 - Pássaro bordado: desenho de Pedro Lucena e bordado de Natália (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Em 2017, Ninna afastou-se temporariamente do Brasil, indo residir na Espanha por um ano e, nesse período, eu assumi a condução colaborativa com o Bordazul. Seguimos com nossos encontros às segundas-feiras, e me dediquei a compartilhar minha experiência na apreciação de exposições de artes visuais e nos encontros com artistas para o diálogo e a experimentação com bordado, desenho, pintura, fotografia e as mais diversas possibilidades de criação.

Muitas potências surgiram a partir desses encontros. Por exemplo: a vontade de dançar. Convidamos o músico Wilson Santos, percussionista e pesquisador, para dialogar sobre o Baianá. Essas atividades foram puxando o fio do movimento: ensaiamos, dançamos, cantamos e bordamos, claro!

Essas e outras histórias, protagonizadas em grupo, estão sendo bordadas nesta dissertação, e serão detalhadas no Diário Bordado.

4 BORDADO

Bordado é cuidado [...]

Maura

4.1 O bordado e a história

A presente pesquisa me conduziu a puxar fios da história, da psicologia, da mitologia, da história da arte, da museologia, entre outras áreas do conhecimento, e a estar atenta ao que foi produzida sobre o bordado, a fim de tecer novos pontos, adornando a linha do tempo até os dias atuais, nos quais o bordado parece acordar sentidos e re-unir **coletivos**, potencializando encontros, cuidado e criação.

Para encontrar os teóricos a seguir, contei com a experiência do campo-tema, de acordo com Spink (2004), pois, como eu já estava em meu campo de forma integral, durante a pesquisa, as perguntas surgiam, as curiosidades eram despertadas, os autores eram encontrados pessoalmente e seus textos me ofereciam pistas para que eu fosse buscar informações complementares, em livros ou bases de dados.

Exemplificando: Mariana Guimarães, arte-educadora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), eu conheci pessoalmente, em Paraty-RJ, durante a participação do Bordazul no projeto **Bordados Poéticos 2018**. Mariana compôs a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, em 20 de outubro de 2018, no Sesc Paraty, compartilhando sua experiência ao conduzir um processo criativo com arte têxtil com um grupo de artesãs e um artesão, o qual resultou em uma colcha de retalhos, que pode ser visualizada na imagem 19.

A história da colcha de retalhos e a tradição do bordado se entrelaçam e nos proporcionam uma imagem concreta para nossa pesquisa, pois reuniremos, neste texto/tecido, contos, pontos, depoimentos e reflexões teóricas e metodológicas sobre cuidado e bordado, compondo, com nossa rede de pesquisadoras/es tecelãs/ões e com o Bordazul, nossa própria colcha de retalhos bordada.

A poética da colcha de retalhos me acompanhou durante a construção desta dissertação: ela me fala sobre originalidade, sobre como os pensamentos das/os autoras/es e os nossos se encaixam, bem como sobre a escrita como um processo criativo que busca coerência, ritmo e harmonia. Mariana Guimarães (2018) me apresentou a **linha do tempo** do bordado. Puxei a ponta dessa linha e desfiei, buscando informações em livros sobre mitologia,

na Enciclopédia Itaú Cultural e em autoras/es que construíram conhecimento sobre a arte da bordadura.

Figura 19 – Centro Cultural Sesc Paraty – Colcha de retalhos na fachada (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Em nossa compreensão, assim como a arte, a mitologia foi criada a partir da necessidade de expansão do humano. Notamos que o imaginário ocidental foi povoado de histórias de fiandeiras. Na mitologia grega, vamos encontrar as Moiras, três irmãs tecelãs, filhas de Nix: Cloto, a fiandeira, a que tecia a teia da vida; Átropos, a que cortava o fio da vida; e Láchesis, a que distribuía a parte que cabia a cada alma. Elas determinavam os destinos dos deuses e dos homens (DELL, 2014).

Segundo a oralidade grega, Aracne era tão boa tecelã que se enredou em sua vaidade e esqueceu-se de que havia recebido esse dom da deusa Atena, que era a deusa da sabedoria e das artes manuais. Ao des-a-fiar a entidade para uma competição de pontos, foi transformada em aranha, porém, em gesto de solidariedade e reconhecimento, Atena lhe concedeu a continuidade do tecer de suas teias para a eternidade, lembrando que a aranha não tece sozinha (DELL, 2014).

Penélope tecu, durante 20 anos, à espera de Ulisses, fiando e desfiando para livrar-se de pretendentes indesejados até o regresso do seu amor (DELL, 2014).

É possível que, dessa memória coletiva de Penélope, símbolo de espera e fidelidade, tenha nascido a idealização de que, enquanto esperavam seus maridos voltarem da guerra, da pesca ou dos “afazeres masculinos”, as mulheres teciam, aguardando pacientemente e cuidando do lar. Contudo, sabe-se que esse movimento de tecelagem, dentro das casas, gerava renda e, na maioria das vezes, o sustento das famílias.

Adrine Santana e Renilda Bastos (2014) relatam que, no século XVII, as mulheres se encontravam para fiar e conversar, sob o som das rocas e fusos. As pesquisadoras afirmam que:

Essa produtividade permitiu o confinamento da mulher no espaço doméstico. E o excedente da produção levou a formas primitivas de acumulação de riquezas, o aumento de casas onde a fiação e tecelagem se faziam longe das vistas da sociedade, permitindo que os homens ocultassem a dependência da produtividade feminina. No entanto, isto contribuiu para que elas passassem o dia reunidas, tecendo juntas, contando histórias, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação (SANTANA; BASTOS, 2014, p. 26).

Ressaltamos que o fiar de Penélope é, também, um movimento de resistência à pressão social para que ela se casasse novamente. Sendo assim, a história das mulheres tecelãs foi, e segue sendo, narrativa de resistência, por meio do trabalho, da união e da geração de sustento para a família.

A história de Ariadne nos acompanha desde o início desta dissertação. A filha do Rei Minos ajudou Teseu a sair do labirinto através de um fio, foi por ele levada à Ilha de Naxos e, lá, abandonada. Na ilha, Ariadne encontra-se com Baco (ou Dioniso, para os romanos) e se casam (BULFINCH, 2006). Ariadne simboliza o **fio** que nos conduz ao caminho de volta a nós mesma (os) e ao reencontro com a alegria representada por Baco.

Durante esta pesquisa, percebemos que a linha que fia a história do bordado é uma espiral que dá voltas pelo globo (Terra) e pontilha o tempo, adornando as poéticas e o cotidiano de muitas gerações.

Mariana Guimarães (2018) contou na mesa de bate-papo, no Sesc Paraty, que há estudos arqueológicos comprovando que, há 37 mil anos, homens e mulheres já teciam, e acrescentou que estudos recentes da paleontologia revelaram que o homem usava redes para caçar animais, há 26 mil anos, no período paleolítico superior (informação gravada e transcrita)⁷.

Essa descoberta atribui às mulheres o trabalho de elaboração das redes, um reconhecimento significativo em uma construção sócio-histórica de uma masculinidade ativa e das mulheres como procriadoras. A informação da pesquisadora Mariana Guimarães é reafirmada por Simone Rebouças (2019).

⁷ Informação fornecida por Mariana Guimarães durante a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, no Sesc Paraty, em 2018.

Simone Rebouças afirma que, no período paleolítico, o ponto-cruz era usado para coser as vestes, elaboradas com peles de animais. As agulhas eram de osso e, na fiação, eram usadas entranhas de animais ou fibras vegetais. Há comprovação de um fóssil, encontrado na Rússia, com as vestes adornadas com grãos de marfim, datando de 30 mil anos a.C. (REBOUÇAS, 2019).

4.1.1 Bordado no continente americano

Karine Queiroz (2011) propõe o reconhecimento das inúmeras técnicas de artes têxteis e dos pontos desenvolvidos, com maestria, desde tempos remotos:

A riqueza, a amplitude das técnicas, os elementos decorativos, a vastidão de pontos e técnicas das artes têxteis pré-colombianas (inclusive a vasta arte plumária do Cerrado e da Amazônia, como a Mundurukaia, antiga região da etnia Mundurukú entre os Rios Tapajós e Madeira, como grandes extensões territoriais no Brasil) desencorajam, ou pelo menos deveria desencorajar, qualquer generalização do tipo que insere estas artes como parte de um saber fazer “importado” pelo colonizador, mecanismo este, parte do colonizar e de colocar seu saber frente aos saberes autóctones e estes como inexistentes ou inferiores (QUEIROZ, 2011, p. 6).

Maria Luísa da Cunha e Eunice Caixeta (2012) ressaltam que os bordados estavam presentes nos artefatos produzidos por civilizações milenares que habitavam as Américas, e que, antes da chegada dos colonizadores portugueses, indígenas (e, posteriormente, africanos), teciam e seguem, até os dias atuais, tecendo e bordando, mas, ao longo da nossa história, foram expressões invisibilizadas. Nas Figuras 21 e 22, que seguem abaixo, exemplos de artefatos elaborados por etnias brasileiras que integram a exposição “Além da Beleza - Plumária Indígena Brasileira” promovida pelo Sesc Nacional.

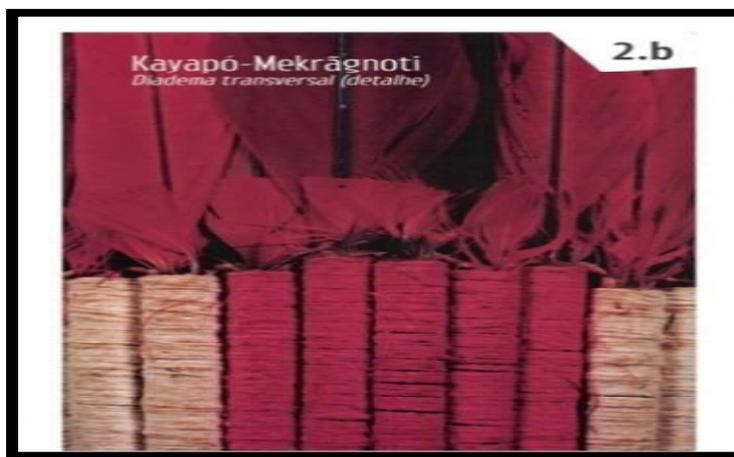
Concordamos com as pesquisadoras, esclarecendo que sempre cultivamos os bordados e diversas formas de tecelagens nas Américas, e que as/os imigrantes foram e são bem-vindas/os na manufatura da nossa história e das nossas tradições, mas consideramos significativo reacender essa linha do tempo – uma linha de resistência – presente nas histórias das integrantes do Bordazul.

Figura 20- Artefato em arte plumária. Material gráfico da exposição Além da Beleza - Plumária Indígena Brasileira, do projeto ArteSesc/Departamento Nacional (1996)



Fonte: Sesc.

Figura 21 – Tessituras com fibras vegetais e plumas. Material gráfico da exposição Além da Beleza - Plumária Indígena Brasileira, do projeto ArteSesc/Departamento Nacional (1996)



Fonte: Sesc.

De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (2019), a arte pré-colombiana compreende as manifestações artísticas dos povos nativos da América, antes da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492. Todo o patrimônio das grandes civilizações do período anterior à colonização do continente americano pelos europeus é sua arte.

Fazem parte do universo artístico dessas civilizações tanto os templos e casas quanto as esculturas, relevos, pinturas, utensílios domésticos, objetos ornamentais, amuletos e tecidos. Essas obras não eram assinadas, e suas/eus autoras/es eram artífices, cuja tarefa era transpor para os materiais (pedra, barro, metal etc.) padrões de representação predeterminados pelas crenças ou ciências de cada povo (ARTE pré-colombiana, 2019).

Estudos arqueológicos confirmam a presença humana no continente americano há 20 mil anos. A civilização mais antiga foi a **maia**, localizada na América Central, 2.600 a.C. Os **astecas** imperaram entre 1376 e 1521, quando Tenochtitlán, a principal cidade, foi invadida e destruída pelos espanhóis. A terceira maior civilização pré-colombiana, a **inca**, que iniciou o período de expansão em 1438, na capital Cuzco, localizou-se na América do Sul, nas regiões atuais do Peru, da Bolívia e do Equador, expandindo-se até a Colômbia, o Chile e a Argentina.

Vale ressaltar que esses três povos coexistiram e foram precedidos e influenciados por culturas importantes, como aimará, chavín, mixteca, moche, nasca, olmeca, tolteca, teotihuacán, zapoteca e outras (ARTE pré-colombiana, 2019).

Consideramos fundamental trazer à tona o conhecimento sobre essas civilizações que nos antecederam, a fim de provocar o interesse da/o leitora/or sobre suas produções artísticas, que foram suprimidas ao longo da história contada pelos colonizadores. No período escolar, em nosso ponto de vista, há um estudo superficial sobre esses povos, se compararmos à valorização das tradições europeias, especialmente no que se refere às expressões artísticas. No entanto, ao conhecermos um pouco mais sobre as/os primeiras/os habitantes do nosso continente, nos deparamos com exímias/os arquitetos/as, escultores/as, pintores/as e tecelões/ãs.

Os povos na América Latina pré-colombiana utilizavam, produziam e ensinaram ao colonizador as artes têxteis, precisa ser esclarecido, porque a redução do tecido ou do bordado à introdução na colonização é incorreto e indolente, e se configura uma questão ideológica de sistematizar uma hierarquia cronológica em que as técnicas vindas da Europa são hipervalorizadas ou as técnicas indígenas invisibilizadas o que se constitui em uma razão indolente (SANTOS, 2006 apud KARINE QUEIROZ, 2011, p. 7).

Na atualidade, há exemplares dessas construções que são patrimônios culturais, como o Palácio do Governador, em Uxmal (México), os templos, edifícios e esculturas monumentais das cidades de Copán (Honduras) e Tikal (Guatemala), que são consideradas as

principais ruínas maias, e as/os herdeiras/os das artes dos fios seguem produzindo (ARTE pré-colombiana, 2019).

Sobre as/os astecas, sabe-se que desenvolveram grandes habilidades manuais, trabalhando os metais e as pedras preciosas; tecendo arte plumária e fabricando tecidos com motivos geométricos, produzindo um colorido único; realizando pinturas murais e miniaturas. O povo inca deixou de herança os tecidos coloridos com desenhos estilizados (ARTE Pré-colombiana, 2019).

Ao nos depararmos com a dissertação em gerontologia **Bordadeiras do Morro de São Bento: memória, trabalho e identidade** (KODJA, 2004) sentimos falta da menção às/aos nossas/os primeiras/os habitantes e seus artefatos. Nesse trabalho, há ênfase para o bordado como patrimônio cultural herdado dos europeus, especialmente ingleses e portugueses. Segundo a autora Gisela Kodja:

A história começa em meados do século XX. Na época, ainda sob a influência da aristocracia européia, em especial da inglesa, era um costume das famílias financeiramente privilegiadas bordar roupas de cama, mesa, banho e os enxovais das crianças. Era um hábito que sustentava o “status” social e garantia uma demonstração de requinte e bom gosto. Esse trabalho, na cidade de Santos, era realizado por várias pessoas que recorriam a técnicas distintas, mas um dos grupos se destacava: o das bordadeiras da Ilha da Madeira [...] (KODJA, 2004, p. 8).

Compreendemos que a pesquisadora faz menção à chegada do bordado em Santos, litoral paulista, porém deixo registrada minha inquietação e a percepção de que é necessário disseminar o conhecimento sobre a produção artística já existente em nosso continente antes da chegada dos europeus.

Gisela Kodja (2004) conta que as cinco bordadeiras do Morro de São Bento, localizado na cidade de Santos (SP), aprenderam a bordar desde a infância. Deixaram a Ilha da Madeira, localizada no Arquipélago da Madeira, em Portugal, em companhia dos maridos, na primeira metade do século XX, movidas pelo sonho de uma vida mais próspera no “novo mundo”.

As bordadeiras do Morro de São Bento vivenciaram o bordado como fonte de renda, mas também de prazer, de liberdade e de reconhecimento em terra estrangeira. Essas mulheres chegaram ao Brasil em uma condição privilegiada em relação às tecelãs indígenas e, posteriormente, às mulheres africanas. Porém, entre as décadas de 1960 e 1980, enfrentaram o

ostracismo, no período do desenvolvimento industrial. “Ninguém queria mais saber de bordado feito à mão, só compravam roupas das fábricas!” (KODJA, 2004, p. 9).

Kodja (2004) constatou que, “após enfrentar essa realidade de desvalorização, nos anos 1980, contrariando as forças vigentes, elas decidem reagir, procuram parcerias e fundam a União das Bordadeiras do Morro de São Bento e ressurgem” (KODJA, 2004, p. 9). Conhecer o trabalho de Kodja faz compreender a importância do avesso, de ter acesso a diferentes pontos de vista sobre uma história. Apesar da ausência, em seu trabalho, da referência aos bordados dos povos originários, me identifico com sua práxis de mergulho na história do grupo, especialmente quando a estudiosa afirma: “Levei minha alma para São Bento” (KODJA, 2004, p. 4).

Percebo que, antes de iniciar esta pesquisa e toda a vivência do mestrado, eu nunca havia pensado que as artes têxteis já eram desenvolvidas em nosso continente e em outros, como o asiático e o africano, com tanta maestria quanto à arte protagonizada em continente europeu. Após esse percurso de estudos, proponho que sejam contadas várias histórias sobre o bordado e não “uma história única”, fazendo referência ao livro “O Perigo de Uma História Única” da autora Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

Diante dessas leituras, compreendemos que os bordados foram utilizados para ligar peças dos tecidos que formavam as vestes (ainda sem intenção de adorno). Aprendemos que linhas, pontos, nós e trançados compuseram e ainda compõem as armadilhas de caça e pesca, e também foram utilizados na confecção de vestimentas, adornos em tramas e tessituras.

Consideramos que tanto os colonizadores europeus como as/os africanas/os escravizadas/os trouxeram suas práticas de bordar, no entanto ao chegarem às Américas, já encontraram uma produção de artefatos de grande valor cultural, muitos dos quais, atualmente, estão sob guarda e posse de museus internacionais, enquanto outros estão em acervos de museus de seus países de origem. Há muitos descendentes desses povos produzindo artefatos em arte têxtil, representando um movimento de resistência e de atemporalidade.

Isso nos leva a acreditar que, assim como os desenhos, relevos, esculturas e tantas outras formas de expressão, esses artefatos parecem ter nascido com a humanidade e fazem parte do seu desejo de ir além, como disse o poeta Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida não basta” (FERREIRA GULLAR, apud TRIGO, 2010).

À medida em que ia conectando outras/os autoras/es, fui percebendo que nosso campo de atuação e de interesse de estudo é transdisciplinar, e tecemos **pontos cheios** (pontos nos

quais a linha cobre a área de um desenho) entre a sociologia, a história da arte, a arte-educação, a museologia e a psicologia, além de outras áreas do conhecimento.

4.1.2 Artes têxteis: feminização da arte

O estudo da socióloga Ana Paula Simioni (2010) apresentou o questionamento sobre a feminização das artes têxteis e sobre os preconceitos que dela decorrem em relação ao bordado e aos significados de arte e artesanato. O discurso de que o bordado é predominantemente feminino é divulgado na academia e recebe a seguinte problematização:

O argumento central apresentado é o de que a desvalorização que as obras de arte realizadas em suportes têxteis sofreram ao longo do tempo vincula-se, inextricavelmente, a um outro fenômeno que transcende questões estilísticas, colocando-se em um terreno mais amplo, de injunções políticas e de hierarquias construídas socialmente, a saber, o de sua feminização (SIMIONI, 2010, p. 3).

Simioni (2010) assinala que, na Idade Média, as artes e os ofícios eram aprendidos em família e produzidos para fins de subsistência. Entre os serviços, estava a tecelagem praticada por homens e mulheres, em sistema de cooperação. A partir do Renascimento, a história da arte passa a ser uma disciplina, sendo Giorgio Vasari o autor das classificações básicas da moderna história da arte.

De acordo com Simioni, o historiador da arte Vasari criou o termo “grandes artes” para indicar produções compreendidas como processos intelectuais que se iniciavam na mente e eram passados para o desenho: pintura, escultura e arquitetura. De acordo com esse pensamento as demais formas de expressão foram consideradas artes menores, exclusivamente manuais ou artesanais destituídas de elaboração intelectual (SIMIONI, 2010).

O pensamento de Ana Paula Simioni (2010) faz conexão com nosso grupo Bordazul, no qual a produção dos artefatos é realizada por mulheres que, por não terem uma escolaridade elevada, poderiam ser consideradas intelectualmente inferiores. Propomos, nesta pesquisa, fortalecer o cordão das/os pesquisadoras/es que buscam a desobediência ao paradigma da racionalidade. A arte feita com as mãos foi considerada inferior porque teóricas/os acreditaram que estas dispensavam a razão.

Recordamos os escritos de Nise da Silveira, que se dedicou a questionar todas as formas de preconceito contra pessoas em situação de sofrimento mental, consideradas desprovidas de razão e de capacidades cognitivas, segundo as teorias da psiquiatria então

vigentes:

[...] os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana [...]. Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que tinham a afetividade embotada e a inteligência em ruínas [...]. Os hospitais, porém, continuam seguindo rotina de raízes em concepções já superadas [...]. Cumpre reformá-los (SILVEIRA, 1981, p. 16).

Nise escrevia sobre Fernando, Adelina, Emídio, Lúcio, Rafael, internas/os em um hospital psiquiátrico que foram consideradas/os (e ainda são) expoentes da arte brasileira por importantes críticas/os especializadas/os, como consequência do trabalho de profissionais que acreditaram, se envolveram e conseguiram construir relações de afeto que potencializaram a capacidade de criação e cuidado. Atualmente, esses rótulos questionados por Nise são direcionados para toda sorte de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Silveira (1981) também falou sobre um cliente do Hospital Pedro II que, ao manusear artefatos têxteis (tecidos, bordados e tapeçaria), utilizou a expressão “Isso aqui é a emoção de lidar”(SILVEIRA, 1981). “Ele falava sobre a emoção de lidar com o material” (SILVEIRA,1981). Nise já havia conhecido a teoria de Bachelard, a qual citou na entrevista ao cineasta Leon Hirszman: “Bachelard vai dizer: ‘Sua saúde mental está em suas mãos’”(SILVEIRA, 1981, p.).

Ao ser interpelada por Leon Hirszman, em seu filme *Posfácio: Imagens do Inconsciente*⁸, sobre o incômodo que seu trabalho causava, o que provocava o distanciamento e o descrédito dos outros médicos em relação às suas atividades nos ateliês, Nise da Silveira (1981) afirmou: “É uma questão política! É o trabalho com as mãos [...]!”

De acordo com a pensadora alagoana, os médicos fundamentavam sua prática clínica no paradigma cartesiano, na razão, ao contrário da sua busca por referenciais artísticos e filosóficos, sob a ótica de Spinoza e Bachelard, entre outros. Corroboramos a ideia de Nise e tecemos uma reflexão: deveria causar grande insatisfação a presença de uma mulher no área da medicina, alcançando destaque e projeção no campo da ciência, em âmbito internacional. Exatamente onde elas haviam sido rejeitadas com suas “artes manuais”, como pontua Simioni (2010).

Consideramos que também foi uma questão política essa construção social dos sentidos da arte e do artesanato, concepção que foi reforçada nas academias de arte do século XVIII. As academias monopolizaram o acesso aos estudos de modelos vivos, que eram a base para as pinturas históricas e para as pinturas de retratos, que eram consideradas as mais importantes no meio. Nesse período, as corporações de ofícios foram descredenciadas para a formação de artistas, e as mulheres também não eram aceitas na academia:

Em nome da pudicícia, vetou-se às mulheres o acesso aos estudos de modelo vivo, que eram monopólio de tais instituições. Consequentemente, elas foram obstaculizadas de realizarem os gêneros artísticos superiores, como a pintura de história ou os retratos. Com isso, estavam aptas apenas a criarem o que então se convencionou denominar de gêneros “menores”: as miniaturas, as pinturas em porcelana, as pinturas decorativas [...], e, toda a sorte de artes aplicadas, particularmente as tapeçarias e bordados. Assim, tais modalidades foram sendo, aos poucos, feminizadas, isto é, as obras consideradas inferiores na hierarquia dos gêneros artísticos foram sendo associadas às práticas artísticas de mulheres (SIMIONI, 2010, p. 5).

O estudo de Simioni (2010) dialoga com nossa experiência no Bordazul e nos impulsiona, junto às 25 mulheres, na construção do saber situado, no período 2017/2019, no território do litoral norte de Maceió. Trata-se de ampliar referenciais sobre arte e sobre possibilidades de criação com as artes têxteis, potencializando todas as vivências, sem sentimentos de inferioridade em relação a nenhuma forma de expressão.

⁸ “Posfácio: Imagens do Inconsciente” Documentário de Leon Hirsman 1986-2014. Disponível em : <https://youtu.be/EDg0zjMe4nA>. Acesso em: 3 de maio de 2019.

Revelar assinaturas, as autorias e os posicionamentos éticos e políticos das mulheres na ciência são pontos de relevância desta pesquisa que fazem conexão com a **rede** de pesquisadoras/es sobre **bordado e cuidado**, que apresentaremos a seguir e mais adiante, com as pesquisadoras do **PesquisarCOM**.

5 BORDADO E CUIDADO - Revisão Dialógica da Literatura

Tecendo redes

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sob a perspectiva dialógica proposta por Montuori (2005) e corroborada por Walker (2015). Essas/es autoras/es preconizam que a pesquisa nas bases de dados é mais que uma busca por referenciais, possibilitando encontros e diálogos entre pesquisadoras/es que compartilham ideias e escolhas epistemológicas, ainda que o encontro não seja presencial. Esses referenciais subsidiaram nossa inserção nessa comunidade de interessadas/os sobre **cuidado**.

Segundo Montuori, “Escrever uma revisão de literatura é um processo que envolve uma construção ativa do conhecimento por parte do revisor” (MONTUORI, 2005, p. 4). Já Sharon Walker (2015) teoriza sobre leitura dialógica, provocando pensamentos sobre a decisão de pesquisar e suas implicações éticas e políticas.

Em busca de ampliar nossa rede de tecelãs/ões acadêmicas/os, inicialmente, realizamos pesquisa nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e BVS, com os descritores “bordado” e “cuidado”, utilizando aspas e filtro para produções em português. Assim, buscamos nos familiarizar com o que está sendo produzido, na academia, sobre esse tema. No Google Acadêmico, inicialmente, foram listadas 800 produções em português, inserindo as palavras “bordado” e “saúde”, dentre os quais destacamos três que, pelos títulos e resumos, mais se aproximavam e pareciam dialogar com nosso trabalho.

Na base de dados Scielo, com os mesmos filtros, obtivemos três publicações, dentre as quais destacamos uma. Como critério para inclusão ou exclusão dos textos, efetuamos a leitura dos títulos, seguida dos resumos, e elegemos as experiências de pesquisa sobre ou com grupos de mulheres bordadeiras, tomando o bordado em sua relação com a saúde, em uma perspectiva ampliada, ou tomando o bordado como dispositivo de produção cultural e de cuidado.

A partir dos Descritores em Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (DeCS/MeSH/BVS), fizemos uma busca na BVS utilizando o descritor “Assistência à Saúde Culturalmente Competente” cruzado com “Psicologia”. Obtivemos 176 artigos, todos em língua inglesa, com pesquisa aberta a todos os campos, sem delimitação por ano de publicação. Selecionamos, a partir do título, aqueles que se aproximaram do nosso objetivo de relacionar cultura e saúde a partir de pesquisadores/as interessados/as nas singularidades

culturais e nos resultados que podem ser alcançados quando profissionais, de forma interdisciplinar, escutam cuidadosamente os sujeitos, valorizando seus costumes e o conhecimento que trazem dos seus pontos de origem.

Desse total de 176 resultados obtidos com o levantamento bibliográfico, após a exclusão de artigos que não estavam com o texto completo disponível para acesso ou que não se relacionavam com nosso objeto, e também considerando o tempo que teríamos para refletir sobre os mesmos, obtivemos o quantitativo final de 11 artigos para leitura.

Somando as três bases de dados investigadas (Google Acadêmico, SciELO e BVS), portanto, foram 15 artigos selecionados no total.

O artigo de Scochi *et al* (2004) relata a experiência de implementação de estratégias de cuidado com mulheres que são mães de bebês internados/os na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Nesse contexto, o bordado estava inserido em um programa, que também realizava atividades lúdicas, recreativas e educativas. Tais mulheres foram convidadas a participar de reuniões semanais, nas quais podiam conversar, brincar e aprender, em atividades que lhes faziam sair da atenção na doença (das filhas ou filhos) para atividades de integração, de aprendizagem e de produção de vida.

O bordado foi um dispositivo de cuidado com essas mães em situação de adoecimento grave das/os filhas/os recém-nascidas/os: uma ação preventiva quanto ao adoecimento dessas mulheres, devido ao longo período de espera e de incerteza que é vivenciado no ambiente de uma UTIN.

Compreendemos, com essa leitura, que as pesquisadoras fizeram uma escolha ética ao analisar os resultados do programa sob a perspectiva das mulheres participantes. Para isso, utilizaram como recurso a entrevista, que foi norteada pela seguinte orientação: "Fale sobre a sua vivência nestas reuniões de grupo (expectativas e sugestões)" (CARMEN SCOCHI *et al.*, 2004, p.729).

Ao responderem sobre a atividade específica do bordado, as mulheres entrevistadas revelaram que não sabiam bordar, mas aprenderam durante o projeto. Disseram, ainda, que, com essa aprendizagem, prepararam roupas para suas/seus filhas/os e ainda venderam suas produções, gerando renda complementar para a família (SCOCHI *et al.*, 2004).

As pesquisadoras concluíram que, com essas reuniões, a assistência no ambiente do hospital se tornou mais humanizada, e que a intervenção contribuiu para a ampliação das possibilidades de atuação da equipe, que, a partir dessa experiência, pode atuar como

promotora de saúde, em oposição à prática que a restringia à intervenção nas doenças. Essas estratégias inovadoras são preconizadas pelo Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar do Ministério da Saúde.

Desse ponto, puxamos o fio para o artigo **Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba**, de 2009. Essa publicação versa sobre bordado no contexto das relações entre saúde mental e trabalho. O objetivo das pesquisadoras Tânia Batista da Cunha e Sarita Brazão Vieira foi analisar a atividade de um grupo de mulheres que se dedica ao bordado “labirinto” e as suas relações com a saúde mental das “labirinteiras”.

As pesquisadoras revelaram interesse em investigar as condições de trabalho e de saúde das artesãs, instigadas pela complexidade dessa produção. Nesse artigo, nos deparamos com definições de artesanato das quais discordamos, uma vez que elas apresentam palavras que reforçam sentidos equivocados sobre esse fazer:

Inicialmente, o que caracteriza o artesanato é a transformação da matéria-prima em objetos úteis. Consiste em manifestação de vida comunitária, e o trabalho se orienta no sentido de produzir **objetos de uso comum**, seja em função **utilitária**, seja lúdica, decorativa ou religiosa. O artesanato é prático e de aprendizagem **informal**, em geral na vivência do indivíduo com o meio artesanal, por **observação e imitação** (CUNHA; VIEIRA, 2009, p. 260, grifo nosso).

Compreendemos que esse exercício de aproximação com o que está sendo produzido na academia sobre o tema é uma oportunidade para realizar a reflexão crítica sobre o que lemos. Assim, as palavras grifadas na citação acima, a nosso ver, reafirmam uma concepção de artesanato como uma expressão para fins utilitários que é aprendida por imitação, ou seja, sem envolver o raciocínio e sem apresentar as características pessoais e únicas de cada artista.

Com base na proposta do construcionismo social, e considerando o poder da linguagem na produção de sentidos, propomos que problematizar essas definições sobre artesanato, como estamos fazendo desde o início desta dissertação é, também, uma forma de pensar sobre o **cuidado com as/os artesãs/ãos**. Sabemos que esse é um exercício desafiador, pois se trata de concepções arraigadas desde o Renascimento, como afirma a socióloga Simioni (2010).

A própria designação do bordado labirinto e de sua complexidade, além da beleza do artefato, é contraditória em relação à definição de artesanato apresentada por Tâna Batista da Cunha e Sarita Brazão Vieira (2009):

O **labirinto** tem como característica o fio desfiado preliminarmente de um tecido que depois é trabalhado com agulha e linha segundo motivos ou desenhos preestabelecidos. Para Girão (1983), o labirinto, que merece esse nome pelo emaranhado dos pontos, é o bordado de fio cortado, distendido em uma grade ou em um bastidor, e, a seguir, é cheio, isto é, recoberto de bordados feitos com agulha. Assim, é um artesanato considerado ao mesmo tempo bordado e renda de agulha. (CUNHA; VIEIRA, 2009, p. 261, grifo nosso).

Quanto ao estudo proposto, as autoras buscaram analisar os processos e a organização do trabalho e de suas relações com a saúde das trabalhadoras do artesanato do labirinto. Foram realizadas entrevistas individuais e em grupo, além das observações da atividade (CUNHA; VIEIRA, 2009).

As pesquisadoras entraram em contato com a equipe do Programa de Saúde da Família (PSF) de Juarez Távora - PB e com algumas bordadeiras indicadas pelas/os agentes de saúde para a realização das entrevistas. As perguntas foram elaboradas previamente, seguindo um roteiro que almejava investigar como o labirinto era feito e comercializado, como era a inserção e a aprendizagem desse artesanato, bem como se havia queixas sobre saúde e/ou relatos de prazer em realizar essa atividade (CUNHA; VIEIRA, 2009).

O aporte teórico dessa pesquisa foram os conceitos da psicologia do trabalho proposta por Dejours e suas/eus seguidoras/es (DEJOURS, 1992, 1993, 2004; DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994) e também os referenciais da ergonomia da atividade (DANIELLOU, 2004; GUÉRIN; LAVILLE; DANIELLOU; DURAFFOURG; KERGUELEN, 2001; LAVILLE; TEIGER, 1989), mostrando a importância da atividade laboral como categoria central de análise.

Consideramos relevante pensar a atividade do artesanato sem idealizações, reconhecendo que, quando se (sobre)vive dessa arte, o trabalho é árduo, muitas vezes sem o devido cuidado com aspectos como postura, iluminação, temperatura e estrutura mobiliária adequadas. Para as pesquisadoras, compreender as labirinteiras como uma classe trabalhadora é pensar que o seu fazer pode afetar sua saúde e ser fonte de equilíbrio e prazer, ou de sofrimento e adoecimento (CUNHA; VIEIRA, 2009).

Sempre que realizamos uma leitura, efetuamos um **ponto zigue-zague** com nossa vivência com o Bordazul. O artigo de Cunha e Vieira me fez refletir sobre questões relacionadas aos cuidados necessários, em grupo, ao realizar atividades laborais, como atender a encomendas, expor, ministrar oficinas. Essas atividades foram se concretizando nesses dois anos de pesquisa, e a tendência é que o grupo se fortaleça nesse caminho, sem prescindir da arte e do afeto que permeiam seus pontos.

Apesar de levantarmos vários questionamentos sobre algumas escolhas éticas e sobre posicionamentos políticos dessas autoras, nos identificamos com o depoimento a seguir, sobre o dia em que realizaram um “encontro na varanda”:

Em seguida, foi realizado um encontro na varanda da casa de uma das mais antigas labirinteiras da cidade, com oito participantes, que ocorreu na etapa final da pesquisa de campo, fato que se revelou enriquecedor, já que foi possível trazer para o coletivo algumas questões a partir das entrevistas individuais e das observações, para serem confrontadas, e outras, mais aprofundadas. Os temas abordados, além daqueles já citados, incluíram: aspectos relativos à relação com os comerciantes do labirinto, questões sobre o coletivo de trabalho (regras, reconhecimento, relacionamento) e ainda questões referentes à divisão sexual do trabalho (gênero) (CUNHA; VIEIRA, 2009, p. 263).

A pesquisa com as labirinteiras do interior da Paraíba faz menção a alguns aspectos muito importantes sobre a história das mulheres, como a falta de acesso à educação formal. A escolaridade das bordadeiras é baixa, e algumas não são alfabetizadas. Quanto aos afazeres domésticos, fazem todos os serviços da casa, cuidam das/os filhas/os e da lida com o labirinto, que acontece entre uma atividade e outra. Muitas vezes, seguem bordando à noite. Os maridos trabalham na lavoura.

Trata-se de uma realidade semelhante à das mulheres do Bordazul, exceto porque nossa atividade não tem o lucro como objetivo principal. A comercialização, que se encontra em fase inicial, é uma consequência das experiências, formação contínua e do desenvolvimento do coletivo. Trata-se de um processo que vem sendo amadurecido aos poucos, em conjunto. No entanto, percebemos que os trabalhos domésticos estão sob sua responsabilidade. Tanto que, às vezes, brincam dizendo: “Quando eu tô bordando, não quero nem saber. Às vezes, a panela tá no fogo e deixo queimar” (LOURDES T., Bordazul).

Ainda versando sobre o labirinto e as condições de trabalho e de vida, prosseguem as autoras:

O termo “labirinto” remete a algo complicado, confuso, tortuoso. É constituído por um conjunto de percursos intrincados, criados com a intenção de desorientar quem os percorre, ou seja, de difícil saída. Encontrar a saída no caso das labirinteadas não significa sair da atividade, já que o trabalho tem um significado importante em suas vidas sob diversos aspectos: econômicos, sociais, psíquicos. Antes, encontrar a saída desse labirinto significa melhorar as condições de vida e de trabalho. Trabalhar está ligado à saúde, tanto de sua promoção como de sua perda, portanto, a saída é a possibilidade de ações transformadoras em busca do desenvolvimento pessoal e coletivo (CUNHA; VIEIRA, 2009, p. 273).

Corroboramos a reflexão acima, na qual a **saúde** é considerada em um aspecto amplo, correspondendo ao bem-estar social, psicológico e econômico, bem como ao sentimento de pertencer a um coletivo, ao reconhecimento no trabalho e na família e à possibilidade de cooperação consigo e com a coletividade. A saída do “labirinto” do adoecimento é o diálogo, a informação e os movimentos de transformação.

Na conclusão do artigo, as autoras constataam que a organização das bordadeiras em associação ou cooperativa poderia conduzir as trabalhadoras a experiências de desenvolvimento pessoal e profissional, através do diálogo e de questionamentos sobre sua realidade. Assim, poderiam encontrar saídas para seus desafios, de forma conjunta, como as aracnes em suas teias.

O artigo de Tânia da Cunha e Sarita Vieira conecta-se à palestra proferida por Gabriela Serfaty durante a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, no Sesc Paraty, em 20 de outubro de 2018. A pesquisadora em saúde mental fez referência ao momento em que Ariadne é levada e abandonada por Teseu em uma ilha, após ter lhe ajudado a sair do labirinto.

Ariadne é uma força deslizante... transita e quando esperam da gente que a gente se capture, a gente desvia, a gente desliza e essa é a potência de um certo feminino e de uma certa forma de viver do fio, viver afixando... Quando pensamos em **cuidado** muitas vezes pensamos em um **autocuidado**, mas o que eu quero chamar atenção é que existem outras formas de **cuidado** que a gente faz **com o outro e junto e o bordado e as bordadeiras sempre foi esse lugar pra mim** (Diário Bordado) (SERFATY, 2018, grifo nosso)⁹.

Ao refletir sobre o encontro entre as bordadeiras, a pesquisadora afirma que são as experiências coletivas que vão criando os pontos, bordando junto, conversando: é “entre uma

⁹ Fala de Gabriela Serfaty durante a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, no Sesc Paraty, em 2018.

fala e outra, entre um ponto e outro que vai se costurando alguma coisa” (SERFATY, 2018). Serfaty utiliza a metáfora das **teias** para pensar sobre a capacidade de resistência e de elasticidade. “É assim que a teia se expande”. Ao mesmo tempo, as teias são fiações delicadas que podem se romper. Porém, o que as fortalece é “a trama, que é um ponto que liga muitos outros pontos, então a teia, ela se constitui de um ponto a outro, [d]a lógica é [*sic*] de um ponto ramifica-se muitos outros pontos” (SERFATY, 2018).

Mais uma vez, eu estava totalmente imersa em meu campo-tema, relacionando todas as leituras e experiências com a fala dessa autora, em uma roda de mulheres tecelãs. Gabriela expandiu seu pensamento, convidando a pensar sobre o processo de criação como uma atividade que pode ser adocedora:

[...] então eu acho que a gente tem que pensar a saúde bem próxima da criação, sempre e eu acho que a saúde tá próxima da criação quando a gente entende que a gente tem muitas vias de saídas e de entradas e que a gente não depende só de uma coisa pra manter a nossa vida [...] (Diário Bordado) (SERFATY, 2018)¹⁰.

Gabriela arrematou sua fala ponderando sobre a capacidade de Ariadne de “sustentar o lugar da incerteza”, referindo-se a quando ela foi para a ilha, e completa sua intervenção fazendo um convite para reconhecermos esse lugar da incerteza em nós e nos aproximarmos a partir dele.

Seguimos tramando com essas artesãs e percebendo que a tecnologia aracnoide tem muito a contribuir com a ciência. Nesse percurso, encontramos Tânia Cappa, museóloga e bordadeira. Ao longo dessa dissertação refletimos sobre o quanto os conhecimentos se atravessam, e acreditamos que o encontro da atuação em saúde mental com o bordado e a museologia é bastante significativo para a compreensão sobre a possibilidade de realizar fazeres transversais.

Tânia Cappa (2014) é bordadeira e pesquisadora, atuante nas áreas da saúde mental e da museologia, no Rio Grande do Sul. Em sua pesquisa **Tecendo memórias: narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados**, ela chama atenção para os bordados enquanto patrimônio cultural, enquanto dispositivo para o cultivo da memória e da comunicação e enquanto possibilidade de coparticipação e de inscrição na história por meio das linhas. A partir disso, ela discute o quanto essas memórias significam saúde para

¹⁰Fala de Gabriela Serfaty durante a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, no Sesc Paraty, em 2018.

usuáriaas/os da rede de saúde mental.

Para essa autora, o bordado é uma possibilidade de autodescoberta e de convívio que opera efeitos de **cuidado**, no plano individual, e favorece, no plano coletivo. Para essa autora, bordar significa implicação e envolvimento em um processo de busca de expressão por meio das imagens (CAPPRA, 2014).

Consideramos significativa essa conversa com a museologia de Tânia Regina Cappra (2014), pois o Bordazul vem produzindo um acervo que já foi exposto em espaços como galerias de arte, mas também em lugares alternativos, como salas de aula na universidade, escolas e exposições em praças do litoral norte e de outros bairros, propondo trocas de experiências sobre suas aprendizagens com o bordado e compartilhando seus saberes e histórias. As exposições são ações que atravessam o conhecimento da museologia.

A museologia que a autora propõe vai além do cuidado com o acervo, realizando vivências criativas com o bordado no ateliê do hospital psiquiátrico, integrando a equipe multidisciplinar. Nesse caso, a/o museóloga/o é uma/um mediadora/r entre as pessoas e o fazer expressivo. Essa perspectiva educativa se conecta com a pesquisa de Maria Valquíria Nascimento (2016).

A tese **Práticas integrativas e complementares grupais nos serviços de saúde e atenção básica: possibilidades de diálogo com a educação popular** traça um riscado em direção à educação. Nessa tese, o grupo de bordado é uma das práticas integrativas complementares – política implementada em 2016, por meio da Portaria GM nº 971, que contempla práticas terapêuticas como homeopatia, fitoterapia, acupuntura, entre outras, com base nos princípios de escuta acolhedora, desenvolvimento de vínculo terapêutico, integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade, visão ampliada do processo de saúde-doença, promoção global do cuidado humano e autocuidado.

Sobre o riscado de Maria Valquíria Nogueira do Nascimento (2016), elaboramos um **ponto caseado** com nossa experiência no Bordazul, na qual vivenciamos a escuta acolhedora, mutua e o vínculo, tecendo redes entre o coletivo e outras instituições.

Concluimos estes estudos com nosso imaginário ampliado por Ariadnes, Moiras, Aracnes, e retornamos ao pensamento de Mariana Guimarães, estabelecendo conexões com o que estamos tecendo no Litoral Norte de Maceió. Guimarães afirma que “o bordado é uma

arte que se realiza por meio do **diálogo** e **interação**, que se inicia com o diálogo sobre si, expandindo para o mundo e para o encontro com o outro” (Diário Bordado)¹¹.

5.1 O cuidado culturalmente responsável

Ao nos conectarmos com nossa rede de interlocutoras/es, tecemos o ponto elo com as/os pesquisadoras/es Cuevas, O’Brien e Saha (2017), que pesquisaram com grupos de “minorias étnicas” (imigrantes africanas/os e sul-americanas/os), buscando saber como essa população gostaria de receber cuidados, nos apresentam o conceito de “competência cultural”. Essa proposta de atuação requer que a equipe de saúde conheça suas/eus clientes e elabore seu planejamento a partir do diálogo e do respeito aos seus costumes e tradições. Esse primeiro artigo provocou a seguinte questão: Qual é a chave para o cuidado culturalmente competente?

Sem buscar respostas imediatas, mas compreendendo que escrever e tecer têm pontos em comum, fui percebendo meu tear se ampliando ao adentrar nessa tecelagem de operárias/os da pesquisa sobre cuidado culturalmente competente, que tomaram a decisão de escutar, atentamente, uma parcela da população que está à margem das condições de cidadania. Compreendi um dos significados da expressão de Marília Silveira, em diálogo numa das reuniões do Grupo de Psicologia Discursiva, o Prosa (2017): “Isso é fazer saúde pelas bordas”.

Enquanto aprendiz de pesquisadora que sou, percebo que essas fiações encontradas e a produção de cuidado **pelas bordas** me interessam. Hyman et al. (2017) são pesquisadoras/es canadenses que também ouviram imigrantes quanto às questões relacionadas à autogestão das medicações, em específico no tratamento da diabetes.

Essas/es estudiosas/os preocuparam-se com a garantia de que imigrantes com esse diagnóstico pudessem receber cuidados de maneira “culturalmente responsável”, uma expressão que se alinhava com o ponto “competência cultural”, citado anteriormente. Em seus estudos, consideraram as dificuldades financeiras e a inacessibilidade na relação com os órgãos públicos que fornecem medicações, e realizaram avaliações quanto à qualidade nas relações entre pessoas em tratamento e provedoras/es, compreendendo que todo esse sistema afeta o alcance (ou não) da autogestão da diabetes.

¹¹Informação fornecida por Mariana Guimarães durante a mesa de bate-papo “Fio-percurso: reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e a construção de si”, no Sesc Paraty, em 2018.

As/os pesquisadoras/es concluíram que, se a/o imigrante estiver confortável, for respeitada/o em suas singularidades e receber uma atenção culturalmente sensível, será favorável ao processo de autogestão do cuidado.

Com essa leitura, reflito sobre as condições de acesso à rede de atenção à saúde, em Alagoas, e questiono se essa nuance do cuidado “culturalmente responsável” permeia os atendimentos, percebendo que, algumas vezes, somos estrangeiras/os em nossas próprias terras, necessitando ir a outros territórios (bairros) em busca de assistência, e que esse conceito de assistência culturalmente responsável ainda carece de aprofundamento e partilha.

A “saúde pelas bordas”, em nosso campo, vem acontecendo por meio da valorização dos saberes e das histórias que, antes, aparentemente, não eram importantes, mas também através dos espaços conquistados para compartilhar essas experiências: as exposições, as vivências em escolas, na comunidade e na universidade. Muitas bordadeiras, durante a exposição **Tesouros Bordados** (2015), disseram: “Eu não sabia que a receita de um chá, a receita de um bolo, almoçar debaixo da mangueira e o cantinho que eu mais gosto da minha casa eram um tesouro” (SESC, 2015).

A cada leitura e imersão em nosso campo-tema, fomos ampliando sentidos sobre o **cuidado** e reconhecendo as linhas que permeiam nossa teia – a linha do comprometimento ético-político e o fio da comunicação –, sob a perspectiva construcionista social, ou seja, a perspectiva de uma comunicação implicada que, tal qual agulha e linha, vai abrindo caminho, ligando, costurando e tramando movimentos de transformação. As/os pesquisadoras/es da nossa **rede** têm como propósitos a construção coletiva do conhecimento e a comunicação como um processo de coparticipação.

A necessidade de conhecer como essas pessoas pertencentes a “minorias étnicas” se sentem, nesses territórios estrangeiros, e como gostariam de receber atenção, em suas novas residências, é uma forma de cuidado, pois, geralmente, estar em um país diferente do seu (por motivo de trabalho, estudo ou pela falta de ambos), seja qual for a razão, pode deixar a pessoa sujeita às diversas formas de adoecimento.

Sigo tecendo até encontrar o artigo de Anderson et al. (2017), que se dedicam a conhecer experiências vividas de estudantes internacionais em busca de atenção à saúde. Essas/es pesquisadoras/es utilizaram entrevistas, que afirmaram ser em caráter de profundidade. Essa expressão chamou minha atenção, além da quantidade de entrevistadas/os: apenas cinco estudantes.

O interesse em escutar uma categoria com pouco poder econômico e pouca influência no mercado consumidor revela um posicionamento político das/os pesquisadoras/es, como também a escolha por aprofundar questões com poucas/os participantes, revelando um conhecimento situado em determinado espaço/tempo. É a experiência dessas pessoas que interessa à/ao pesquisadora/or. Após uma revisão de literatura, as/os pesquisadoras/es perceberam a ausência de pesquisas sobre as práticas de cuidado com estudantes em situação de imigração.

Essa revisão, num processo de reflexão e de crítica às práticas científicas e às próprias práticas enquanto pesquisadora é semelhante a uma viagem, na qual ocorre o mapeamento de novos territórios, a descoberta de novas possibilidades para a construção do conhecimento e o encontro com outros viajantes/pesquisadores que têm linhas de pensamento conectadas com as nossas, vivenciando o que estudamos nas leituras de Montuori (2005) e Walker (2015).

Nesse percurso, ao participar do Laicos, conhecemos a autora Marina Morrow, professora da Universidade de York (Escola de Política e Gestão em Saúde) que, ao longo de várias décadas, vem influenciando gerações de pesquisadoras/es, em seu país e em outras partes do mundo.

Marina Morrow prima por uma política de pesquisa em que a escolha é a construção do conhecimento de forma colaborativa, com grupos de mulheres em situação de violência, pessoas sob cuidado em saúde mental, imigrantes ou idosas/os em situação de abuso ou negligência, direcionando sua ética para cuidar e escutar pessoas que estão à margem da sociedade. Estabelecemos uma conexão entre o legado dessa cientista e os artigos localizados nesta revisão que estamos realizando (base de dados BVS), explicando que os artigos localizados foram publicados entre 2008 e 2017: três artigos são do Canadá, cinco dos Estados Unidos da América, um da Dinamarca, um da Austrália. Além disso, uma pesquisa foi realizada na Zâmbia, por estudantes da Áustria e da Zâmbia.

Mygind et al. (2017) realizaram pesquisa sobre uma intervenção de farmácia comunitária, na Dinamarca. A pesquisa e a intervenção foram idealizadas para a população de “minorias étnicas” residente no país, porém as/os farmacêuticas/os-pesquisadoras/es eram, também, pertencentes a essa mesma “minorias”.

A equipe de pesquisa era interdisciplinar e o objetivo era compreender os desafios encontrados ao envolver profissionais de minorias étnicas em intervenções para minorias étnicas. Foram encontrados resultados e discussões importantes, destacando o potencial do trabalho em equipe interdisciplinar e multicultural no trabalho com imigrantes (minorias

étnicas). No entanto, foram encontradas dificuldades quanto ao idioma, além da necessidade de formação para essas equipes.

Ao analisarmos os resultados dessa pesquisa elaborada “para” as pessoas denominadas de “minorias étnicas”, percebemos, cada vez mais, a importância do pesquisar “com”, por tratar-se de um exercício de escuta: conhecer as/os interlocutoras/es, saber se há o interesse e a disposição para participar da pesquisa, além de construir uma proposta participativa de intervenção, considerando as singularidades das etnias e suas formas de expressão.

Foi importante, nesse contato com a literatura, o relato sobre os desafios, a exemplo da questão da linguagem. Ou seja: mesmo com o esforço de construir um processo de conhecimento inovador e participativo, podem existir contradições e dificuldades para alcançar os objetivos, por razões que nem sempre são previsíveis ou estão sob controle. Destacamos, ainda, em relação a esse artigo, a importância do cuidado com a/o cuidadora/or/pesquisadora/or, o envolvimento de pesquisadora/es em uma pesquisa/intervenção com pessoas que enfrentam circunstâncias semelhantes às suas, bem como as percepções e cuidados que vão sendo construídos durante a pesquisa.

Na pesquisa de Fahlberg, Foronda e Baptiste (2016), nos deparamos com o termo “humildade cultural”, que é relacionado a uma equipe de enfermeiras/os e médicas/os que, ao lidarem com uma paciente afro-americana, sentiram dificuldade para compreender as razões pelas quais seus familiares insistiam em tratamentos paliativos. A religiosidade da família não permitia que os aparelhos fossem retirados, pois havia a crença na possibilidade de um milagre. De acordo com as/os pesquisadoras/es, a equipe foi demitida, exceto uma enfermeira que dialogava de forma horizontal, perguntando às/aos familiares sobre as formas de cuidado, mas não ordenando. Dessa forma, ela ganhou confiança e pôde, também, aprender com aquela cultura e com a experiência.

Ao entrar em contato com essas publicações, fazemos conexões imediatas com nossa pesquisa com o Bordazul, percebendo que há um pontilhado conectando esses estudos. Há processos de aprendizagem transversais, que dialogam com o referencial de Paulo Freire, no campo da educação, quando, em **Pedagogia do Oprimido** (2005), propõe a valorização dos saberes das/os educandos e da sua cultura, potencializando uma via de mão dupla nos processos de aprendizagem/ensino e nos processos de extensão/comunicação.

Paulo Freire, em sua obra dedicada à educação, especialmente ao tratar do trabalhadora/or adulta/o, alerta as/os educadoras/es para o fato de que **todas as pessoas produzem cultura**, ou seja, cultivam histórias, tradições, jeitos de estar no mundo, bem como

para o fato de que se aprende ao ensinar. Quanto ao aspecto do trabalho da academia com a comunidade, denominado extensão, intervenção ou pesquisa, Freire, em seu livro **Comunicação ou Extensão?** (1983), propõe que o encontro universidade/campo seja pautado em uma perspectiva horizontal e em um compartilhamento de saberes para a construção coletiva do conhecimento.

O conceito de “humildade cultural”, apresentado como resultado na referida pesquisa, é o respeito ao conhecimento que aquela família traz, às crenças que cultiva e às formas de cuidado, demonstrando uma abertura ao diálogo, às perguntas, à atenção em oposição ao saber biomédico (vertical). Acreditamos que, dessa maneira, a confiança se estabelece, além da aprendizagem e dos cuidados mútuos.

Observamos que, no estudo supracitado uma única paciente, negra, e as crenças que suas/eus familiares apresentam sobre um possível milagre provocam ações e reações em toda a equipe de cuidadoras/es de um hospital, a ponto de serem retiradas/os do caso. Considerar uma situação singular e dedicar-se ao seu aprofundamento também fala sobre um aporte teórico e metodológico que transita na contramão da generalização e vai em busca do conhecimento situado.

O artigo de Schober et al. (2016) compartilha uma experiência de pesquisa/intervenção que teve como objetivo melhorar os resultados de cuidados para as pessoas em situação de violência interpessoal (IPEV) em Lusaka, na Zâmbia, bem como propor ações educativas e de fortalecimento, tanto dos serviços de assistência social já existentes quanto da comunicação das vítimas com a equipe médica. Uma intervenção incluiu treinamento para pessoal médico e de serviço social, relacionando saúde e interculturalidade, com a distribuição, em locais estratégicos, de materiais impressos que informavam sobre serviços disponíveis para as vítimas de IPEV. A análise dos dados pós-intervenção revelou que as pessoas em situação de violência de IPEV melhoraram a compreensão dos serviços sociais disponíveis. Além disso, aumentou a confiança das pessoas em situação de violência no recebimento de ajuda adicional. Houve articulação entre a rede de assistência e as organizações parceiras.

Com essa publicação, mais um pontinho ressalta do tear: a interculturalidade. Encontramos, no *site* da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio¹², a definição do termo por Catherine Walsh, professora da Universidade Andina Simon Bolívar:

A interculturalidade assinala uma política cultural e um pensamento de oposição não baseados simplesmente no reconhecimento ou na inclusão, mas também dirigidos a uma transformação estrutural e sócio-histórica [...]. Uma política e um pensamento voltados para a construção de uma proposta alternativa de civilização e sociedade. (WALSH, 2006 apud INTERCULTURALIDADE, 2016).

Compreendemos que a interculturalidade na saúde vai além do respeito às diferentes culturas no contexto das práticas de cuidado, passando por uma práxis coletiva que possa transformar as estruturas dos serviços. Por exemplo, na coparticipação entre as equipes e a comunidade nas ações educativas, bem como na elaboração dos informativos e das ações de educação em saúde que potencializem a criatividade e o pertencimento das/os participantes.

Consideramos importante ressaltar que a pesquisa foi realizada por estudantes da Áustria e da Zâmbia (em conjunto), e que, dentre as pesquisas encontradas com o descritor mencionado, esta é a única realizada em continente africano.

O artigo de Ehrlich et al. (2015) está em ponto corrente com a pesquisa anterior, pois problematiza ações educativas em saúde realizadas **para** comunidades indígenas, na perspectiva da autogestão, das habilidades individuais e da autoeficácia. Porém, por meio de revisão bibliográfica, as/os estudiosas/os constataram que, com as comunidades indígenas, métodos importados da cultura ocidental não são eficazes. Compreendemos que aí se encontra uma questão de interculturalidade.

Há que se estabelecer conexões com os grupos, para além do respeito à multiculturalidade, e compreender que as suas vivências tomam por base as ações coletivas, as rodas, o compartilhar dos saberes com as/os mais antigas/os. Logo, a equipe de saúde pode aproximar-se dos grupos denominados, no artigo, de “minorias étnicas”, além de planejar as ações a partir das suas habilidades coletivas, ressaltando que cada etnia indígena tem suas particularidades e que, dentro de uma mesma aldeia, há diferentes grupos.

As/os autoras/es propuseram o conceito “populações minoritárias”. Essa nomenclatura faz refletir sobre a atribuição da condição de “minorias” a uma população que já foi maioria,

¹² Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/interculturalidade>. Acesso em: 6 ago. 2019.

bem como sobre qual valor é atribuído às pesquisas realizadas **com** ou **para** uma “população minoritária”. Trata-se de inquietações influenciadas pelo pensamento construcionista, no qual compreendemos que as palavras produzem sentidos. Spink e Medrado (2013) ressaltam a compreensão da linguagem enquanto ação. Enfatizar as práticas discursivas implica atribuir a devida importância à linguagem, no sentido de prática social construtora de realidades.

O trabalho de Higginbottom et al. (2015) relata um estudo etnográfico realizado na zona rural do Canadá, em Alberta, em relação aos desafios da comunicação na assistência à maternidade para mulheres imigrantes. As/os pesquisadoras/es dedicaram-se à compreensão das dificuldades de acesso aos cuidados com a saúde e, entre os obstáculos encontrados por imigrantes, destaca-se a barreira linguística.

A publicação aponta que há barreiras na comunicação, em várias circunstâncias, porém não foi encontrado registro sobre a falha na comunicação enfrentada por mulheres imigrantes, na busca de cuidados durante a gestação. Para a realização da pesquisa, foram ouvidas mulheres gestantes e as/os profissionais das áreas de cuidado e assistência social que prestam serviço na região. As categorias estudadas foram: a comunicação verbal, significado não compartilhado, comunicação não verbal para construir relacionamentos e trauma, cultura e comunicação aberta.

O artigo sinaliza aspectos que, até então, não foram abordados nas pesquisas anteriores, como a atenção à comunicação não verbal e às histórias prévias das pessoas que buscam cuidados em um país que não é o seu. A publicação resalta o significado da relação construída nesse momento (da maternidade) e convoca à responsabilidade para que as/os gestoras/es dos serviços de cuidado invistam na preparação das equipes, para que desenvolvam essas habilidades de comunicação e cuidados culturalmente apropriados.

Nesse ponto, encontramos uma identificação com nosso trabalho e com o modelo de pesquisa e intervenção que escolhemos, no qual é fundamental conhecer a história prévia das/os participantes, ouvir o que as pessoas têm a dizer e, também, dar atenção aos silêncios. Ressaltamos que, dentre os artigos estudados (encontrados na BVS), esse é o único que se dedica a uma questão específica das mulheres – a hora do parto –, pontilhando com nossa pesquisa.

A pesquisa de Alpern, Davey e Song (2016) apresenta como o cuidado transcultural é abordado durante uma residência em medicina nos Estados Unidos da América (EUA). As/os estudiosas/os constataram que esse tema adquiriu relevância para a formação das/os

residentes, porém ressaltaram que, para prestar cuidados transculturais, especificamente às populações de imigrantes e refugiadas/os, ainda não havia estudos mais aprofundados.

Durante a pesquisa, foram ouvidas/os 199 residentes, e a maioria revelou identificação com o trabalho em cuidado com imigrantes e refugiadas/os, embora constatando as dificuldades culturais e linguísticas e as referentes às formas de cuidado que denominaram “medicina tropical”. As/os estudantes pesquisadas/os demonstraram o desejo de mais “treinamento” em saúde de imigrantes e refugiadas/os.

O artigo de Long (2014) apresenta uma proposta de treinamento para estudantes de enfermagem por meio de uma imersão para estudo da linguagem, da cultura e da enfermagem comunitária. As/os estudantes viajaram para Belize, na América Central, com o objetivo da preparação para o cuidado culturalmente competente.

Todas as linhas dessa teia são importantes, pois fortalecem e flexibilizam nosso processo de pesquisa, ressaltando que pode haver continuidade, aprofundamento e ampliação da rede. O tecelão de ideias e fazeres Hamilton (2016) pesquisou, nos EUA, sobre a assistência de cuidadoras/es informais, como familiares, amigas/os ou vizinhas/os, destacando como essencial essa **rede** para administrar, adequadamente, o cuidado a pacientes com insuficiência cardíaca. Esse estudo dialoga com o nosso, pois, no coletivo Bordazul, esse cuidado entre vizinhas foi um dos principais motivos da formação e da permanência do grupo.

Hamilton (2016) examinou a experiência vivida por cuidadoras/es afro-americanas/os que cuidam de pacientes igualmente afro-americanas/os, e ressaltou a relevância dos cuidados culturalmente competentes também em relação às/aoscuidadoras/es.

Sáimos dessa imersão com muitas inquietações e perguntas, mas com a companhia de estudiosas/os que seguem uma trilha ética e política em direção às pessoas que estão à margem do nomeado desenvolvimento social. Sáimos com o sentimento de pertencer a uma rede de pesquisadoras/es/cuidadoras/es que também recebem cuidados ao pesquisar, propondo, para além da produção do conhecimento, transpor as bordas e atravessar os mares da história, da memória e do afeto.

Acreditamos que a relevância de pesquisar com o coletivo Bordazul está em compartilharmos as experiências de cuidado por meio do fazer criativo com o bordado **livre**, considerando as relações estabelecidas entre Ninna (a partir das oficinas de bordado), as 24 bordadeiras e os cuidados aprendidos entre e com elas e entre todas nós.

Ao apresentar os textos constantes no Apêndice A ao orientador da pesquisa e ao Laicos (o grupo de pesquisa da Universidade Autônoma de Barcelona), surgiram

questionamentos em relação à expressão “culturalmente responsável”.

A pesquisadora Renata Guerda (2018) ponderou sobre o conceito de cuidado proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS), argumentando sobre sua coerência e profundidade. Considerei os questionamentos de Renata Guerda e de Jefferson Bernardes pertinentes e fui buscar o que a pesquisadora Magda Dimenstein, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), apresenta sobre esse tema.

Em seu artigo **A reorientação da atenção em saúde mental: sobre a qualidade e humanização da assistência**, Dimenstein (2004) propõe que as equipes que prestam serviço no SUS estejam preparadas para realizar um trabalho com qualidade e humanização, em uma perspectiva de compromisso ético com a construção de novas possibilidades de vida.

Ressaltamos que o texto de Dimenstein é de 2004, mas que ele aponta para questões atuais, como os “retrocessos sofridos ao longo do período em função da política neoliberal do ‘Estado-mínimo’ adotada pelos governos brasileiros até então”. Estamos em 2019, e esse texto reflete os últimos acontecimentos na área da saúde mental, por exemplo.

Enfatizamos, no presente texto, que as conquistas em relação aos espaços de substituição do aparato manicomial - fundamentadas na atenção e em práticas que desmistificam a loucura e se opõem, de forma contundente, ao asilamento, à medicalização e à patologização -, precisam ser mantidas, pois são frutos de árduo trabalho de pesquisadores/as, trabalhadores/as da saúde e usuários/as, que foram construindo um novo fazer em saúde mental, desde o final dos anos 1970 até os dias atuais.

A autora apresenta o referencial de humanismo de Paulo Freire, o qual propõe um compromisso radical com o ser humano concreto. “Compromisso que se empenha para transformar qualquer situação objetiva na qual o homem concreto esteja sendo impedido de ser mais” (FREIRE, 1998 apud DIMENSTEIN, 2004, p. 116).

A pesquisadora repudia o assistencialismo, a caridade, a tutela jurídica, a internação e o tratamento compulsórios. A ideia de humanização aqui apresentada tem por objetivo ressaltar o potencial de cada pessoa, seu jeito de viver, sua singularidade. Segundo a autora, o lugar do cuidado deverá ser um espaço de acolhimento, no qual cada pessoa é identificada por seu nome e sua história. “Lugar do cuidado e de construção coletiva de projetos de vida, enfim, de sujeitos sociais singulares” (DIMENSTEIN, 2004, p. 114).

Corroboramos as ideias da estudiosa e alinhavamos esse pensamento com nossa compreensão de cuidado, não só na saúde mental, mas em todas as áreas da atenção. Em nossa análise, os textos estudados na revisão dialógica abordam casos em que equipes de

saúde buscaram prestar um serviço de qualidade e humanizado, porém com ênfase no tratamento da doença, na cura, embora respeitando as singularidades culturais das/os usuárias/os.

Magda Dimenstein (2004) aponta alguns caminhos, propondo que as/os trabalhadoras/es da saúde e da assistência sejam “dinamizadoras/es”, “capazes de revolucionar o cotidiano (seu e dos/as outros/as)”. A autora, alinhada com o pensamento de Ayres (2001), preconiza que “[...] para cuidar, há que se considerar e construir projetos” (DIMENSTEIN, 2004, p. 116), nesse sentido considera que

Em outras palavras, uma prática de saúde humanizada deve tomar em consideração o contexto em que vive o usuário assim como as situações de onde surgem os diversos problemas de saúde de uma comunidade. Estamos diante de uma situação claramente contraditória, na medida em que, no plano ideal, as práticas profissionais seriam norteadas por uma humanização-princípio (ética), e não por uma humanização-maquagem, tal como se dá no cotidiano das unidades de saúde (DIMENSTEIN, 2004, p. 115).

Outro pesquisador brasileiro, Emerson Merhy (1999), define cuidado como uma série de atitudes conjuntas que precisam ser planejadas de forma coletiva e que compreendem o que o autor nomeia de tecnologias leves. Merhy (1999) exemplifica o cuidado em um determinado equipamento assistencial em saúde mental, esclarecendo que diferentes instituições têm dinâmicas e diretrizes operacionais distintas, mas que podem ter em comum uma construção coletiva do bem-estar, promoção da autonomia e respeito às singularidades. Para Merhy (1999):

O núcleo cuidador é o que deverá se impor, o que favorecerá inclusive a diminuição das relações de dominação que se estabelecem entre os vários profissionais, como representantes de certos interesses e modos de operá-los no interior dos modelos de atenção. E, mais ainda, pode-se abrir a partir deste núcleo em comum, o cuidador, um espaço semelhante e equivalente de trabalho na equipe, que explore a cooperação entre os diferentes saberes e o partilhamento decisório (MERHY, 1999, p. 7).

De acordo com o autor citado acima, todo trabalhador de saúde é um operador de cuidado e como tal deveria ser capacitado para promover acolhimento, responsabilizações e vínculos, a essa forma de intervenção esse teórico denomina “tecnologias leves”.

Tecendo um ponto cheio entre o pensamento da pesquisadora brasileira e a teoria e práxis do brasileiro e as/os pesquisadoras/es internacionais apresentados/as em nossa revisão

dialógica, percebemos que a principal diferença de paradigma está na concepção sobre as pessoas que estão sob cuidado.

Na proposição preconizada pelo SUS, o indivíduo é concebido como alguém capaz de ressignificar sua história, criar novos acontecimentos, se reinventar, a despeito das enfermidades diagnosticadas. E as equipes estariam implicadas, eticamente, em uma práxis transformadora que facilitaria esse processo.

As/os autoras/es localizadas/os no exercício da revisão, apesar de buscarem uma prática de cuidado voltada para a sensibilidade com a cultura das/os assistidas/os, ainda direcionam sua ética para o tratamento das doenças ou para pesquisar como melhor atender à/ao doente estrangeira/o, em suas enfermidades já instaladas.

Consideramos o presente exercício de revisão fundamental para analisarmos nossa práxis com o Bordazul e nosso comprometimento profissional. A aprendizagem sobre o cuidado e, especialmente, o cuidado na perspectiva do SUS, apresenta-se como uma linha dourada que pode nos guiar para a criação de novas propostas, para a dinamização dos encontros e para o aprofundamento dos conteúdos.

Compreendemos, com essas leituras, que as relações de poder (entre a equipe de saúde e os/as usuários, entre as equipes, entre os/as usuários, entre gestores/as e equipes) existem, porém, quando há reflexão sobre elas, é possível construir certa horizontalidade e propor o retorno a um círculo no qual todas/os possam se ver e reconstruir a atenção mútua.

6 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tapiz

6.1 Construcionismo Social

Nesta seção, convidamos nossa/o leitora/or para “tocar” em nosso “tapiz” teórico-metodológico, percebendo sua textura e composição, estabelecendo relações entre nosso aporte teórico e a pesquisa realizada. Como fazemos em nossos encontros, no Bordazul, teceremos junto às/aos nossas/os leitoras/es e autoras/as, ampliando nossas possibilidades de aprendizagem e a construção de nossa práxis.

Realizamos um estudo de natureza qualitativa embasado em certo movimento que entende o conhecimento enquanto construção social (GERGEN, 2009). Os conteúdos aqui destacados foram obtidos por meio de aproximação com a Etnografia, bem como por meio de conversas, da coparticipação nas atividades do grupo e na convivência, frequentando os encontros e bordando junto. Produzimos um diário bordado, que será detalhado mais adiante.

A epistemologia construcionista oferece a base para nossa prática de grupo – um “tapete” ou “*tapiz*” (arte têxtil milenar) sobre o qual podemos nos sentar em círculo para dialogar e seguir tecendo. Esse movimento estabelece críticas às dualidades modernas (razão/emoção, mente/corpo, sujeito/objeto etc.) e problematiza os discursos de grandes narrativas. Além disso, é confluyente com a segregação emergencial dos processos culturais que marcam o Maio de 1968, na França.

O estudo sobre o construcionismo proporciona uma compreensão de que, até chegarmos ao pensamento atual, outros movimentos vieram, como o pós-estruturalismo, que valoriza a linguística. Porém, no movimento construcionista, a linguagem assume lugar central. Baseado no chamado “girolinguístico”, preconiza uma ruptura com a hegemonia que a Filosofia da Consciência exerceu por mais de dois séculos.

O giro linguístico é um marco no campo da Filosofia. Considerado uma série de acontecimentos processuais que seguem assumindo especificidades ao longo do seu desenvolvimento (IBÁÑEZ, 2004).

Se tomarmos por base o pensamento que propõe a linguagem como questão central, considerando que é através dela que o ser se constitui, perceberemos que, em grupo, há uma grande possibilidade de constituição mútua. Há uma mudança de foco, de linguagem como fenômeno psicológico interno à mente, para a linguagem enquanto fenômeno social. No giro

linguístico, a linguagem está para além da expressão das ideias: a linguagem não é acessório para facilitar a manifestação do nosso pensamento, mas é a própria construção do conhecimento (IBÁÑEZ, 2004).

Pensando dessa forma, corroboramos o pensamento de Emerson Raser e Marisa Japur (2015), citados por Hercilio Oliveira e Mary Jane Spink (2018), quando afirmam que passamos do interesse de produção do conhecimento sobre o fenômeno grupal para os estudos da prática grupal, propondo a compreensão do grupo como uma construção social. A partir dessa concepção, o grupo é uma prática discursiva, o que significa dizer que é um espaço no qual se criam realidades relacionais por meio da linguagem. Para as/os autoras/es, é no espaço do diálogo que a produção de sentidos se concretiza (RASERA; JAPUR, 2015 apud OLIVEIRA; SPINK, 2018).

Na pesquisa psicológica de base construcionista, é importante a reflexão histórica, processual, localizada culturalmente, e não a busca por leis gerais, propriedades universais, verdades absolutas. Aqui, não se busca prever comportamentos, visto que se admite que eles não obedecem a regularidades (nem localizar algo, na mente humana, que justifique ou explique atitudes), pois o construcionismo compreende que não há verdade objetiva e, sim, conhecimentos construídos historicamente e socialmente, sempre situados e parciais.

O construcionismo preocupa-se com a explicitação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem. Não se caracteriza, *a priori*, como uma teoria, uma vez que não pretende postular verdades a partir de princípios preestabelecidos e inquestionáveis. Caracteriza-se como um movimento, uma postura crítica diante do mundo.

Em nossa pesquisa com o coletivo de bordadeiras do litoral norte de Maceió – Bordazul –, buscamos compreender como o conceito e as práticas de cuidado foram sendo ressignificados a partir da aprendizagem do bordado livre e da prática do ateliê coletivo, entrelaçadas com a literatura e a valorização dos saberes.

Durante a pesquisa, conhecemos o litoral norte sob o ponto de vista dessas moradoras. Investigamos em que contexto o grupo foi formado, o que viabilizou sua permanência, como aconteceram os encontros e as produções de bordados e que articulações foram produzidas no território e fora dele, a partir da convivência coletiva.

Concordamos com as autoras feministas Claudia Pedrosa e Jacqueline Brigagão (2014), apresentadas por Hercilio Oliveira e Mary Jane Spink (2018) ao considerarem os grupos como espaços de fortalecimento e de empoderamento, argumentando que essas

reuniões de mulheres:

Possibilitam às participantes espaço para recriarem a si próprias. À medida que interagem, falam, ouvem, dançam e trabalham juntas, vão inventando novas formas de viver e de se posicionar no mundo. Ou seja, nas relações interpessoais com outras mulheres vão conhecendo e construindo novas possibilidades de ação (PEDROSA; BRIGAGÃO apud OLIVEIRA; SPINK, 2018, p. 3).

O pensamento dessas/es autoras/es dialoga com nossa experiência com o Bordazul, na qual tivemos a oportunidade de vivenciar esses movimentos de interação: as falas, as escutas, os trabalhos em conjunto e a tecelagem de novos jeitos de ser e estar no mundo. Como em um painel bordado, uma colcha de retalhos ou um *tapiz*, nos (re)compomos juntas, inventando pontos e (re)criando contos de nós mesmas e do espaço-tempo no qual estamos inseridas.

A perspectiva construcionista questiona a noção de conhecimento como representação mental e o seu suposto caráter natural. Envolve constante questionamento daquilo que é considerado óbvio, natural ou estabilizado, tornando-se uma verdade cristalizada.

A constante problematização das ideias e dos conceitos é uma desconstrução necessária para que a/o pesquisador a/o passe a considerar a especificidade e a particularidade histórica e cultural do conhecimento. Assim, o conhecimento é visto como resultado de um processo histórico, produzido no seio de uma cultura ou grupo cultural particular. Portanto, há distintas concepções de mundo, com categorias e conceitos que nós, seres humanos, utilizamos, mas não de forma generalizada e, sim, restrita ao espaço no qual são produzidos.

Com base na perspectiva construcionista, a pesquisa é entendida como uma prática social, de natureza processual, transversalizada por questões de poder, morais, políticas, teóricas e culturais. O trabalho de campo, então, pauta-se na perspectiva de Peter Spink (2003), enquanto multiplicidade de fazeres, em que pessoas, argumentos e materialidades inerentes ao encontro fazem parte da pesquisa. O campo da pesquisa, ou o campo-tema, se caracteriza a todo o momento em que falamos da pesquisa. Não é, portanto, um espaço delimitado, lá longe, onde eu, como pesquisadora, vou “coletar os dados”. Na pesquisa construcionista e na concepção de campo-tema, não tem sentido os dados serem coletados. Tem sentido o pesquisar COM.

Durante a pesquisa com o Bordazul, entre 2017 e 2018, muitas vezes, encontrei-me retomando um poema de Vladimir Maiakóvski: “[...] mas comigo a anatomia ficou louca [...]”. Sou todo coração! Eu afirmei: [...]”. Sou toda campo-tema! O bordado, o cuidado e

suas diversas teias atravessavam minhas conversas em família, meu trabalho em outros projetos, meus momentos de lazer, minhas viagens de estudo e até a conversa com a moça do café do Sesc Guaxuma. Um dia, fui comprar um café, e a moça falou: “Às vezes, fico vendo as meninas do bordado, como elas cuidam uma da outra. Elas tavam aqui conversando e eu ouvi: ‘Mulher, não use adoçante, que faz mal. É melhor você usar pouco açúcar [...]’. É muito bonito ver esse cuidado!”.

Conversando com meu pai sobre a pesquisa e a menção que faço às mulheres bordadeiras e ao tear da minha bisavó materna, ele argumentou: “Mas eu também fazia rede. Na casa de vovó Torquata [que ele também chamava de mãe], todo mundo trabalhava, homens e mulheres”. Compreendi que, em minha família, acontecia como no tempo das artes e ofícios, em que todas/os trabalhavam juntas/os, em mutirão, e não havia a divisão dos trabalhos entre feminino e masculino. Era a década de 1950, no interior do Maranhão. Se não fosse o meu campo-tema, eu não teria despertado essa memória e estabelecido conexões entre essas conversas espontâneas e a pesquisa que vivencio.

Os homens da família também teciam ou consertavam redes de pesca, uma herança dos nossos antepassados indígenas. Mesmo o bumba-meu-boi, que é uma importante tradição cultural maranhense, é todo **guarnecido**, ou seja, bordado. Até iniciar a escrita deste trabalho, eu não sabia que guarnecer é sinônimo de bordar. Aos poucos, minhas memórias se entrelaçaram com as histórias despertadas no Bordazul. Rebordar memórias é uma forma de cuidar de si mesma/o e das pessoas envolvidas.

Hercília lembrou que sua mãe e outras mulheres do Riacho Doce faziam **filé**, o artesanato mais conhecido de Alagoas, reconhecido, inclusive, como um patrimônio imaterial. “Ela tentou me ensinar, mas eu não tive interesse. Agora é que eu tive essa oportunidade de aprender a bordar, e o ponto do filé veio aparecer na minha cabeça!”, revelou a bordadeira, com uma discreta alegria por ter “inventado” um ponto muito semelhante ao filé com a técnica aprendida no Bordazul.

Segundo Renato Imbroisi, designer de artesanato e pesquisador de bordadeiras em todo o Brasil, a criação de Hercília é algo novo, pois somente em Maceió uma bordadeira teria essa referência do filé no DNA, para transformá-lo em um ponto colorido, entrelaçado, enredado com a memória dos cajueiros e coqueirais.

Um ponto foi puxando outro, e Iranize recordou que sua avó fazia renda de bilro. Realizamos encontros na Casa da Arte, um espaço cultural localizado no bairro de Garça Torta (litoral norte), e havia uma obra do artista Zumba (Figura 22), com uma rendeira de

bilro em primeiro plano e, ao fundo, uma rendeira de **filé**, no Riacho Doce antigo, tal qual nossas meninas o conheceram em outros tempos.

Figura 22 – Obra do artista Zumba (1984), no acervo da Casa da Arte - 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na perspectiva metodológica construcionista, a/o pesquisadora/or assume um papel ativo, permeado de implicações éticas relevantes. Nesse sentido, tentam posicionar-se, de forma reflexiva, quanto aos efeitos que suas escolhas e ações produzem, não se constituindo em um mera/o observadora/or que intenciona revelar a realidade. A subjetividade da/o pesquisadora/or apresenta-se como um elemento a mais no processo da pesquisa. O construcionismo alia objetividade e intersubjetividade como processos complexos, interligados e dialógicos (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014).

Spink e Medrado (2013) ressaltam a compreensão da linguagem enquanto ação. Enfatizar as práticas discursivas implica atribuir a devida importância à linguagem, no sentido de prática social construtora de realidades. A visão construcionista foca na produção de sentidos e no posicionamento ético e político assumido pelos sujeitos nas suas relações sociais cotidianas.

A análise dos discursos e da produção de sentidos busca aproximação com os meios que as pessoas utilizam para entender e explicar o mundo, inclusive elas mesmas. Assim, o foco de estudo passa das estruturas para as práticas sociais e, de modo amplo, aborda os sistemas de significação que dão sentido ao mundo.

Já para Ibáñez (2001), a questão central do fazer ciência / produzir conhecimento, na perspectiva construcionista, passa pela necessidade de desconstrução da dicotomia sujeito/objeto. Uma vez que ambos são construções sociais, cabe a reflexão de que não há

objetos independentes de nós, nem nós existimos à parte dos objetos que criamos. Ou, ditodeoutraforma, trata-se do princípio da reflexividade, em que sujeito e objeto não existem independentemente das formas que usamos, no cotidiano, para falar deles. Daí a importância da centralidade da linguagem na construção do conhecimento. Construimos nossos objetos à medida que falamos deles.

Destaca-se que o conhecimento não representa a realidade, tendo em vista que não é possível distinguir até que ponto a realidade é o mundo ou até que ponto é a nossa inteligência sobre o mundo.

Assim, a abordagem construcionista é um convite a tensionar o que foi instituído. Ela requer questionar e abrir mão do realismo, entendendo nossas vidas como construções humanas, que se tornam fatos por causa de processos sociais que competem a nós, cientistas sociais, estudar. Requer, ainda, romper com o dualismo mente-corpo que sustenta a mais poderosa metáfora de nosso fazer na ciência em geral e, em particular, na Psicologia: a existência de uma mente (interior) que pensa o mundo (exterior) e que o cinde em sujeito e objeto.

Para Lupicinio Iñiguez (2002), por sua vez, fazer ciência, numa perspectiva construcionista, não é impor um ponto de vista, mas discutir e questionar o que se considera fato social. O autor destaca que se abrir para isso é desconfortável para o/a pesquisador/a, mas atinge efeitos sociais desejados, como o respeito às distinções e a construção de uma ética pautada no debate coletivo dos dilemas e dos pontos de diferença.

Do ponto de vista ético, Iñiguez (2002, p. 117) diz que “[...] desarmamos primeiro a bomba, depois falamos a respeito”. Ou seja: o caráter reflexivo do construcionismo não implica falta de ação ou de posicionamento, mas uma visão realista crítica. Assim, entende-se que o estudo da realidade não é independente em sua maneira de definir o mundo, e o objeto socialmente construído adquire uma natureza tão real quanto a que opera na realidade material.

Outro autor que constitui referência para o construcionismo é Bakhtin (1997), que aborda a linguagem enquanto disputa de sentidos, polissêmica, a partir de dois conceitos centrais: interanimação dialógica e polifonia (presença plural de vozes no discurso, descartando a noção de sujeito individual e colocando-o na posição de ser social, que constrói diálogos com outros interlocutoras/es). Para esse autor, as pessoas vão marcando suas posições a partir da dialogia, seja pela discordância, seja pela concordância, constituindo seus posicionamentos em um diálogo constante com outras ideias e teorias.

Bakhtin (1997) traz outro aspecto importante, que é a discussão sobre a dinamicidade da linguagem. Assim, faz uma crítica ao modelo tradicional de estudo da comunicação humana, baseado no esquema emissor/or-mensagem-receptor/or. Para ele, essa tríade é funcional, porém pouco dinâmica. Sem desconsiderar a importância desses estudos, avança na discussão e defende que, na comunicação humana verbal, não se pode considerar apenas uma/um emissor/orativo e uma /umreceptor/or passiva/o.

Há que se considerar que uma/um ouvinte/receptor/oradora, simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ela/ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. Essa atitude ouvinte está em elaboração constante, durante todo o processo de audição e de compreensão, desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pela/o locutora/or (BAKHTIN, 1997).

Bakhtin traz à tona o movimento do discurso e a interação que se dá entre emissor/or/receptor/ora, ouvinte/falante. Ambas/os são ouvintes e locutoras/es, são sujeitos em interação e se posicionam, dinamicamente, a partir dos enunciados enquanto fala viva. E mesmo que, na situação do discurso, um sujeito atue mais como locutora/or, Bakhtin afirma que ela/ele é, também, uma/um respondente, pois “[...] não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo” (BAKHTIN, 1997, p. 291).

Para a pesquisa de base construcionista, é importante conhecer os processos que propiciaram a formação de grupos, como o que pesquisamos nesta investigação. Por isso, discutimos como o coletivo Bordazul foi constituído, em qual contexto, quais foram os objetivos, qual é a sua singularidade em relação a outros grupos de bordado.

Como e por que escolhemos o nome Bordazul? O que nos mantém unidas? Como se dá o trabalho em conjunto? Como organizamos nossos encontros? Como nos relacionamos para além do momento dos encontros semanais? Que atitudes tomamos quando precisamos enfrentar rotas desconhecidas ou mudar de margens (bordas)?

Esta pesquisa, com base no mapa de navegação que é o Construcionismo, propõe uma conversa com nossas companheiras de bordado e com nossas/os leitoras/es. É um convite para estar a bordo de uma **nau** de descobertas, estabelecendo conexões com outras linhas de pesquisa, como a Etnografia, a PesquisaCOM e os estudos sobre o feminino, linhas com as quais dialogaremos a seguir. É um convite para transbordar, **em grupo**, da margem da sociedade para o protagonismo, para a autoria, para a confiança e para a valorização das nossas histórias e fazeres.

6.2 Percurso metodológico

Dois caminhos metodológicos foram produzidos nesta dissertação: a aproximação com a etnografia e a PesquisaCOM; e a produção do Diário Bordado. Passamos a descrevê-los na sequência.

6.2.1 Aproximações com a Etnografia e a PesquisaCOM

Quando cursei a disciplina “Metodologias de pesquisa situadas: pesquisar com e o feminino na ciência”, com Marília Silveira, em 2017, ainda no primeiro ano do mestrado, percebi que ali havia encontrado as tessituras apropriadas para compor minha escolha metodológica. Na revisão dialógica da literatura, tecemos uma teia com tecelãs/ões acadêmicas/os, mas com as pesquisadorasCOM estabelecemos uma confraria, considerando confraria como um grupo de pessoas que têm o mesmo ofício ou que têm escolhas de vida em comum.

A meu ver, a pesquisaCOM é uma prática de ateliê coletivo na qual somos artesãs de palavras e atitudes, preparando textos/tecidos, pontuando assuntos importantes, em grupo, gesticulando em uma dança que estimula a utilização dos sentidos. É preciso se desprender de referenciais de neutralidade e distanciamento, desatar os nós. O poema “Receita de Olhar” de Roseana Murray (1997) ativa nossos sentidos: “Nas primeiras horas da manhã, desamarre o olhar, deixe que se derrame sobre todas as coisas belas, o mundo é sempre novo e a terra dança e acorda em acordes de sol, faça do seu olhar imensa caravela”.

Ao pesquisar **com**, as intervenções acontecem no intervalo entre um ponto e outro, nas interlocuções entre as pessoas implicadas na pesquisa. O “mal-entendido” é considerado promissor, e os nós podem fortalecer e expandir a teia. Conhecer o texto “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada (2005), ampliou meus sentidos para que eu percebesse novos modos de pesquisar, numa aproximação com a Etnografia:

Mas eu organizava meu diário de campo para que servisse mais tarde a uma operação de conhecimento: minhas notas eram de uma precisão maníaca para que eu pudesse, mais tarde, realucinar os eventos, e então - como eu não estaria mais “enfeitiçada”, apenas “reenfeitiçada” compreendê-los, eventualmente (FAVRET-SAADA, 2005, p. 158).

Nessa perspectiva, a etnógrafa vivencia o estar enfeitizada, vivencia o ritual, e as anotações do diário serão para reviver a emoção dos eventos (reviver o estágio de alucinação) e, assim, compreender melhor o que aconteceu. A etnografia passa a ser um estudo **vivenciado** de uma determinada cultura. O diário não é o registro de algo que foi observado, mas de uma experiência vivida.

De acordo com Favret-Saada (2005), ser afetado por seu campo é permitir-se sentir as sensações, percepções e pensamentos de quem ocupa um lugar no sistema que está sendo pesquisado. O ser afetado é dispositivo de análise. Perceber o bordado como herança de família e o cuidado para além dos espaços e conceitos tradicionais de saúde, como um fazer cotidiano. Esses princípios foram e prosseguem sendo compreendidos, conversados e percebidos em nosso corpo em nosso campo-tema.

Explicamos que, como neta de bordadeira e produtora cultural do Sesc, o bordado já fazia parte da minha história, especialmente quando organizamos a Exposição Tesouros Bordados.

O campo-tema (SPINK, 2003) já estava em nós, compartilhando conversas sobre o grupo com Ninna, pensando junto de que forma dar continuidade ao trabalho, admirando o processo criativo, a expressão com os bordados. O principal argumento, nessa perspectiva, é de que a/o pesquisadora/or está inserida/o no campo-tema desde a escolha do objeto de pesquisa (RIBEIRO, 2003).

Na pesquisa com o Bordazul aconteceu de estar em meu campo-tema, em lugares inusitados, por exemplo, no fim de tarde do Riacho Doce, bordando na varanda com o Coletivo Bordazul ou tomando um banho de mar ou na Exposição Bordados Poéticos, em Paraty em uma roda de conversas com bordadeiras e pesquisadoras sobre bordado.

Estamos em nosso campo-tema quando entramos no debate sobre o conflito de saberes e sobre opções de desenvolvimento de projetos **com** o Grupo e não somente quando estamos participando do grupo, as segundas, à tarde. Os encontros semanais, no litoral norte, são parte da territorialidade do campo-tema (SPINK, 2003).

Em nossa pesquisa, vivenciamos os encontros das segundas-feiras à tarde, os movimentos de manusear os materiais, a escolha das linhas, o pensar no desenho, o riscar, o aprender os pontos, o mover a agulha. Experimentamos, também, a frustração de o ponto não ter ficado do nosso agrado, o refazer, a apreciação do avesso do bordado.

A etnografia **com** o Bordazul fez-me descobrir ou imaginar significados para os pontos: o **ponto haste** é a raiz, a base; o **ponto alinhavo** é um caminho a percorrer, uma

fiação leve com intervalos visíveis, espaços de silêncio; o **ponto corrente** significa um ponto que se entrelaça ao outro e fortalece a sequência; semelhante ao **ponto elos**, o **ponto caseado** tece um encadeamento, complementa. Assim, cada ponto tem seu desenho, seu movimento e sua bordadeira, e cada bordadeira tem seu ponto.

Fui afetada por essa linguagem do bordado, pelo azul do litoral norte e por todos os movimentos de aprendizagem e de pertencimento ao coletivo. Fomos “desabrochando” juntas, para citar a expressão de Lúcia Galvão, fazendo menção às mudanças percebidas nas expressões das integrantes do Bordazul.

Segundo a teoria proposta por Favret-Saada (2005), o fato de ser afetada/o por seu campo possibilita uma comunicação específica com o grupo pesquisado. Por comunicação, compreende-se o compartilhar de saberes, a comunicação não verbal, o diálogo e a participação conjunta.

Em nossa vivência com o Bordazul, participamos em diversos momentos do bordado, mas também do almoço coletivo antes dos encontros. Compartilhamos o trajeto de Guaxuma para outros bairros, ou estivemos juntas em deslocamentos para outros municípios, usufruindo das conversas e cantos que fluíam nos percursos. Dividimos o quarto na pousada, as refeições durante as viagens e as conversas espontâneas. Fomos para a borda do rio. Fui para o Riacho Doce.

Caminhar em Riacho Doce junto com Toinha, Maria, Marinalva; Participar do Bora Bordar, na Casa de Natália (ensinando o pontinho que aprendi) conhecendo sua casa e sabendo o significado dessa **casa** para ela e perceber como ela; Vivenciar a exposição “No Tacho do Riacho”, na Praça Santa Terezinha (Riacho Doce); Bordar na Ufal com o Bordazul e as/os estudantes, entre outros tantos momentos, foram experiências que produziram sentidos de pertencimento e de valorização do conhecimento sobre bordado e cuidado.

Em nossa inspiração etnográfica, presenciamos diversas formas de comunicação e cuidado: autocuidado, cuidados mútuos, cuidados com as/os familiares e vizinhas/os, cuidados do grupo comigo e minha atenção com elas, cuidados com a Ninna e da Ninna com o coletivo. Cuidados do meu orientador com o Bordazul, além dos cuidados do grupo com todas/os nós.

Percebo o quanto aprendi sobre atenção neste estudo. Na espontaneidade, a comunicação acontece. Inclusive, há comunicação no silêncio, e o bordado é uma atividade que, por vezes, requer concentração. É um des-a-fio à escassez de tempo e ao fugaz. O bordado pede paciência.

Segundo Geertz (1989, p. 15),

praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante”. Considera, ainda, como principal definição dessa metodologia, “um risco elaborado para uma descrição densa.

Geertz (1989) propõe que, ao realizarmos etnografia, tenhamos habilidade para compreender as formas de expressão das pessoas com as quais estamos pesquisando: entender um provérbio, captar uma brincadeira, ler um poema.

O artigo da pesquisadora COM Favret-Saada (2005) tece um **ponto caseado (as linhas se unem em formato de casinhas**, abrigando o desenho) com o referencial que as práticas discursivas e produção de sentidos apresenta. Esse aporte teórico propõe que a escrita do diário seja uma experiência de criação implicada, ou seja, em que quem escreve é afetada/o, constrói conhecimento e também passa por transformações ao longo do percurso (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014).

Desde o início da escrita, percebi que essa trama seria longa, rica em detalhes. Sabia que encontraria **nós e pontos** importantes para me debruçar. Seria necessário tecer conexões entre mim e elas, entre psicologia e arte, cultura e cuidado, buscando o processo de uma escrita reflexiva e criativa.

Para realizar nossa pesquisa, tomamos como inspiração a etnografia realizada por Maria Auxiliadora Ribeiro (Xili), em sua pesquisa com as pescadoras em Ipioca (litoral Norte de Maceió) (2003). Ressaltamos entre as aprendizagens: o compromisso ético, a reflexão sobre as consequências da pesquisa para as pessoas implicadas (RIBEIRO, 2003).

De acordo com esse referencial e postura reflexiva no processo de construção do conhecimento, numa pesquisa ética, consideramos a pesquisa como uma prática social e enfatizamos o processo dialógico entre as/os pesquisadoras/es e suas/eus interlocutoras/es para a sua construção, o que leva a/o pesquisadora/or a dar visibilidade a todo o processo (SPINK, 2000 apud RIBEIRO, 2003).

Nesse sentido, o diálogo com a práxis da Xili, buscamos visibilizar as nossas histórias, em nosso diário bordado, além de sempre compartilhar com o Bordazul as leituras, o sobre o que estávamos escrevendo e, especialmente, compreender com o Coletivo o que gostaríamos de contar na dissertação.

6.2.2 Registro de Informações - produzindo o Diário Bordado

Proponho um artefato autoral, invento pontos e vou chamá-lo **Diário Bordado**. Espero que esse diário alcance as proposições encontradas na literatura: “[...] eles se constituem em ações que, portanto, produzem efeitos, mobilizam afetos, são atuantes em jogo” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 277).

O diário bordado é meu fio de Ariadne, condutor em um labirinto de saberes e sabores, cores, texturas. Nesse caminho, vou vivenciando com as bordadeiras e encontrando autoras/es que me fazem bordar com palavras, descrevendo os caminhos da pesquisa, as histórias, buscando os detalhes das argumentações e, também, os descaminhos e as mudanças de percurso. Levo, em minha bagagem, um *smartphone* com uma boa câmera e registro imagens dos encontros em fotografias, vídeos e, pontualmente, faço gravações das conversas. As anotações, faço-as em casa. Comecei a compreender o significado de um diário “atuante”, um diário produtor de “intensidades” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014).

Quando estou com o grupo, dedico-me a ouvir e dialogar, apreender e perceber os movimentos. Estou aprendendo a bordar. Identifico-me com a nomeação “diário de bordo”, de Medrado, Spink e Mélllo (2014). Estou embarcada nas diversas jangadas bordadas pelo Bordazul, nos veleiros do Bispo do Rosário e nos navios ocupados por João Cândido e pelos marinheiros revoltos, compartilhando percursos, obstáculos encontrados e mudanças de rota. É o meu **Diário Bordado**.

Os/as teóricos/as da Etnografia e as pesquisadorasCOM nos proporcionaram aprender que navegar é preciso, viver não é preciso (referência ao poema de Fernando Pessoa), e que o PesquisarCOM, a Etnografia (GEERTZ, 1989), e as Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (SPINK, 1999) não são previsíveis, muito menos imparciais:

[...] Além disso, em nosso grupo de estudos e pesquisas temos sempre estimulado os/as pesquisadores/as a se posicionarem nessa escrita, anotando, com pouca ou nenhuma reserva, suas opiniões, impressões, incômodos, enfim “afetações” produzidas no encontro com os interlocutores. Muitas vezes, esse exercício de produzir posicionamentos ao longo da escrita dos diários resultam em importantes elementos para redação final da análise (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 285).

A pesquisadora Camila Alves, em sua palestra “O perigo de pensar que as coisas existem *a priori*” (2017), faz uma conexão entre o PesquisarCom e o Construcionismo Social,

ao problematizar sua experiência de pessoa com deficiência visual. Ao ser convidada para palestrar no TEDx Volta Redonda, ela recebeu recomendações escritas, o que não condizia com sua situação, ou seja, *a priori*, não foi considerada a possibilidade de uma pessoa cega ser palestrante.

Camila Alves (2017) chama atenção para a produção de sentido das palavras: “[...] as palavras vão criando realidades e elas têm muita força. A gente faz muita coisa com as palavras, e somos feitos por muitas palavras também”.

A psicóloga desenvolve um projeto de acessibilidade cultural e propõe uma construção desse conhecimento **com** as pessoas cegas e não **para** elas:

A concepção de deficiência pautada na falta, no déficit e na incapacidade conduz a gente pra um certo tipo de intervenção, um certo tipo de atuação que vai instaurar uma assimetria. [...] Muitas vezes, as pessoas sem deficiência, consideradas eficientes, intervêm numa determinada prática com as pessoas com deficiência, de modo a restituir uma falta, de modo a fazer aparecer alguma coisa que ali não tem. E o que isso faz com a nossa vida? Com a vida das pessoas com deficiência? Coloca a gente numa posição inferior com relação à posição das pessoas sem deficiência, e é essa assimetria que eu tô dizendo [...] (ALVES, 2017).

Camila Alves explica que, fundamentada na metodologia do PesquisarCOM, se disponibiliza a estar com as pessoas, ao encontro e ao conhecimento de suas histórias. “Assim como as palavras têm força, eu acredito que as histórias também têm força, e as histórias fazem de nós quem nós somos para o bem e para o mal” (ALVES, 2017).

Com essas proposições, a autora me faz estabelecer uma relação entre sua atuação e nossa pesquisa com as bordadeiras do litoral norte, através da compreensão de que trabalhamos uma concepção de saúde que não está baseada na falta de doença, mas em uma aprendizagem coletiva sobre cuidado, a partir das nossas histórias, que são singulares.

Complementando, quando a palestrante menciona a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, em seu texto “O perigo de uma história única”, faço um **ponto laçada cruzada** com a realidade das mulheres do Bordazul, que, por questões de um padrão social, de uma referência territorial e educacional, muitas vezes, são rotuladas em estatísticas que falam de uma “história única”. Fica aqui um posicionamento crítico a estas leituras que tentam capturar a história e as singularidades de cada uma de nós.

Ao nos aproximarmos de cada uma das bordadeiras, percebemos quanta potência em cada história, quanta aprendizagem a cada **ponto**. É possível aprender **com a/o outra/o** a partir

do pressuposto de que a/o outra/o, com a/o qual nos propomos a pesquisar, tem muito a contribuir para um processo de construção do conhecimento coletivo. Camila Alves chama atenção para o compromisso ético e político que permeia nossas escolhas metodológicas ao pesquisar, esclarecendo que o PesquisarCOM pressupõe que nos ocupemos do nosso próprio lugar no encontro com a/o outra/o.

Ao final da palestra, Camila Alves faz referência à sua labradora Puca (cão guia) como “dispositivo que faz falar”. Fazemos uma analogia com o bordado, que “é o nosso dispositivo que faz falar e que não faz calar” e, dessa maneira, impulsiona novas possibilidades de vida e de cuidado.

7 DIÁRIO BORDADO

Iniciei esta dissertação recordando minha infância e a rebeldia de não querer bordar quando minha avó propôs me ensinar, e mencionando o quanto minha herança familiar me torna implicada nesta pesquisa.

Ao escrever, me percebo bordando em **ponto corrente** com as mulheres do coletivo Bordazul: contando suas histórias, de acordo com o que elas pediram, buscando a **haste** na teoria e colorindo a **espiral** do tempo em um **diário bordado**. Anotando, escrevendo ou entrelaçando **fiões**, convidamos a/o leitora/or para conhecer nossos **bastidores** e ultrapassar nossas próprias margens. Este diário é um convite para **transbordar**. Na construção do texto, inventei pontos e utilizei expressões que fazem parte do repertório das artes têxteis. Recorri também ao Manual Bordado da Eliana Prestes¹³.

Tomando como referencial a ética dialógica (SPINK, 2000), conversamos com o coletivo antes de encaminhar o projeto de pesquisa para o mestrado, e essa atitude, a nosso ver, fez muita diferença quanto ao processo de confiança e de respeito que foi tecido dia após dia. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento importante, porém, para além do que está prescrito, nos propomos a uma pesquisa cuidadosa. Nosso projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas sob o CAAE 04247818.3.0000.5013.

Ao longo dos dois anos de pesquisa, entre fevereiro de 2017 e fevereiro de 2019, fomos desenhando possibilidades e encontros, e, no presente diário, compartilharemos retalhos (recortes) das nossas vivências, guarnecidos com as **conversas** das integrantes do Bordazul, com fotografias - que são uma forma de escrita, a escrita com a luz - e arrematados com nosso aporte teórico-metodológico, o Construcionismo Social e a PesquisaCOM.

Esclarecemos que o que consideramos relevante, neste diário, são as nossas falas sobre a aprendizagem do bordado e sobre o quanto fomos construindo conhecimentos acerca do cuidado nesse processo de criação coletiva. Concordamos com Oliveira e Spink (2018), que ao analisarem o Clube de Mães de São Paulo, compreenderam que é um processo de elaboração de uma rede de relações, que é tecida enquanto criam e falam dos problemas da comunidade, pensando em soluções para resolvê-los” (OLIVEIRA; SPINK, 2018).

¹³Disponível em: <https://pt.slideshare.net/solangesouza562/manualbordado-120227123941phpapp01>. Acesso em: 5 de julho de 2018.

Adaptamos o pensamento das/os autoras/es acima para a experiência com o Bordazul: trata-se de uma rede de relações que se estabelece **enquanto bordamos e falamos das nossas histórias pessoais e das histórias da comunidade, encontrando, juntas, modos de viver melhor, de cuidar de si e de dar atenção umas às outras.**

Para fins de delimitação do processo de escrita, realizamos uma seleção de momentos em uma sequência cronológica (fevereiro de 2017 a dezembro de 2018), porém não linear, contemplando as sinuosidades e os espaços entre os pontos e os contos que o coletivo escolheu para alinhar.

7.1 Ponto haste ou astro

A caminho do Sesc Guaxuma, em uma viagem de ônibus bastante demorada da Ufal até Guaxuma (1 hora e 30 minutos, aproximadamente), senti frio na barriga. Ninna mandou um poema que criou uma linda imagem em minha mente: “Borboletas na barriga...”. É esse o sentimento: muitas asas batendo: asas coloridas bordadas em *dégradés*, tons alaranjados e azuis, como as tardes de Guaxuma, Riacho Doce e todo o litoral de Maceió.

O grupo veio para o encontro após dois meses de férias, e isso já foi um bom sinal (Figura 23). Muitos abraços para celebrar o retorno. Ninna mandou uma carta da Espanha, por *e-mail*. Imprimi a carta e lemos juntas. Ela reafirmou que eu estaria com o grupo ao longo de 2017, porém pontuando a autonomia, a corresponsabilidade e a característica do Bordazul de ser um espaço de criação, acolhimento e cuidado.

Figura 23 – Primeiro encontro de 2017



Fonte: Acervo Bordazul.

Depois da leitura da carta/poema, e depois de chorarmos juntas de saudade e emoção, conversei com o grupo sobre minha tripla missão e sobre o quanto elas estavam interligadas: pesquisar, executar as atividades de analista em artes visuais do Sesc e “coordenar” o grupo. Renovei o compromisso ético com o Bordazul e fui recebida com afeto, como sempre havia acontecido. Compartilhamos os bordados feitos durante as férias, e fiz uma proposta para bordarmos sobre bolsas de algodão cru que haviam sido doadas ao grupo.

Intitulamos a proposta de “Um bordado para Ninna” (Figura 24). Sugeri que, além do desenho que iriam bordar, escrevessem uma palavra que expressasse o significado do grupo para elas. Foi a maneira que encontramos, em grupo, para diluir a saudade e as incertezas em relação a como seria aquele ano. Eu sabia que aqueles primeiros encontros seriam nosso ponto haste, buscando o significado dessa palavra na Botânica: o caule sobre o qual iria crescer nossos ramos de afeto e criatividade, dali em diante. Desejei que o tronco da nossa árvore fosse forte e que gerasse bons frutos.

Figura 24 - Exercício “Um bordado para Ninna” (2017)



Fontes: Acervo Bordazul.

Acima imagens de quatro bolsas bordadas da série “Um bordado para Ninna” (figura 25). Algumas dessas criações foram vendidas e outras integraram a colcha Bordazul, que apresentaremos mais adiante. Conversamos algumas vezes sobre os significados das palavras bordadas: paz, união, liberdade e outras tantas, reconhecendo que o processo de efetivação desses conceitos (no grupo) é semelhante ao de tecer, acontece no dia a dia, ponto a ponto.

7.2 Ponto Aresta: des - a – fios

Encontrar meu jeito de estar com o Bordazul aprender a lidar com as inevitáveis comparações foram processos de construção do conhecimento sobre como trabalhar coletivamente, mas também um exercício de autoconhecimento. Ouvi, algumas vezes, o seguinte comentário: “A professora Ninna fazia assim [...]”. Era angustiante, mas compreendi que, ao externarem seus sentimentos, as bordadeiras aprendiam a lidar com as incertezas. Além disso, íamos construindo uma relação de sinceridade.

Outra pergunta que pairava no ar: “Como você vai ser nossa professora, agora, se não sabe bordar?”. Respondi: “Agora, vocês é que serão minhas professoras”.

Penso que, de todas as perguntas que fomos nos fazendo ao longo da pesquisa, essa foi a mais importante, pois foi ela que me chamou para o embate e me fez pensar. Esse ponto me conecta com Marcia Moraes (2010), que, citando Deleuze (1988), reflete sobre o quanto um choque, um golpe ou um confronto podem fazer pensar. Marcia Moraes concorda com o filósofo e afirma:

Pois bem leitor, te digo, se tenho pensado algo, é assim, no golpe, no atrito, no embate com o mundo, com os outros, com o campo de pesquisa. É no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir. O pensamento não se reduz à reconhecimento, ao reconhecimento de si mesmo ou de alguma forma dada definida de antemão, mas ao invés disso o pensar envolve outras aventuras, encontros inusitados com o mundo [...] (MORAES, 2010, p. 26).

A partir desse questionamento, mantive-me atenta à construção da “professora” que eu seria, mas também às “educadoras” que nós seríamos umas das outras.

Todas nós sentimos falta dos ensinamentos, da organização, do método e, especialmente, do afeto presencial da Ninna, e eu não teria como corresponder às expectativas

das meninas¹⁴ quanto às aprendizagens de novos pontos. Sentir a comparação foi doloroso, mas, ao mesmo tempo, fez com que eu buscasse e (re)conhecesse minhas habilidades.

Nesse ponto, meu aporte teórico, o Construcionismo Social, me tranquilizava quanto a me alinhar com o grupo, participar das tardes de bordado, conversar e estar certa de que essa inserção é um posicionamento ético e político, e de que aqueles diálogos e aquela implicação já eram uma práxis. “A prática grupal é essencialmente linguística, mais precisamente, a linguagem em ação” (OLIVEIRA; SPINK, 2018).

Compreendi que meu fio condutor seria **rebordar** o afeto, a confiança e a escuta atenta e exercitar uma percepção aguçada das memórias, brincadeiras, cantos e danças que brotam nos bordados e nas conversas, **caseando** psicologia e artes visuais, ampliando pontos bordados a muitas mãos.

Nesse intervalo, alguns atritos aconteceram: questões relacionadas aos prazos de entrega das bolsas bordadas, às quantidades de bolsas, às quantidades de linhas que cada uma poderia pegar etc.

Fizemos alguns combinados, por exemplo, sempre que houvesse algum conflito, alguma aresta a ser aparada, que o grupo trouxesse para a roda e que isso fosse conversado entre todas. E assim foi feito.

Frequentemente me lembrava das palavras do Jefferson Bernardes (meu orientador), dizendo: “Grupo sem conflito não é grupo. É preciso perceber o que significam essas arestas, como se encontram as saídas e como você se sente diante das situações. Presta atenção ao seu corpo”.

Percebi que estava sentindo muito cansaço em virtude do acúmulo de funções: pesquisar, realizar as atividades de produtora cultural, cursar as disciplinas do mestrado e coordenar o grupo, tudo ao mesmo tempo!

Sentia peso nos ombros de terça-feira a sexta-feira, mas, quando chegava a segunda-feira, que era o dia de me encontrar com o Bordazul, predominava o sentimento de alegria! Pensar que receberia e daria abraços e sorrisos, e que vivenciaria formas solidárias de ser e de viver, renovava a vontade. Estávamos juntas, e isso era o bastante para nos reanimarmos mutuamente. Além disso, quebrar a rotina de ir para o Centro e ir para Guaxuma era muito agradável, pois sentia o cheiro do mar.

¹⁴Modo como eu as chamava.

7.2.1 Nós e nós

Um dia, uma bordadeira, que chamarei de Ponto Trançado, e uma segunda, que nomearei Ponto Pétala, disseram assim:

— Ponto Trançado: Todo mundo sabe que eu sou assim mesmo, mandona. Eu sempre fui assim, desde criança!

O grupo ouviu, atento, o argumento da bordadeira. Em seguida, Ponto Pétala se posicionou:

— Ponto Pétala: A gente não se importa que você fale e dê sua opinião. A questão é como você fala.

O Bordazul, em uma só voz, concordou e completou:

— Bordazul: A questão é o respeito!

Nesse dia, eu aprendi, na prática, que o conflito faz parte do processo do grupo e que todas/os aprendemos com ele, sendo o ponto de aresta, também, um ponto de intersecção, no sentido da geometria. Apenas por meio do diálogo ele pode ir alcançando, aos poucos, outro significado – o de imperceptível.

Em nosso Bordazul, todas as integrantes têm a mesma importância. Formamos uma grande roda na qual estamos lado a lado, em um mesmo patamar.

Isabelle Stengers (2002), citada por Marcia Moraes (2008), nos diz que a proposta é que a ciência esteja em ação, mobilizando pessoas que, embora diversas, estejam dispostas a se (re)inventar e a produzir novos seres dispostos a dialogar e a pactuar formas de vida em comum.

Essas situações de conflito no grupo me afetavam, mas aprendi que minha forma de intersecção poderia ser facilitar esses diálogos, valorizando as discussões sob o ponto de vista da oportunidade de crescimento. Compreendi com Marcia Moraes (2010) que uma intervenção pode se fazer no encontro entre cegos e videntes e não dos videntes para os cegos. No contexto do Bordazul, almejamos realizar uma intervenção que possibilite o alinhavo entre pontos de vista diferentes, mas levando em conta os seus referenciais.

7.2.2 Singeleza

Lemos o livro **A menina singeleza**, da autora Renata Baracho (2014), que versa sobre um conflito entre bordados e rendas que queriam ser mais valorizados que os outros: um era o melhor; outro, o mais bonito; um terceiro, o mais famoso, e assim por diante. As artes reivindicavam seus *status*.

Observamos as ilustrações e dialogamos sobre as protagonistas. Pontos Filé, Renascença, Labirinto e outros, cada ponto possui sua importância, seu brilho. “Como nós”, comentou Hercília. Tita também comentou, brincou e se identificou bastante com as personagens. Helena relacionou a história com a convivência em grupo: “Às vezes, a gente briga como em qualquer família, mas depois a gente se entende. O importante é conversar!”.

7.2.3 Há beleza no avesso - o casaco do Bispo

Entre maio e junho, durante a preparação para participarmos da Exposição “O Grande Veleiro”, que entraria em cartaz na Galeria do Sesc Alagoas, em junho de 2017, decidimos, em grupo, que faríamos uma homenagem a Arthur Bispo do Rosário: um casaco bordado semelhante ao casaco azul que era o uniforme da Colônia Juliano Moreira (RJ).

- Bordazul: Vamos bordar o que é importante para a gente, como o Bispo bordava o que era importante para ele.
- Bordazul: A gente vai assinar o nome?
- Bordazul: Não precisa. O casaco é uma obra coletiva. A gente só precisa colocar o nome Bordazul (Diário Bordado).

A exposição teve início, e o primeiro bordado no casaco do Bispo foi um nome (de uma integrante do Bordazul). Logo depois, entre sereias, barcos e ondas do mar, mais nomes. Achei tão interessante esse movimento!

O próprio Bispo do Rosário faria o mesmo. E fez! Bordou nomes de pessoas importantes que passaram por sua vida e que ele gostaria que estivessem com ele no dia do “juízo final”. Bordou o dia, o mês e o ano em que chegou ao hospital e muito mais.

O Bordazul bordou seus próprios nomes, fortalecendo sua autonomia, suas histórias e deixando suas impressões – suas marcas –, as assinaturas. O casaco foi sendo bordado ao longo da exposição e virou o xodó do público. O que poderia ser um nó transformou-se em um **nós** fortalecido (Figuras 25 e 26).

De acordo com nosso referencial, os **pontos-aresta** ou possíveis “mal-entendidos” (MORAES, 2008) são “promissores”, porque eles são agentes de transformação para todas/osas/os envolvidas/os na pesquisa. Esses aparentes desencontros são importantes por nos fazerem pensar, enfrentar turbulências e sair de uma margem cômoda. Enfrentar temporais juntas/os fortalece a confiança mútua. Assim percebemos nos relatos das pesquisadorasCOM e assim vivenciamos com o Bordazul.

Figura 25 – Bordando o casaco em homenagem a Bispo (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 26 – O casaco em homenagem a Bispo (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

7.2.4 A menina que bordava cartas

Fizemos uma roda de conversa para escolher as histórias que gostaríamos de contar na dissertação. Uma delas é esta, a carta de Iranize (2016):

Tenho o bordado como uma terapia e um refúgio. Pego minha linha, minha agulha, meu sono, no silêncio vou bordando, vai saindo o desenho que eu estou querendo. Estava querendo desistir, mas eu parei e pensei que o bordado me faz feliz!

Com o bordado, peguei experiência, aprendi a ser comunicativa e, ao mesmo tempo, triste, pensando que não fazia parte do grupo, mas aí minha professora Ninna me perguntou se eu queria bordar minha mão. Fiquei muito feliz, tanto que meu coração palpitou e, com isso, tive certeza de que fazia parte do grupo!

A mão que estou bordando, eu coloquei um rosário, representando, ou melhor, significa que aprendi a voar usando minhas mãos, e com isso vivo mais feliz... Assinado: Iranize (IRANIZE, Bordazul).

Iranize chegou ao grupo depois do primeiro ano do projeto, convidada por suas vizinhas da Boca do Rio – comunidade dentro do Riacho Doce. Hercília percebeu que a amiga precisava de cuidado. Havia passado por uma cirurgia neurológica e tinha muitas preocupações com familiares (esse é um **ponto** em comum). Sua chegada gerou questionamentos: “Ainda pode entrar alguém no grupo?”; “Tem muita gente querendo entrar no grupo de bordado!”. **Pontinhos de nó francês** a serem desatados, um a um.

Atualmente, não há dúvida de que essa bordadeira faz parte do coletivo Bordazul, e do **ponto aresta** se fez um **ponto renascença**, pois Iranize voltou a estudar, está fazendo o Curso Técnico Integrado em Artesanato, no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), e cultiva novas perspectivas: são flores se abrindo.

Luciana é outra bordadeira que também entrou no grupo depois, em 2017. Convidei-a para conhecer o Bordazul, pois imaginei que ali ela seria acolhida, assim como eu fui, e que isso ajudaria a melhorar suas condições de saúde, que não eram boas. O grupo a recebeu com muito amor, lhe ensinou pontos e lhe deu apoio. Luciana criou um vínculo forte com Ninna. Ela lhe incentivou a fazer seu autorretrato, conforme Figura 27. Foi um momento marcante que ela escolheu para contar: “Quando eu me olhei no espelho, a lágrima caiu. Foi muito difícil”. Bordou muito em **ponto corrente**, depois se transformou em **ponto areia**.

Figura 27– Luciana desenhando seu autorretrato (2016)



Fonte: Acervo Bordazul

Ela ama fotografar. Nossas fotos se misturaram neste diário. Assinaremos as fotos Kelcy, Luciana e Ninna. Em suas participações, dizia que gostava do silêncio e que, às vezes, preferia ficar calada no grupo.

Percebemos que, para quem chegou depois do primeiro ano, a adaptação foi mais difícil. É compreensível! Muitas afinidades já estavam costuradas, mas cada chegada ao grupo é única, assim como as consequências da convivência no Bordazul também o são.

Luciana se fortaleceu: fez mediações culturais na exposição *O grande veleiro*, recebeu o público, conversou sobre a história do navegante, ensinou muitas pessoas a bordar em outras comunidades (Jacintinho/Feitosa/Piabas), buscou a profissão de massoterapeuta, segue trabalhando e se reinventando através da sua habilidade com as mãos.

7.3 Outros pontinhos de nós

Em algumas falas do Bordazul, nossos leitores e leitoras devem ter percebido que Ninna é chamada de professora. Esse é um pontinho de nó francês que me chamou a atenção desde o início da pesquisa. Ninna já conversou várias vezes sobre esse termo, ressaltando que estamos aprendendo juntas e que o grupo já sabe muitos pontos novos que ela mesma não sabe ainda.

Compreendo o posicionamento de Ninna, que tem como objetivo fazer com que o grupo solidifique uma relação de horizontalidade, corresponsabilidade e coparticipação. No

decorrer dessa travessia me perguntei algumas vezes sobre o sentido desse jeito de chamar: “professora” em suas mais variadas entonações. Certa vez Maria declarou: “A professora Ninna foi a primeira professora que eu tive, porque eu nunca fui para a escola” (durante ação educativa compondo a exposição **O Grande Veleiro**, 2017).

Ninna propõe um “giro linguístico” de professora para ensinante, e de aluna/o para aprendente, compreendendo a circulação de diferentes posicionamentos, criando oportunidades para que ambas/os sejam protagonistas, aportando relações mais horizontais do que a verticalidade implícita na/o “professora/or” e “aluna/o” em suas concepções tradicionais (Ninna, Bordazul). Ela conclui seu pensamento fundamentado na teoria de Paulo Freire e Alicia Fernandez: “um aprendente é sempre um ensinante e um ensinante é sempre um aprendente”.

Concordamos com Ninna e acreditamos que, por meio das conversas e experiências vivenciadas de educadores/aprendizes, vamos internalizar esses conceitos, nos reconhecemos nesses dois lugares (aprendente e ensinante) e seguir em nossas praxis transgressoras: bordado **livre** e educação como prática da liberdade (NINNA, 2013).

Quando pensamos na experiência de educação (não formal) que vivenciamos no Coletivo Bordazul, compreendemos tal qual Paulo Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 26).

Fomos compreendendo a importância do acesso à educação para essas mulheres que não puderam frequentar a escola formal por uma série de questões, como a necessidade de trabalhar desde a infância, as mudanças de estado ou de cidade por questões de sobrevivência e de trabalho, o casamento precoce e a criação das/os filhas/os. Porém, o desejo de aprender está vivo, vibrante, e bastou uma oportunidade para estarem, hoje, nessa barca de aprendizes-educadoras: a barca Bordazul.

Sabemos que esse ponto ainda precisa ser mais elaborado, que o exercício da autonomia é diário, assim como o exercício do cuidado. São pontos difíceis de aprender, como um ponto **nó francês**, que também é conhecido por muitas bordadeiras como **ponto carocinho**. O **nó francês** é um ponto delicado. Apesar de ser um nó, remete a um certo

requinte. Assim também acontece no grupo: alguns nós nos fazem ser mais reflexivas e encontrar nossa mais elaborada maneira de criar e recriar.

De acordo com M. A. T. Ribeiro (2003), na perspectiva construcionista, a realização do trabalho coletivo não implica relações sempre harmoniosas, ou que não haja relações de poder. É necessário considerar que as relações de poder acontecem, considerar os diálogos que podem ser realizados, a partir dessas experiências e a possibilidade de resistir a elas.

7.4 O cuidado em pequenos retalhos

No dia 6 de março de 2017, eu havia preparado, para nosso encontro, uma leitura do livro **A menina singeleza**, da autora Renata Baracho (2014). Planejei, para aquela tarde, dialogar, a partir dessa leitura, sobre a importância de cada uma no grupo e sobre o nosso relacionamento interpessoal. Porém, quando cheguei ao Sesc Guaxuma, o Bordazul já estava reunido, e a bordadeira **Ponto Pétala**, que normalmente é silenciosa e observadora, estava conversadeira nesse dia. Percebi que estava à vontade para falar sobre sua história, e que as companheiras estavam atentas. Ponto Pétala abriu em flor:

Eu não tive infância. Com 12 anos, tive que cuidar dos meus sobrinhos: minha irmã mais velha foi embora de casa e deixou dois filhos pequenos. Quem cuidava era eu! Tive que assumir responsabilidade de adulta, às vezes me sinto cansada! Depois eu casei, e meu marido era ótimo. Ele já faleceu! Não tenho o que dizer dele, só tenho saudade! Meus filhos também são muito cuidadosos comigo [...].

Por isso que gosto de vir pra esse bordado pra estar com essas meninas: eu me sinto bem, é um momento pra mim, mesmo que eu borde devagar [...] (PONTO PÉTALA, Bordazul).

Naquela tarde, Ponto Pétala me ensinou sobre a arte da escuta para além do ouvir. Aprendi, também, sobre o exercício da atenção e da percepção que a/o psicóloga/o, pesquisadora/or ou responsável pelo grupo precisa ter das necessidades de expressão que emergem.

Compreendi o quanto aquela história contemplava a memória de outras mulheres do grupo, e que, naquele contexto, a fala de Ponto Pétala era muito mais importante do que o que eu havia preparado.

Esse ponto é recorrente para muitas integrantes do Bordazul (2017): “Eu não tive infância, e desde pequena trabalho nas cozinhas dos outros. Minha infância tá sendo agora

que eu venho pra aqui [Sesc Guaxuma] dançar, bordar, passear [...]” (Ponto Péta, Bordazul).

Percebi que a privação do ser criança é algo doloroso, uma marca que permanece no corpo de quem não pôde brincar. Porém, aprendi com o Bordazul que a prática do ateliê coletivo pode ser uma nova oportunidade para o lúdico florir e para a alegria se reinventar. Em momentos de orientação, Jefferson Bernardes falou, diversas vezes, que “a experiência do Bordazul é uma aprendizagem de saúde pela alegria”.

Nós nos chamamos de “meninas”: é um jeito nordestino, bem alagoano, de nos nomearmos. Penso que ser menina é não perder o encanto da meninice, independentemente da idade, como diria a compositora Joyce em sua música “Feminina”, de 1980:

[...] não é no cabelo ou no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar
[...] costura o fio da vida só pra poder cortar, depois se larga no mundo pra
nunca mais voltar, prepara e bota na mesa com todo paladar, depois acende
outro fogo e deixa tudo queimar [...].

Cabe em nós, meninas do Bordazul, toda a delicadeza dos bordados, toda a doçura dos bolos do Riacho Doce e todas as contradições da poesia de Joyce.

A cada encontro de segunda-feira, ia aprendendo sobre como pesquisar com o Bordazul e, nessa navegação, faróis como o pensamento a seguir foram fundamentais elementos de sobrevivência:

Intervir *entre* o ver e o não ver é colocar-se o desafio de intervir com o grupo e não sobre o grupo. Nesse caso, somos partes do campo de pesquisa, o campo não está fora de nós, aguardando por nossas soluções, nossos quadros de referência. Estamos no campo quando falamos dele, quando contamos histórias como esta que aparece neste texto. Nossas perguntas vão sendo tecidas com o grupo, são formadas de materialidades e socialidades que se conectam, se agenciam e fazem falar os sujeitos que ali estão, inclusive nós pesquisadores (MORAES, 2008, apud SPINK, 2003, p.,45, grifo do autor).

Acompanhar o percurso de Marcia Moraes e de suas interlocutoras, conectadas com Spink, me faz me sentir acompanhada em uma grande comunidade de pesquisadoras/es dispostas/os a ouvir e escrever novas histórias, dispostas/os a aceitar desafios e a pesquisarCOM grupos, oportunizando a construção coletiva da aprendizagem e o compartilhar da fala de todas/os as/os envolvidas/os na pesquisa. Exatamente como as aracnes fazem com suas teias.

7.5 Para que a rede se amplie é preciso fortalecer os nós

Posso considerar meus nós pessoais: a insegurança quanto à forma de acompanhamento do grupo, a insegurança quanto à escrita acadêmica, o des-a-fio de aprender a bordar. Fomos desatando um a um esses nós e ampliando nossa teia, e em nenhum momento me sentia só! Durante todo o ano de 2017, e até hoje, o coletivo Bordazul esteve comigo. Sempre nos comunicávamos com Ninna, por *e-mail* ou *whatsapp*, e sentíamos, a cada semana, a nossa **rede** mais forte.

7.6 Ponto a ponto

Desejei compartilhar a leitura do livro **Ponto a Ponto**, de Ana Maria Machado (1998). Sabia que o grupo o conhecia, pois já havia sido feita a leitura com Ninna, mas propus que relêssemos apreciando as ilustrações. “Era uma vez uma voz, um fiozinho à toa. Fiapo de voz [...]” (MACHADO, 1998, p. 1). Assim se inicia a história que versa sobre a condição de mulheres que, a partir da união com outras vozes e do (re)conhecimento de suas histórias, tornaram-se fortes. Mulheres que bordaram de forma criativa: “Minha linha agora eu traço num bordado que eu invento ponto a ponto, passo a passo por um caminho que eu faço, modelo que eu mesma tento [...]” (MACHADO, 1998, p. 20).

Enquanto eu lia a história, olhava suas expressões e percebia a identificação, até que algumas delas disseram, em voz firme e uníssona: “Essa é a nossa história, tem tudo a ver com a gente!”.

O livro de Ana Maria Machado versa sobre as histórias da tradição oral que foram fortalecendo uma comunidade, a partir da sua transmissão entre vizinhas/os, amigas/os, familiares, grupos antes oprimidos, sufocados e silenciados que conquistaram visibilidade por meio da criação: “[...] e viramos capa de jornal” (MACHADO, 1998, p. 20). O Bordazul também virou capa de jornal. A Figura 28, abaixo, mostra a matéria “Bordando Histórias”, publicada na capa do caderno B do jornal Gazeta de Alagoas, na edição de 18 de janeiro de 2015.

Figura 28 – Matéria sobre o Bordazul no jornal Gazeta de Alagoas (2015)



Fonte: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=259281>.

Ao realizar a leitura de **Ponto a ponto** com as bordadeiras e refletir com elas sobre a semelhança com a nossa história, fui me fortalecendo com o grupo, aprendendo a bordar (Figura 29).

Marcia Moraes (2008) convida-nos a vivenciar uma ciência em ação, praticando o questionamento às dualidades do pensamento moderno (natureza/sociedade, sujeito/objeto, pesquisadora/or/pesquisada/o), considerando que não há separação entre elas: suas fronteiras são pactuadas como em uma sequência de **ponto haste**.

Figura 29 – Bordazul no Sesc Guaxuma, em março de (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Lembram-se das bolsas que citamos anteriormente? A cada segunda-feira, novas bolsas bordadas chegavam, e os sentidos de estar em grupo iam sendo apropriados por cada uma de nós (Figura 30). Sobre a sinceridade, combinamos, em grupo, sempre conversar sobre o que estávamos sentindo e quando algo desagradasse ou quando houvesse alguma dúvida.

Quanto à palavra saúde, fomos compreendendo que significava muito mais do que havíamos imaginado e que precisamos bordar saúde todos dias.

Figura 30 – Bolsas bordadas (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

7.7 Ponto corrente: ampliando a rede de afetos

Em alguns pontos anteriores citamos a exposição “O Grande Veleiro de Arthur Bispo do Rosário”, porém neste trecho explicaremos com detalhes. Trata-se de uma mostra itinerante preparada pelo Sesc Nacional, em parceria com o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (MBAC), que está percorrendo o Brasil. Alagoas foi o segundo estado a receber o acervo (o primeiro foi Sergipe), composto por réplicas de barcos, painéis interativos, jogos, livros, um documentário e muitas bandeirolas em tecido de algodão para serem bordadas.

Imaginei que seria uma oportunidade para o coletivo conhecer a obra desse navegante, que bordou sua história em estandartes, casacos, bordou o Manto da Apresentação, considerada por especialistas uma das mais importantes obras da arte contemporânea. Arthur Bispo do Rosário teceu possibilidades de criação para além do seu tempo.

Fiz o convite para o Bordazul participar da exposição, na Galeria Sesc, expondo seus artefatos, ensinando a bordar, mediando as ações educativas, conversando com o público visitante. Organizamos um ateliê de bordados dentro da exposição (Figura 31).

Figura 31 - Bordazul reunido antes da inauguração da exposição (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

7.7.1 Ponto de elos: Espanha - Brasil

No dia da abertura da exposição Ninna estava na Espanha, mas havia deixado fotos reveladas para serem entregues a cada uma das bordadeiras. Antes da abertura da exposição, chamei o grupo para entregar as fotografias, em envelopes nominais: eram registros de momentos significativos. Cada uma das bordadeiras recebeu imagens com um significado especial em sua trajetória no grupo, e Ninna conhecia bem cada uma delas.

Foi uma forma de estarmos todas juntas nesse dia, um ponto de elos Espanha-Brasil. Rever os momentos registrados nas fotografias fez com que todo o Bordazul abrisse o sorriso do reencontro.

Essa experiência me fez puxar uma linha para um texto de Rubem Alves, em seu livro **Retorno e terno** (1996). O texto versa sobre as sensações que sentimos ao enviar e receber uma carta. O escritor sugere que tocar uma carta é como tocar a mão daquela pessoa querida que está distante. Acredito que, com aquelas “grafias de luz”, Ninna tocou cada uma das nossas mãos e nos disse: Sigamos juntas! Com esse gesto de Ninna, aprendi sobre cuidado muito mais do que havia aprendido em qualquer literatura.

7.7.2 A bordo do grande veleiro de Arthur Bispo do Rosário

Ao assistirmos ao filme **O prisioneiro da passagem**, de Hugo Denizart (2012)¹⁵, no qual Bispo do Rosário dialoga com o pesquisador sobre sua vida e suas composições, surgiram os comentários: “Ele não era nada de louco, era muito inteligente”; “Ele viajou muito, foi para muitos países, isso era quando ele tava na marinha”; “Ele encontrou o fio da meada da própria vida para não se perder”.

Compartilhei o livro da 30ª Bienal de Artes de São Paulo, com muitas imagens das obras de Bispo e com o material educativo elaborado pela equipe do MBAC. A bordadeira que vou nomear **Ponto Areia** buscou mais informações sobre o artista, em vários *sites*, e trouxe para o grupo dialogar.

A história do artista Bispo do Rosário despertou curiosidade e familiaridade entre as bordadeiras. A proximidade territorial foi um dos aspectos, pois ele nasceu em Japarutuba, município localizado em Sergipe, a 229,9 km de Maceió. No início da colonização do Brasil, Japarutuba recebeu muitas/os africanas/os escravizadas/os, gerando uma população de quilombolas, brincantes de folguedos e artesãs/os têxteis. A mãe de Bispo do Rosário era bordadeira. “Eu me apaixonei pela história do Bispo. Encontrei muitas matérias na internet. Ele ficou interno, em um hospital psiquiátrico, por mais de 50 anos, porque teve visões. Eu acho que o que ele dizia era verdade” (Ponto Areia, Bordazul).

Entre os bordados do artista, encontramos folguedos, brincadeiras, histórias da literatura oral e muitos barcos. Foi nesses pontinhos que houve uma identificação entre o Bordazul e Arthur Bispo do Rosário, e **fios** foram puxados para tecer os **cordões** dançantes das **BaianasBordazul (2017)**. “Bora fazer uma apresentação de baianas durante a exposição? Bora!!! Mas a gente precisa ensaiar, né?”. Nesse dia, uma das bordadeiras, que chamarei de **Ponto Margarida**, disse assim:

Todo ano, no tempo das festas, a gente ia brincar na praça do Riacho. Tinha pastoril, guerreiro, baianas, ciranda de trupé. Era muito animado! Todo mundo brincava, se divertia, e não se via briga. Depois começou a dar briga, os bêbados fazendo confusão, aí o padre proibiu as festas. Hoje é só a novena, missa e pronto. Essa época era muito boa. Quando eu dançava, eu não tinha tanta dor! (Ponto Margarida, Bordazul).

Nessa conversa, compreendi o quanto aquela memória festiva, o movimento do corpo, a ocupação da praça e a reunião da comunidade representavam para **Ponto Margarida**, mas

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjgPILYLZOU>. Acesso em: 8 ago. 2019.

também para todas nós. Fiquei pensando em um modo de ativar essas memórias e proporcionar ao coletivo o reencontro com os festejos e com a dança. “Minhas baianas, os corpos são de mola, fazendo manobra para o povo apreciar” (música de tradição oral do Baianá alagoano). Nesse movimento de escuta atenta, percebi que a Mestre Zezé, volta e meia, desenhava e bordava moças com saias rodadas muito coloridas, como podemos ver na Figura 32. Perguntei como ela havia aprendido os cantos e a dança. Zezé contou que brincava desde criança:

Desde menina que eu ando pelos sítio brincando baiana, saía uma ruma de gente a cantar de sítio em sítio... Passava dia... Eu morava na beira de praia, lá tinha as casas de palha e tinha um salão pra a gente dançar, nós tinha roupa, tinha instrumento, tinha tudo, mas tudo foi se acabando... Daquele povo que dançava, só tem eu viva agora! E não tem mais ninguém pra tocar (Zezé, Bordazul).

Figura 32– Bordado de Zezé - junho de 2017



Fonte: Acervo Bordazul.

Combinei com o grupo e convidei o músico alagoano Wilson Santos para conhecer o Bordazul. Perguntei às meninas se queriam dançar. Foi uma festa! Iniciamos os ensaios em junho para a realização da apresentação em agosto, no encerramento da exposição. Wilson Santos é percussionista e, juntamente à musicista Dany Lins, realiza pesquisas, oficinas e apresentações artísticas sobre os principais ritmos da cultura alagoana, entre eles o Baianá.

No Bordazul, quem canta um canto aumenta vários pontos. As tardes de ensaiar, cantar e dançar, ao som da percussão de Wilson Santos e Dany Lins, foram ensolaradas, embora estivéssemos nos meses de junho e julho (Figura 33). Foram oito ensaios em Guaxuma, com a participação especial das mestras Fátima de Paripueira e Edileusa do Riacho Doce, que são do projeto “Conversando sobre saúde”. Elas foram convidadas pelo grupo.

Figura 33 – Ensaio do Baianá no Sesc Guaxuma (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

O encontro Bordazul e Centro de Atendimento Psicossocial (Caps) ampliou nossa rede de afetos, de contatos e de possibilidades criativas. Aconteceram rodas de conversa e de bordado, na Galeria Sesc, nas quais fluíam histórias e processos sobre os quais eu ainda não tinha conhecimento. A história do vestido foi uma delas (Figura 34):

Esse vestido, eu fiz pra minha neta! Eu sempre quis aprender a bordar pra fazer o enxoval dos meus filhos, mas eu não sabia. Quando a minha neta nasceu, eu fiz um monte de coisas pra ela e esse vestido aqui, por isso que eu trouxe pra exposição. [...] O bordado é saúde, eu digo a vocês: bordem, que faz muito bem. Eu vou dizer uma coisa: eu tinha vergonha da minha casa, eu jamais levaria a Kelcy pra minha casa, mas hoje eu levo qualquer um de vocês [...]. A minha casa é linda! (NATÁLIA, Bordazul).

Figura 34 – Um vestido para minha neta - julho de 2017



Fonte: Acervo Bordazul.

Natália havia chegado com o vestido, no dia da abertura da exposição, e o pendurou em lugar de destaque. Observei e atentei para a reação do coletivo. Ninguém se opôs. Ao participar da conversa acima, compreendi a importância do vestido e o sentido da sua atitude. Senti-me feliz com mais essa aprendizagem para todas nós. Nessas entrelinhas, fui percebendo os sinais de respeito, de cuidado e de sensibilidade com a história e com o jeito de ser da/do outra/o.

Explico que revelei o nome da bordadeira pelo fato de a história estar associada à sua imagem, mas também por ter a sua autorização. Natália adora contar essa história do vestido da neta.

Convidamos também a/os integrantes do Projeto Luz Refletida para realizar uma mostra fotográfica com as produções das/os usuárias/os de cinco Centros de Atenção Psicossocial (Caps) de Maceió. As fotografias são resultados de um curso ministrado por Rose Dias (fotógrafa alagoana), sob a coordenação do Núcleo de Cultura e Reabilitação Psicossocial, vinculado à Gerência de Atenção Psicossocial da Secretaria Municipal de Saúde¹⁶ (Figura 35).

Figura 35 – Ateliê Bordazul e mostra fotográfica das/os usuárias/os do Caps (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Todos os dias, havia um grupo de bordadeiras para receber o público, conversar sobre as histórias do Bispo do Rosário, sobre suas próprias histórias e para ensinar a bordar. Eu me

¹⁶ Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/2017/06/acao-dos-caps-integra-exposicao-nacional-sobre-o-artista-arthur-bispo/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

senti tão feliz em desfrutar de suas companhias, feliz em vê-las ocupando a Unidade de Cultura. Nesse mês, eu não senti cansaço.

Foram tardes intensas. Estivemos juntas na Galeria Sesc, nos aproximamos e conversamos sobre como cada uma chegou ao projeto “Conversando sobre saúde” e às oficinas de bordado, além de outras tantas histórias.

O Bordazul compartilhou sua expressão artística em vivências com centenas de visitantes. Sempre havia uma dupla, um trio ou um grupo maior de bordadeiras em um espaço para criar, no qual quem chegava poderia conversar, bordar e entrelaçar conhecimentos. Foi assim que a bordadeira Anna Lisboa pôde compartilhar muitos dos pontos que conhece por herança materna. Anna (entre o Bordazul, na figura 35) ia, quase todas as tardes, para a galeria/ateliê, e declara até hoje (2019): “Eu me encantei por essas meninas e por esse jeito de bordar! Elas têm um colorido sem igual!”.

Nossa linha do tempo é uma mandala: há pontos que dão voltas e se encontram novamente. Às vezes, voltamos ao princípio para compreender o hoje.

Quando perguntei às meninas sobre sua chegada ao grupo, das 24 integrantes, 20 responderam: “Eu tava em casa quando Anunciada foi me chamar”. Todas do Bordazul guardam um carinho imenso por ela, que sempre se apresentava assim: “Meu nome é Anunciada, para quem me conhece e para quem não me conhece também”.

As fotografias abaixo são o registro da primeira exposição do grupo, em 2013, quando realizaram uma apresentação de baianas e compartilharam seus primeiros bordados com as companheiras do projeto “Conversando sobre saúde”. Na primeira fotografia (Figura 36), Anunciada é a segunda da esquerda para a direita. A segunda fotografia (Figura 37), do dia da abertura da exposição **Tesouros Bordados**, Anunciada está à esquerda do painel Padre Cícero, com Natália. Todas nós recordamos, com amor e saudade, o sorriso dessa bordadeira que demonstrou **atenção** com suas vizinhas.

Figura 36 – Bordados e baianas: pontos de laçada de anunciada (2013)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 37 – Abertura da Exposição Bordados e baianas: pontos de laçada de Anunciada (2013)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 38 – Lúcia Galvão e o Bordazul em “O Grande Veleiro”.



Fonte: Acervo Bordazul

Ao rever suas antigas aprendizes, Lúcia Galvão revelou surpresa, felicidade e admiração: “Elas estão muito diferentes, e os bordados também! Agora, já são professoras!” (registro na Figura 38). Lúcia, que, além de bordadeira, é uma excelente contadora de histórias, puxou um ponto “astro” (é como o Bordazul costuma chamar o ponto haste) sobre a mestra Zezé. A conversa que segue foi encaminhada por mensagem gravada em um aplicativo de mensagens. Foi feita a transcrição dela, por isso o tom informal.

Falando em Mestra Zezé, eu vou contar uma história que você já deve ter ouvido, mas eu gosto muito de contar. Era início de trabalho. [das oficinas de bordado] Zezé era uma pessoa muito tímida, e ela, como algumas outras, achava que não tinha muito jeito pra bordar [...]. Um dia, Zezé ia fugindo, sabe? Eu acho que ela chegou, ficou assim, tal... Muita gente, né? Mais de 30, e nós éramos duas, mas, mesmo assim, às vezes, a gente não dava conta de todas, e, quando eu vi, Zezé botou o paninho dela num canto, deixou em cima da mesa e ia escapulindo, aí eu disse “Ninna, Ninna, olha aquela ali!”. A gente ainda nem sabia direito dos nomes, aí a Ninna correu e já pegou ela quase no portão [do Sesc Guaxuma], aí trouxe ela de volta e ela toda...! E a gente ficou na brincadeira, né? Pronto, aí a gente bordava com ela coisas da natureza, folhas e tal, porque ela dizia que não sabia bordar e não sabia desenhar, e ela não podia participar daquilo ali. Aí ela passou um tempo bordando só em verde, tudo dela era verde. Era flor verde, casa verde, nuvem verde, tudo verde!

Aí tá, passou, passou e, um dia, a gente fez uma dinâmica. As meninas ligaram o som, e eu lá no microfone [...] eram uns papezinhos. Cada uma recebeu um papelzinho e ali tinha algo escrito, e elas iam fazer alguma coisa ou dizer alguma coisa, se expressar. Foi indo, foi indo e parece que uma chamava a outra, e, quando ela foi chamada, ela veio com o papelzinho e disse assim: “Eu não sei ler”. Aí, eu cochichei no ouvido dela: “Eu leio pra você”. O papel ainda estava fechado. Ela abriu o papel e tinha assim escrito: **cante uma canção**. Aí, ela abriu um vozeirão! “Gente, como você tem a voz linda!”, aí as outras disseram: “Ela é mestra, ela é mestra da baiana”. A gente não sabia que ela era mestra. Menina, a partir desse dia, ela se expressou de uma forma que vamos respeitar, viu? Ela se transformou em outra pessoa ali dentro do grupo, e eu acho que outra pessoa dentro dela também, tendo aquele potencial dela valorizado. E eu não esqueço desse dia! Nós não sabíamos que ela era mestra, eu e Ninna, as outras sabiam. E tantas coisas que elas são e que não sabiam, e a gente pode revelar isso [...] (Lúcia Galvão por mensagem de voz, 2017).

Eu ainda não fazia parte do grupo nesse período e não conhecia completamente essa história. O certo é que o Bordazul encerrou a exposição em homenagem a Arthur Bispo do Rosário com uma apresentação de baianas no Teatro Jofre Soares (Figura 39). Na percussão, Wilson Santos e Dany Lins e a mestra Zezé.

Figura 39 - Baianas do Bordazul no Teatro Jofre Soares - 11 de agosto 2017



Fonte: Acervo Bordazul.

Junto aos barcos do Bispo, que aportaram na Galeria Sesc, vieram umas bandeirolas em algodão cru para serem bordadas (Figuras 40 e 41). As bandeirolas foram para o Rio de Janeiro, e essa itinerância teceu um ponto **cordão** com o coletivo Bordadeiras Poéticas de Paraty - RJ.

Figura 40 – Bandeirolas da exposição O Grande Veleiro (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 41 – Detalhe - Sereia na bandeirola, assinada por Hercília, do Bordazul (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

A cada tarde elas iam sendo coloridas com linhas de todas as cores e muitas novas histórias iam sendo compartilhadas. A história da bordadeira Maria é uma delas:

Eu não estudei. Desde pequena que eu trabalho. De primeiro, eu trabalhava cortando cana mais a minha mãe e meus irmãos, mas, mesmo nesse tempo, eu já gostava de criar. Eu inventava de tudo: fazia boneca com a macaxeira, mas eu sempre fazia alguma coisa de criatividade. Depois, eu fui trabalhar nas cozinhas. Em uma das casas que trabalhei, minha patroa jogava muitas revistas e livros fora: eu juntava as revistas e os livros do lixo e, quando era de noite, eu ficava tentando ler no meu quarto, com a luz bem fraquinha, às vezes com luz de vela, e foi assim que eu aprendi a ler o pouco que eu sei [...]. Eu gosto muito de ler, e principalmente de poesia! (Maria, Bordazul).

Em 2017, choveu muito nos meses de junho e julho, e caiu uma barreira sobre a casa de Maria, que era na grotá. Grotá significa vale profundo e, em Maceió, significa, também, periferia dentro dos bairros, lugar onde faltam saneamento e condições dignas de moradia, onde se alastra a violência e a ausência das políticas públicas. Era ali que Maria gostava de cultivar seu jardim! Ela teve que sair de onde morava, às pressas. Ficou preocupada, triste e nós, do Bordazul, também.

Suas/eus filhas/os se reuniram e alugaram uma nova casa, no Riacho Doce, perto das suas amigas. Terezinha foi fazer-lhe uma visita e nos contou: “Ontem, fui visitar a Maria na casa nova dela. Quando ela veio abrir a porta, já veio pulando e dançando. Por isso que eu gosto tanto dessas meninas, uma alegria dessas!”, disse abraçando a amiga.

Enquanto Terezinha narrava a visita, fiquei imaginando a cena: um desenho com uma casa de porta e janela, como essa mesmo que Maria faz tão bem, com a janela bem aberta. Uma bordadeira baixinha e magrinha, de cabelo preso com penteado “rabo de cavalo”, vestido florido sem manga, na porta da casa, e a outra vindo lá de dentro: negra, forte, sorridente e com os braços abertos, em movimento dançante para receber a amiga.

Minha identificação com essas mulheres foi espontânea. Fui afetada por suas histórias de vida, superações, movimentos de solidariedade e esperança. É sobre isso que a casa verde de Maria me fala (Figura 42). Uma esperança ativa que dança ao som do processo de criação coletiva. A saúde pelas bordas, como disse Marília Silveira, ou a saúde pela alegria, como acenou Jefferson Bernardes.

Figura 42 – Bordado sobre bandeirola de algodão casa da Maria (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

Marluce e Helena (Figura 43) também me contaram sua história na galeria do Sesc, durante a exposição: elas foram separadas, na infância, quando a mãe faleceu. Elas viviam em Matriz do Camaragibe, região norte de Alagoas:

— Helena: Eram muitos filhos, meu pai não podia criar, aí a gente se espalhou: fomos para as casas dos outros trabalhar.

— Marluce: Eu comecei a trabalhar com oito anos de idade. Não tive infância, fazia tudo dentro de casa e ainda apanhava dos meus patrões.

— Helena: Quando eu vim pra Maceió, que já tava na minha casa, comecei a procurar ela. Parece história de filme!

— Marluce e Helena: Hoje, a gente vir juntas pra esse bordado é uma alegria. A nossa infância tá sendo agora!

Figura 43 - Irmãs Marluce e Helena (2017)



Fonte: Acervo Bordazul.

A exposição **O Grande Veleiro** foi um marco para minha experiência como pesquisadora, pois acredito que foi o período de maior aproximação com todas as bordadeiras. Pude compartilhar com o Bordazul o mesmo espaço de trabalho, quase moradia: o casarão Sesc Centro. Às vezes, me pegava pensando: agora, elas sabem como eu trabalho, o que eu faço aqui no Sesc, e podem ver um pouco do meu dia a dia corrido. Havia dias em que não era possível ficar na galeria com elas, por causa das documentações a serem elaboradas e das atribuições com outros projetos, mas sentia felicidade em compartilhar uma parte da minha história com o grupo.

Poder contar essas histórias é minha grande alegria nesta dissertação! É a minha forma de **cuidado** com o Bordazul, para que suas vivências sejam conhecidas! Nesse sentido, tecemos um **ponto cordão** com o pensamento de Marcia Moraes em relação ao “escreverCOM”:

O escreverCOM é a escolha política e filosófica que assumimos ao contar histórias das vidas das pessoas com as quais pesquisamos - contar muitas histórias - é uma possibilidade de escrita Marcia Moraes:

As pessoas acometidas pela cegueira são, geralmente, estigmatizadas por crenças de incapacidade. Marcia Moraes, assim como Camila Alves, que foi citada na seção sobre o aporte teórico-metodológico, posicionou-se, em seu fazer científico, contrariando essas expectativas: “É que as muitas histórias do ver e do não ver povoam o mundo com outras sensorialidades e com narrativas de resistência contra o *game over* da única história” (STENGENS, 2014 apud MORAES, 2008, p. 46).

As nossas bordadeiras do litoral norte não estão enquadradas no estigma incapacitante da cegueira, mas poderiam ser rotuladas em outros registros supostamente “limitantes”. E, às vezes, me pergunto quantas pessoas já tiveram oportunidade, interesse ou sequer imaginaram quantas intensidades são produzidas nessas situações de encontro e diálogo.

Permitimo-nos estar como Marcia Moraes (2008): enlaçadas, conectadas com as mulheres do Bordazul e comprometidas com as suas vontades de compartilhar seus saberes, seus modos de (r)existir e de (re)construir suas casas, que, na realidade, são seus próprios corpos e seu jeito de estar no mundo.

Aprendemos, com as poetisas do pesquisarCOM e do escreverCOM, que não se trata de idealizar as pessoas com deficiência ou não. Também não se trata de romantizar a dor de perder a visão, de perder a casa em que se vive ou de não saber ler em um mundo cheio de letras e informações. Trata-se de ressaltar e comunicar as “múltiplas reinvenções de si” que pessoas que vivem à borda da sociedade precisam alinhar, tecendo, dia a dia, novas perspectivas.

7.8 O ano do Coletivo Bordazul

Chegou 2018! E, com ele, a volta de Ninna. Estávamos todas ansiosas por seu abraço! Havia muitas novidades para contar.

Em meados de 2017, houve um período para encaminhar projetos para o Departamento Nacional do Sesc e solicitar apoio financeiro. Eu estava tão cansada que quase não iria fazer: pretendia trabalhar com a verba local mesmo. No entanto, minha companheira de trabalho, Isis Florescer, me disse: “Kelcy, faça o projeto. Vai ser bom, você vai poder trazer pessoas (artistas, oficinairos e palestrantes em artes visuais) para trocar conhecimentos!”.

Tomei um fôlego, respirei fundo e fiz! O projeto “Diálogos em artes visuais” foi aprovado com verba para convidarmos artistas visitantes para facilitar experimentações criativas e para incrementarmos nossos estudos.

Falei para Ninna: “Sabe aquele moço de São Paulo que você tinha vontade de convidar para contribuir com o Bordazul? Vamos poder falar com ele e fazer uma proposta”. Ninna abriu um sorriso azulão e perguntou: “O Renato?” Respondi: “Sim! Renato Imbroisi!”.

Gosto de contar essa história sobre a força que recebi de Isis Florescer, pois não era uma questão de hierarquia. Estávamos em posições semelhantes dentro da instituição: ela era uma das funcionárias técnico-administrativas; eu, analista responsável pelos projetos em artes visuais. Porém, Isis participava, com entusiasmo, de todos os projetos, estudando, colaborando e mediando ações educativas, e acompanhou a imersão do Bordazul na exposição **O Grande Veleiro**. Nossa troca de conhecimentos e de afeto nos realimentou. Fomos expandindo nossas teias.

7.8.1 Um moço chamado Renato Imbroisi

Passamos a conhecer Renato Imbroisi por meio de Ninna, que nos apresentou alguns vídeos, fotografias e registros dos trabalhos do designer de artesanato com diversas comunidades de artesãos/os, no Brasil e em outros países¹⁷. Ao início do ano, o Coletivo traçou objetivos, projetos e sonhos para o ano de 2018. Entre eles, estavam: a) receber a assessoria de Renato em relação ao nosso processo criativo; b) o desejo de elaborar uma coleção com nossos bordados.

¹⁷ Alguns trabalhos de Renato Imbroisi podem ser conferidos nos seguintes *links*: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=renato>; <https://www.youtube.com/watch?v=stl-2aE3aLA>.

“Esse homem vem pra trabalhar com a gente? Ele vai ter muito pra ensinar e nosso grupo vai crescer! Eu quero aprender a desenhar e bordar melhor!”, desejou Lourdes T. (2018).

A metodologia de Renato Imbroisi tem total identificação com a nossa proposta no Bordazul, pois é fundamentada no reconhecimento do potencial de cada integrante, adornada com o diálogo, a motivação da experimentação, da autoria e da criatividade:

Eu trabalho propondo desafios: deixo um des-a-fio para o grupo, depois eu volto para ver o que elas conseguiram alcançar, e a gente conversa a partir do que foi feito” (IMBRIOSI, 2018).

O curador observou os bordados produzidos, um por um, construindo com o grupo um processo de análise, autocrítica e compreensão da nossa identidade Bordazul (Figura 44). Um diálogo importante com um profissional que tem inserção, tanto em processos curatoriais em arte contemporânea, como é o caso das exposições no Sesc Pompeia, quanto com a assessoria em empreendimentos criativos de comunidades artesãs.

Renato Imbroisi integrou nossa equipe interdisciplinar de cuidados e cultivou a confiança, o (re)conhecimento e a alegria. Deixou, para (a)fiar nossas práticas, duas tarefas: a elaboração de uma roupa toda bordada e a elaboração de desenhos de sereias, pescadoras/es e barcos, exercícios de percepção e de (re)criação sobre nosso lugar.

Figura 44 – Renato Imbroisi apreciando as produções do Bordazul (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Ninna Bernardes.

É possível que o des-a-fio de desenhar com lápis tenha sido maior que o desafio de desenhar com a linha, mas, juntas, conseguimos atravessar o rio da insegurança e descobrir nossos traços, nossa impressão única e encantadora - o traçado Bordazul. As figuras 45 e 46 ilustram esse processo e a evolução dos desenhos.

Figura 45 – Desenho autoral o traçado Bordazul (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 46 – Desenho autoral do Bordazul (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Paralelamente à expectativa da chegada de Renato, eu me preparava para a qualificação do projeto de pesquisa com o Bordazul. Expliquei ao grupo o que significava esse momento e o convidei para estar comigo na Ufal. Muitas disseram que iriam; algumas precisavam checar suas obrigações.

7.9 Ponto Mágico

Era para ser um dia tenso. Eu nunca fiz mestrado antes, então essas “defesas” são um pouco assustadoras, apesar de que, em nossa **linha de pesquisa**, a fiação de teóricas/os não está em busca de verdades que precisam ser defendidas, provadas. Isso gera um certo conforto.

Saber que o Bordazul estaria comigo naquele momento também foi fortalecedor. O grupo chegou, sentou-se nas cadeiras dispostas na sala e começou a bordar, silenciosamente. Foi uma surpresa! Essa intervenção foi combinada no grupo sem que eu soubesse.

Antes da nossa pesquisa, outros três projetos foram apresentados e, quando eu virei para o grupo e vi todo mundo com a blusa do Bordazul, seus bastidores e linhas, quando vi aquela dança com as mãos, pensei: “Eu vou chorar!!!”. Fiz a apresentação como quem navega.

Ao terminar e citar que um dos meus objetivos era contar as histórias que o Bordazul me pediu para contar, a minha banca questionou: “E quais são essas histórias? Vamos aproveitar que elas estão aqui e saber que histórias elas querem contar?”. E, num instante, fez-se uma roda de conversa e cada uma pôde falar por si (Figura 47).

Figura 47 – Participação do Bordazul no exame de qualificação - Ufal (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Quando fizemos a roda, me senti muito mais forte e mais leve. Estávamos juntas para construir aquele momento e para compartilhar nossa experiência. Algumas das histórias que se seguiram já foram contadas aqui, mas, naquela manhã, na Ufal, todas falaram sobre a importância do laço de afeto com a “professora Ninna”: “No começo, eu não sabia bordar, achava que não ia conseguir, mas a minha professora Ninna teve muita paciência...”. Telma e Marília (professoras da banca) perguntaram: “E a Kelcy?”. A resposta: “A Kelcy, nós é que somos professoras dela!”.

Adriana é a mais nova integrante do Bordazul. Foi convidada por sua vizinha, Linda, e contou:

Eu tava com depressão porque tinha perdido minha filha. Ela era especial e Deus levou! Como a Linda sabia que eu gostava de fazer artesanato, me convidou pra conhecer o grupo e, aqui, eu fui muito bem acolhida! Eu gosto de ensinar o que sei e aprendo muito, e o bordado, pra mim, foi minha saúde! (ADRIANA, Bordazul)

As meninas do Bordazul disseram, na Ufal, durante a qualificação, que o dia de segunda-feira é sagrado “Lá em casa, todo mundo já sabe que dia de segunda-feira é o dia todo no Sesc Guaxuma. De manhã tem o “Conversando sobre saúde” e, à tarde, o bordado. A gente espera o dia de segunda chegar!” (CÍCERA, Bordazul).

Algumas bordadeiras costumam dizer que o bordado é uma terapia. A palavra terapia vem do grego e significa cuidado, ou seja, o bordado é cuidado:

O bordado, pra mim, é uma terapia! Eu tomava remédio pra dormir por causa de uns problemas que eu tive e, depois que comecei a bordar, eu faço os serviços, ajeito minha casa e fico bordando até o sono chegar, e não preciso mais tomar o remédio (NETE, Bordazul).

Entre as histórias que emergiram quando responderam sobre o que gostariam de contar, estão as experiências de troca no encontro com outros grupos: “A coisa que eu mais gosto no Bordazul são os intercâmbios”.

“Aquele dia que a gente bordou na beira da lagoa foi bonito demais. Tinha um menino cadeirante, lembram?” (NILDA, Bordazul).

“Eu ensinei a uma menina pequena que tinha que voltar pra casa, porque tinha deixado a panela de sururu no fogo! (QUITÉRIA, Bordazul).

“E a gente também foi ensinar nas escolas do Sesc de Palmeira dos Índios e Teotônio Vilela. Todo mundo bordou com a gente, foi muito legal, presta atenção!” (DEISE, Bordazul).

A conversa foi **fiada** a muitas mãos e, no final, ainda teve roda de Baianá com a mestra Zezé: “Sacudi minha joia no mar...”. Essa letra me fala sobre nossa pesquisa: **sacudimos nossa joia no mar**, e “as parede é o firmamento”, “a porta dela é o vento” e o vento pode nos levar longe...

Voltei no mesmo carro com o Bordazul, ainda muito emocionada, e disse ao grupo:

— Kelcy: Meninas, obrigada por vocês terem vindo, foi lindo demais! Quando eu vi vocês bordando, eu pensei que iria desmoronar! Vocês sabem que sou chorona, né?

— Bordazul: Kelcy, nós estamos com você! A gente sabe que esse projeto do bordado poderia ter acabado, mas você e a professora Ninna ficaram com a gente, e a gente também tá com vocês pra o que der e vier.

— Kelcy: É verdade, nós ficamos, mas vocês quiseram continuar, vocês lutaram por isso, vocês que vêm toda segunda e participam de tudo que é proposto, por isso que a gente consegue. É um ponto corrente, vamos ficando mais fortes! (Diário Bordado).

A qualificação do projeto de pesquisa **com** o Bordazul entrou para a nossa história como um dia de muita emoção, de aprendizagens e de fortalecimento da nossa teia. Pensam que nosso objetivo de ir contar nossas histórias na Ufal estava alcançado? Ainda haveria muita linha para fiar...

A qualificação terminou com uma grande roda de Baianá (Figura 48):

Figura 48 – Participação final no exame de qualificação com uma grande roda de Baianá - Ufal (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

7.10 Ponto mágico 02 - Contando nossas histórias na Ufal!

Eu estava cursando a disciplina “Estágio de docência em Psicologia e Saúde”, com a professora Marília Silveira, e fomos convidadas para ir compartilhar a experiência do Bordazul com a turma. Seria minha primeira vez em sala de aula, sem a presença de Marília, que estava em outro estado para uma atividade acadêmica.

Era o dia 9 de maio de 2018 e, na roda de apresentação, fizemos algumas leituras de poemas de Roseana Murray e compartilhamos nossas histórias (Figura 49):

Figura 49 – Roda de conversa com a turma de Psicologia e Saúde - Ufal (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Ninna falou sobre a metodologia que foi sendo elaborada na convivência com o Bordazul. Falamos sobre os encontros em Guaxuma e sobre a utilização da literatura como um entremeio (espaço que se encontra entre dois pontos) que possibilita diálogos, desenhos e criação.

Penso, com meus botões, que a singularidade do Bordazul é o encontro com a literatura, como na história de Sherazade, que mudou seu destino ao fascinar o rei com suas narrativas por mil e uma noites. A poesia é como um alimento para a nossa imaginação: faz com que estejamos, tal qual o rei, sempre com vontade de uma nova aventura, contada ou vivida.

Nesse dia de troca, na Ufal, bordamos os sentimentos que estavam em nossos corações.

Figura 50 – Produções Bordazul



Fonte: Acervo Bordazul

Bordar é como se fosse um relaxamento, entendeu? Eu preciso, porque aí não tem panela no fogo, não tem nada. [...] Bordar é um desenho que você cobre com cores [...] você dá vazão a sua criatividade [...] (DEISE, Bordazul).

[...] Esse foi meu primeiro bordado (Figura 51). Eu ainda tava aprendendo, agora eu bordo melhor! [...] Tô eu, aqui, numa rede, me balançando, e minha casinha é assim mesmo pequenininha, tá? [...] Caiu a barreira, mas continua lá minha casinha! Lá tem pé de árvore, tem mangueira, tem muita coisa, tem tudo lá! (MARIA, Bordazul).

Figura 51 – Primeiro bordado de Maria



Fonte: Acervo Bordazul.

7.11 Encontro Bordazul e Coletivo Art Ilha

Em nosso planejamento do projeto “Diálogos em artes visuais”, estava prevista uma segunda vinda de Renato Imbroisi para o processo de formação continuada com o Bordazul.

Renato propôs que o encontro fosse em Pão de Açúcar, na Ilha do Ferro: um recanto, no sertão de Alagoas, repleto de arte e banhado pelo Rio São Francisco. Na Ilha do Ferro, vivem as bordadeiras do “Boa Noite”, bordado inspirado na flor de mesmo nome e que, há muitos anos, é uma das tradições do lugar, contando com o trabalho incansável da Cooperativa Art Ilha, organizada desde a década de 1990. Aceitamos a proposta!

A mídia anunciou que, no dia 29 de julho, haveria a “lua de sangue” (Figura 52), e nós saímos do litoral norte de Maceió, em um ônibus fretado, no dia 28 de julho de 2018. O trajeto da capital de Alagoas até Pão de Açúcar é de mais ou menos quatro horas. A paisagem vai mudando: vamos passando por canaviais, paramos em Arapiraca para tomar um café (a cidade cresceu!). As irmãs Lourdes e Quitéria reconhecem seu lugar. Depois de Arapiraca, a paisagem vai ficando mais seca. Tem pasto para criação de gado.

Figura 52 - Rio São Francisco, viva! Lua de Sangue (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Alicia Bernardes.

Uma sonoridade deixa a viagem mais bonita: é o canto das romarias para o Padre Cícero. Uma grande parte do grupo vai todo ano, no mês de setembro, para Juazeiro. “Antes, a gente ia de caminhão pau de arara”, disseram Zezé e Toinha. “Agora, tá muito chique: vai todo mundo de ônibus!”.

[...] Meu padrinho, eu vou viajando
 pra barquinha de noel (bis)
 as três pessoas que remam esta barca
 é Jesus e Maria e José [...] ¹⁸.

Próximo a Pão de Açúcar, já pode ser vista a caatinga, uma vegetação espinhenta, porém de onde brota água e resistência, e é do mandacaru que nasce uma das flores mais bonitas que já se viu! A natureza mostrando suas antíteses.

Nossa chegada causou rebuliço no vilarejo de artistas. Ficamos, uma boa parte do grupo, na pousada de Vana e Aberaldo: ela é bordadeira; ele, escultor em madeira. Em quase todas as moradas da Ilha do Ferro é assim: desde cedo, as crianças brincam de bordar e esculpir e, quando crescem, é só continuar.

A pousada não comportava todo mundo. Uma parte do grupo ficou em casas cedidas por Maria Amélia Vieira, Dalton Costa e Celso Brandão (artistas alagoanos que têm casas e desenvolvem projetos artísticos na Ilha do Ferro), e Renato Imbroisi estava na casa de uma

¹⁸ Música de romaria para Juazeiro, cantada por mestra Zezé (2018).

amiga. 22 bordadeiras e convidadas/os integravam a caravana, entre elas/eles Larissa Lisboa, Anna Lisboa, Jefferson Bernardes e Alicia Bernardes.

O objetivo da ação na Ilha do Ferro era ampliar horizontes, visitar os ateliês das/os escultoras/es e das bordadeiras, visitar o Museu da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) - Espaço da Memória do Artesão Fernando Rodrigues dos Santos (1928-2009) e, claro, promover o diálogo entre os coletivos Bordazul e Cooperativa Art Ilha (Figura 53).

Figura 53 – Renato Imbroisi com bordadeiras da cooperativa Art Ilha (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Alicia Bernardes.

Renato analisou os bordados, dialogou sobre o potencial dos desenhos autorais, chamou atenção para o diferencial de cada coletivo de bordadeiras e sacudiu nossos corpos. (Figura 54). Fomos dançar na beira do rio (Figuras 55 e 56).

Figura 54 – Sede da cooperativa. Renato analisando os desenhos bordados (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Alicia Bernardes.

Figura 55 - Baianas do Bordazul e Coletivo Art Ilha na beira do São Francisco (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Alicia Bernardes.

Figura 56 - Bordazul na Ilha do Ferro (2018)



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Alicia Bernardes.

Teve uma surpresa: o Bordazul sabia que Renato iria levar todos os bordados produzidos entre 2016 e 2017 para elaboração de uma colcha. O tecelão acionou um grupo de mulheres de São Paulo que tem experiência com esse trabalho (colcha de retalhos), e o grupo teceu duas composições: duas colchas que deixaram nossos olhos repletos de beleza e nosso coração transbordando. Foram lágrimas, sorrisos, emoção, satisfação e orgulho por terem produzido tantas lindezas (Figura 57).

Os trabalhos, sozinhos, não alcançavam a mesma expressividade que as colchas, com todas as obras juntas. Esse momento foi um **ponto matiz** em nossas vidas, pois nos reunimos em um só colorido: formamos um **todo**.

Figura 57 - Colcha Bordazul I



Fonte: Acervo Bordazul. Foto de Larissa Lisboa.

Os bastidores da viagem da Ilha do Ferro foram espaços para muitos diálogos e sentimentos controversos, ao mesmo tempo em que era imensa a minha felicidade por estarmos ali. Fiquei tensa com algumas questões relacionadas à saúde das bordadeiras, especialmente com as mulheres que apresentam alterações de pressão arterial, glicose etc. Estávamos um pouco distantes de Pão de Açúcar, município mais próximo, e os recursos médicos, por ali, são escassos. Nesse ínterim, uma das bordadeiras, que chamarei **pontocaseado**, se sentiu mal. A pressão subiu. Eu fiquei muito preocupada e fui à casa da enfermeira, que, prontamente, foi prestar assistência.

Poucas horas depois, a bordadeira revelou:

Eu nunca tive uma felicidade dessa! Minha vida sempre foi trabalhar, criar filho. Faz tempo que eu não viajo. Eu já enfrentei tanta coisa: perdi um filho, me separei. Minha vida é sozinha na minha casa, minha felicidade é aquela casa que eu construí! Mas hoje, quando eu vi aquela colcha que a gente fez, foi uma emoção tão grande que eu achei que ia morrer! Eu passei mal de tanta alegria! (PONTO CASEADO, Bordazul).

Eu e Jefferson ficamos conversando com ela, até que aquela alegria fosse se espalhando com a circulação e fosse bem recebida no corpo todo. Esse momento fez com que tecêssemos confiança, cumplicidade e mais aprendizagens sobre cuidado.

7.12 Encontro de bordadeiras: Bordadeiras Poéticas de Paraty e Bordazul

Nos dias 9 e 10 de julho de 2018, recebemos a visita de Daniel Ferenczi, analista em artes visuais do Sesc Paraty, e Nina Silva, responsável pelo coletivo Bordadeiras Poéticas de Paraty, para conhecerem o Bordazul, dialogar e convidar o grupo para participar da exposição *Bordados poéticos*, em Paraty (RJ) (Figura 58). Foi um momento de intensa alegria para todas nós:

Figura 58 – Roda de conversa com Daniel, Nina de Paraty e Bordazul - julho de 2018



Fonte: Acervo Bordazul.

Recebemos os cartões poéticos de Paraty, conversamos e compartilhamos experiências com Daniel e Nina de Paraty, e muitos pontos foram tecidos em nossa **rede**. Expandimos para outro estado e para o encontro com outras mulheres tecelãs. Uma alegria tomava conta de nossos corpos e de nosso fazer.

Os postais bordados em Paraty foram escolhidos pelos significados desses locais para as bordadeiras. Aqui, em Maceió, decidimos fotografar nossos espaços de afeto, e assim foi feito (Figura 59 e 60).

Figura 59 – Cartões Postais trocados entre as Bordadeiras Poéticas de Paraty e o Bordazul



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 60 - Cartões-postais enviados pelo Bordazul (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

Ninna Bernardes acompanhou o processo de escolha dos lugares, a experimentação com a fotografia, e eu pude participar do momento da escrita das histórias de cada lugar e bordar pontinhos alinhavos em um postal que compartilharei, aqui, junto com um recorte do texto “Olhares bordados”, de Ninna:

Foi proposto que cada bordadeira escolhesse um lugar para ser fotografado e transformado em cartão-postal.

Novamente, um convite a olhar para o seu lugar, escolher o lugar que deseja mostrar, que para si tem importância, significado, memória, história, e capturar esse lugar, primeiro com a retina, os próprios olhos, depois com

uma máquina fotográfica. Olhar pelas lentes da objetiva, fazer um enquadre, ajustar o foco, tomar fotos.

A rotina faz com que as primeiras reações sejam: "eu não sei", "eu nunca tirei foto", "mas eu vou mostrar o quê?", "aqui não tem nada de diferente", "então eu escolho e tu tira a foto pra mim".

Pouco a pouco, os olhos se permitem passear, deparar-se com o que, para cada uma, é belo ou lhe toca o coração, e as escolhas e as fotos se fazem.

A própria casa é um lugar que se repete: símbolo do suor de muitos anos trabalhados, espaço que abriga família, afetos, histórias do coração.

Há quem traga o lugar da antiga casa, que ficava ao lado do rio, "limpinho que só a prata!", e pertinho da beira do mar. Chegou o dia em que o mar varreu e derrubou tudo, coqueiros, casas. "Valei-me, meu Padim Ciço! Filizmente se salvou nós tudinho, tamo aqui pra contar".

A rua em que se mora e se construiu a vida também é palco de memórias e histórias: ora é uma lembrança antiga dos filhos pequenos brincando, indo pra escola, ora é a festa que ainda se faz, todos os anos, para as crianças do bairro. Alegria que se cria e recria.

Outras imagens querem retratar o que é bem próprio do Riacho: a pesca de curral, a jangada, os pescadores consertando a rede de pesca, a casa de farinha onde são produzidos os quitutes do Riacho, bolos de macaxeira, de milho, de massa puba, a boleira em sua barraca "na pista", vendendo as delícias que saciam desejos de moradores e turistas.

As igrejas da região, onde se celebra a fé no cotidiano e em cada passagem da vida.

A natureza que resiste e insiste em ser bela e de todos: "a praia é território neutro, o mar lava as diferenças, por um momento de espuma todos são iguais..." (trecho de poema de Roseana Murray). Amendoeiras que espriam deliciosa sombra sobre as areias à beira-mar, ouriços que o mar traz, decorando a praia junto às algas, o sargaço e as palmas dos coqueiros...

A Sereia que dá nome a uma das praias do litoral norte de Maceió e marca o lugar e a história de uma das bordadeiras que, com quase 70 anos, ainda trabalha em sua barraca de praia.

Lugares olhados de diferentes ângulos, mulheres se descobrindo fotógrafas, deitar no chão pode ser a melhor maneira de captar o enquadre e a luz que se quer...

Em momento posterior, ver as fotos tiradas em outra tela, a do computador, e então fazer nova escolha, definindo qual imagem retrata melhor o lugar que se deseja mostrar.

Escolhida a imagem, hora de escrever sobre o lugar: reflexão sobre a imagem refletida na tela.

Cada foto, uma história sendo contada, uma narrativa. Cada história vivida torna o sujeito um narrador, um autor.

Costumamos trabalhar com tecidos de algodão. Para essa experiência, nova para nós, de produzir postais, desejamos experimentar um novo suporte, o canvas. Nesse material, intermediário entre o tecido e a lona, foram impressas as fotos e os textos: um pedacinho do lugar e da história de cada bordadeira.

Com as fotos e os textos impressos e recortados no formato desejado, voltam à cena as bordadeiras. Hora de bordar sobre as fotos, criando efeitos que se deseja marcar.

Tínhamos, em mãos, os belos cartões-postais em papel bordados pelas mulheres de Paraty, pessoalmente trazidos por Nina Silva e Daniel Ourique Ferenczi, com trabalhos e histórias muito inspiradoras.

Lembramos que Nina, coordenadora do Coletivo Bordadeiras Poéticas, deixou conosco um punhado de fios dourados, que vieram para Maceió unindo as encantadoras cartas de tarô bordadas por elas, expostos no Sesc Paraty em 2017. Ao nos presentear esses fios, Nina pediu que, depois, mostrássemos a elas o que fizéssemos com eles [...].

Compartilhados entre nós, cada postal bordado pelas mulheres do Bordazul tem um pedacinho desses fios dourados!

Linhas e fios de muitas cores e texturas trazem as raízes e conectam as Bordadeiras Poéticas de Paraty e as Bordadeiras do Bordazul de Maceió.

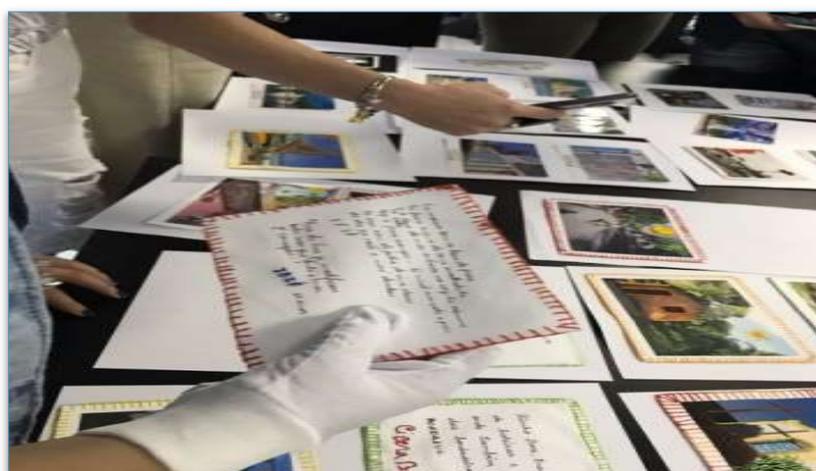
Que o bordado continue promovendo encontros e criando sentidos!

Gianinna Schaeffer Bernardes
Maceió, agosto de 2018.

O texto acima seria para o material gráfico ou para a sinalização no espaço da exposição. A curadoria do projeto elaborou outra apresentação com informações gerais, porém sinto muita necessidade de compartilhá-lo. E como Geertz (1989) afirma que o diário de campo produz intensidades, acreditamos nas intensidades produzidas nessa cartografia afetiva.

Os nossos postais e os postais das bordadeiras poéticas se encontraram na exposição **Bordados Poéticos**, em outubro de 2018, no município de Paraty, situado no litoral norte do Rio de Janeiro (Figura 61). Em cada postal bordado, novos pontos ampliados e novas histórias para contar.

Figura 61 – Cartões-postais bordados, no Encontro Nacional de Artes Visuais do Sesc (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

O postal de Lourdes conta um pouco da sua infância e do quanto o acolhimento de uma vizinha pode marcar a vida de uma criança. Aos 64 anos, Lourdes se lembra do lanche, mas também das histórias que contava dona Quinininha.

Já o postal de Zezé fala da sua casinha na beira do mar, que virou música:

“Rua da praia já modificou
Todas casa que tinha o mar já carregou”¹⁹

7.13 Bastidores

Figura 62- Produção Bordazul – Bastidores - 2018



Fonte: Acervo Bordazul. Foto Ninna Bernardes

Sabíamos que não poderíamos ir todas a Paraty, então começamos a conversar como seria para decidir quem iria. Ninna não poderia ir, porque estaria viajando. Daniel (Paraty) acenou que teríamos entre duas ou três passagens. Então, em um dos encontros de segunda-feira, o grupo decidiu que uma das passagens seria da mestra Zezé, para que ela pudesse realizar, também, uma cantoria com as músicas do Baianá.

Aquele movimento de autonomia e de consciência de uma identidade do grupo, em urdidura com um orgulho da tradição das baianas, enchia nossos corações. O grupo foi unânime em relação à ida da mestra Zezé. Quanto às demais, seria feito um sorteio. Foram sorteadas as bordadeiras Tita e Maura, e eu iria acompanhando o grupo. Recebemos quatro passagens mais as hospedagens.

No dia da viagem, Ninna e Jefferson foram nos levar ao aeroporto Zumbi dos Palmares. Era noite e, ao chegar à casa de Maura, estava mestra Zezé um pouco tensa. A

¹⁹ Música de Zezé, integrante do Bordazul.

mestra nunca havia viajado de avião. Maura e Tita já haviam viajado de avião. Jefferson se aproximou de Zezé e lhe disse que seria tranquilo, que ela não se preocupasse. Sorriu, abraçou e a mestra esboçou um ar de quem estava um pouco mais tranquila.

Zezé me perguntou: “Mas você vai ficar perto da gente, né?”. Respondi: “Vou, sim, mestra!”. E, no avião, meu assento ficou paralelo às três poltronas das passageiras Bordazul (Figura 63). Olhava para elas, durante a viagem, e os olhares se encontravam, confirmando que estava tudo bem. Esse movimento tão singelo do meu orientador Jefferson Bernardes me chamou muita atenção. Ele faz um alinhavo com o que a pesquisadora Magda Dimenstein denomina “cuidado culturalmente sensível”:

Nesse sentido, o princípio da equidade aproxima-se do que foi apontado em termos da humanização das práticas e serviços de saúde ou daquilo que é conhecido por “cuidados culturais”. Cuidados culturais é um conceito que descreve o tipo de cuidados que o profissional de saúde deve desenvolver no sentido de serem **culturalmente sensíveis**, congruentes e competentes (DIMENSTEIN, 2004, p. 114).

Perceber, nos olhos da mestra Zezé, a sua apreensão em relação à experiência inédita e, literalmente, chegar junto, esclarecer como seria a viagem (na medida do possível), foi de grande relevância em termos de atenção e de consideração da saúde, nos mais ampliados aspectos. Naquele instante, apreendi um mundo de informações sobre psicologia, sobre pesquisar com, sobre afetar e ser afetado e sobre ética.

Figura 63 – Viagem Maceió - Rio de Janeiro - 17/10/2018



Fonte: Acervo Bordazul.

Esse ano vou a capital do Rio
 E olha o tombo do navio meu Baianá [...]
 E no lugar que a minha mestra canta
 o rebolado dela faz de admirar²⁰

Mestra Zezé retirou essa composição da memória e se admirou: “E não é que eu vim mesmo?” (ZEZÉ, Bordazul).

Ao chegarmos à capital do Rio de Janeiro, dia 17 de outubro de 2018, havia um carro contratado para nos buscar no aeroporto e nos levar até o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (Crab/Sebrae), no qual estava sendo realizada a exposição *Casa Bordada*, sob a curadoria de Renato Imbroisi, com participação de coletivos de bordadeiras de todo o Brasil e, representando Alagoas, o Bordazul e o coletivo Art Ilha, da Ilha do Ferro, município de Pão de Açúcar (AL).

Eu ficava pensando na oportunidade que esta pesquisa estava me proporcionando e no quanto o meu campo-tema era pleno de alegria e de possibilidades. A seguir, cenas da nossa visita à Casa Bordada:

Figura 64 – Zezé, Tita e Maura na entrada da exposição



Fonte: Acervo Bordazul.

²⁰ Trecho de composição interpretada por mestra Zezé, integrante do Bordazul

Figura 65 – Mestra Zezé em um vídeo, na Casa Bordada, ao lado de seu autorretrato



Fonte: Acervo Bordazul.

Figura 66 – O Crab Sebrae recebeu o Bordazul com muito afeto e com publicação no Instagram



Fonte: Acervo Bordazul.

Diante das obras na Casa Bordada Tita, Maura e Zezé expressaram:

— Tita: A gente não sabia bordar, mas hoje nós tamos felizes! Eu tô emocionada! Com 65 anos de idade, nunca saí de casa pra canto nenhum pra bordar... costurava, fazia de tudo um pouquinho, mas esse bordado, pra fazer essa plenitude, sair em tudo assim!!! Meu Deus, é uma emoção muito grande!!!

As vezes, eu tô aperreada e digo “num vou não” [para o bordado]!” Eu peço: “Senhor, me dá força!” Aí eu continuo...

— Maura: Esse bordado, pra mim, me fez viver, viver de verdade, porque antigamente, minha filha [...] Isso é a minha vida. Cada dia mais, vai crescendo e muda na gente, que só Deus sabe o que a gente sente, e ninguém mais sabe.

— Zezé: Eu fico rezando que chegue segunda-feira pra eu passar o dia lá no Sesc! (Diário Bordado).

Perguntei se Mestra Zezé queria cantar uma música, e Tita disse: “Canta ‘Joguei minha joia’. É bonito, porque aqui é uma joia, joia rara”. Zezé soltou a voz...

Seguimos viagem até Paraty. Há um ditado que diz: “Se quiser conhecer bem uma pessoa, viaje com ela”. Para mim, foi uma incrível oportunidade conhecer melhor essas meninas, e percebo que o sorteio foi certo quando escolheu essas três. No café da manhã do dia 19, estávamos conversando, quando Zezé disse a Maura:

— Zezé: Eu conhecia você desde pequena, quando você trabalhava na casa da dona D.

— Maura: Eu não lembrava de você dessa época, não!

— Zezé: Você era pequena e ajudava lá na casa. Eu era cozinheira, mas não fiquei muito tempo, não. Eu gostava mais de vender fruta no mercado.

— Maura: Dona D. era muito boa, até hoje! Às vezes vou visitar ela... (Diário Bordado)

Tita e eu ouvimos as duas (Maura e Zezé), nessa conversa que parecia um reencontro. Tanto tempo de convivência no Bordazul, e elas nunca conversaram sobre isso. Fiquei imaginando as duas no passado: como seriam seus rostos, seus jeitos de ser e os afazeres da casa (grande), resquícios dos antigos modos de vida nos engenhos de Alagoas, nos quais crianças “ajudarem” nos serviços da casa, em troca de alimento e, às vezes, de algum estudo, era “natural”.

Em seguida, foi a vez de Tita contar que estava deprimida, que não saía de casa e que chorava muito, e Maura era sua vizinha e assim foi a conversa:

Uma cuidava da outra... Maura era uma vizinha maravilhosa, e, quando começou o projeto “Conversando sobre saúde”, Maura foi lá em casa me chamar e disse: “Vamos, mulher, que lá vai ser bom!” E foi mesmo! Hoje, eu danço, eu tenho aula de percussão, eu viajo. Eu tô vivendo minha adolescência precoce agora! (TITA, Bordazul)

Você também era uma ótima vizinha, Tita, e agora você tá cuidando de mim! Ela me cobre de noite, Kelcy, quando esfria, pergunta se quero água e desliga a luz e a televisão antes da gente dormir. É muito bom ter quem cuide da gente! A gente é acostumado a cuidar, mas ter quem cuide é melhor! (MAURA, Bordazul)

Entendi por que estavam as três ali, naquele momento tão importante, celebrando a vida, as conquistas do coletivo e o cuidado que foi aprendido com a arte de ressignificar. Cada uma era “mestra” à sua maneira: Maura com o saber dos bolos típicos feitos com a massa da mandioca, que ela fez questão de levar para o intercâmbio; Tita, com a divulgação da exposição *Bordados Poéticos* em toda Paraty, recebeu visitantes e falou sobre o processo de elaboração dos postais; Zezé, com seu canto.

Aprendi que o cuidado é tecido nas sutilezas. Fizemos muitos passeios pela cidade histórica, caminhamos horas sobre as pedras, até que, ao chegarmos ao porto, convidei as meninas para um passeio de barco.

Tita disse: “Eu não vou, que eu tenho trauma de barco, desde criança, eu não entro em barco de jeito nenhum!”. Maura: “Eu fico com a Tita, pra ela não ficar só”. Zezé: “Eu vou, que depois que eu andei de avião, eu não tenho mais medo de nada!”.

O barco era azul! A mestra cantou durante a viagem:

Navego uma jangada pela praia
 Quero ver em Itapuã
 Quero ver minha Atalaia
 Boa Viagem
 Gogó da Ema
 Areia Preta
 Adeus minha Iracema
 Adeus navegar
 Neste barco
 Neste mar
 Enfeitado de coqueiro e coberto de luar...²¹

Largamos o cais, como diz a canção:

Largar desse cais
 Ir sem direção
 Seguir os ventos que clamam por mim
Tecer minhas teias
Com minhas mãos
 Sugar das entranhas desse chão meu fim
 Digladiar com os dois de mim
 Ser o São Jorge de meu dragão
 Dividir meus segredos com a noite
 Minhas verdades com os céus
 Trilhar as estradas
 Que não trilhei

²¹ Música de tradição oral cantada por mestra Zezé.

Romper as portas trancadas por mim
E assim minhas mãos saberão de meus pés
E assim renascer e assim renascer (bis)²²

A exposição *Bordados Poéticos* reúne bordadeiras de todo o Brasil. Trata-se de um momento de grande força criativa, um projeto consolidado iniciado por Nina Silva, educadora e agitadora cultural de Paraty. Atualmente, o projeto é realizado em parceria com o Sesc²³. A abertura, em 18 de outubro de 2018, foi inesquecível! Os postais trocados entre o Bordazul e as Bordadeiras Poéticas foram organizados em uma sala especial, em suportes que lembravam as “caixinhas de realejo da sorte” (Figura 67). Acompanhamos esse percurso, tecemos a cartografia do afeto que foi proposta e experimentamos o verdadeiro sentido de curadoria: a **cuidadoria**, sentido aprendido junto com Jefferson Bernardes, no fio-percurso dessa dissertação.

Figura 67 – Fotografia da exposição (2018)



Fonte: Acervo Bordazul.

²² Trecho da música “Renascer”, composição de Altay Velloso.

²³ Outras informações sobre a exposição podem ser encontradas nos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=TgO3SlaTNgs>; <https://globoplay.globo.com/v/7129178>.

Figura 68 – Tita, Zezé e Maura - Apresentação em Paraty



Fonte: Acervo Bordazul.

A mestra Zezé foi convidada para cantar na noite de abertura (Figura 68). Poderia nem ser novidade para mim, mas fiquei impressionada com sua capacidade, espontaneidade e altivez! Maura e Tita acompanharam a amiga, cantando e dançando o Baianá que contagiou a todas/os! Foi muito bonito! Tecemos um laço para a vida com Daniel Ferenczi, Nina Silva, Mariana Guimarães, Marcela Carvalho e as Bordadeiras Poéticas.

Zezé compôs uma música para a cidade histórica de Paraty. Até então, eu não sabia que ela era compositora:

Eu fui à praia de Paraty com quatro mulher pra me dar valor (bis)

Só tem Jesus que é meu protetor

Eu vou ver se dou um lance na maré (bis) (Zezé, Bordazul)

No dia 19 de outubro de 2018, uma mandala de mulheres fiandeiras se formou diante das janelas do casarão! Um diálogo aberto sobre práticas do dia a dia, sobre com quem se aprendeu a bordar, sobre com que ponto cada uma se identifica. Momento para trocar saberes sobre viver em rede e criar. O que significava para cada uma estar ali, abrindo mão de um compromisso, sob cuidados médicos ou carregando um filho pequeno. Cada um sabe de si, mas, naquela roda de mulheres, com realidades diversas, através do **fio do bordado**, pudemos experimentar o que é ser **nós**.

Depois que voltamos de Paraty, fui demitida, mais precisamente no dia 6 de novembro. Meu cordão de 21 anos com o Sesc Alagoas foi desligado em menos de uma hora, mas a nossa rede tecida com o Bordazul era muito bem laçada e não se desmancharia por nada.

O pensamento de Zezé me fortalecia: “Depois que eu andei de avião, não tenho mais medo de nada!”.

7.13.1 Não entregar os pontos...

O grupo me convidou para nos reunirmos em Riacho Doce. Algo que eu já queria fazer há tempos, porém era mais cômodo realizar as reuniões no Sesc Guaxuma, até porque eu precisava “bater o ponto”. Caminhar por onde elas caminham, ir para a borda da comunidade, conhecer suas casas. A primeira casa onde nos reunimos foi a casa da Toinha. Depois, fomos à casa da Maria, à casa da Nete e comemoramos os aniversários de janeiro de 2019 na casa da Linda. Decidimos, mais uma vez, prosseguir juntas. Conversamos sobre a dissertação e desenhamos.

Os nossos desenhos estarão bordados neste diário, simbolizando nosso “fio-percurso”, apropriação do tema proposto para a exposição **Bordados Poéticos** 2018.

Boa tarde pessoal
Boa tarde eu venho dar
É hora é hora é hora
A baianinha vai embora...²⁴

Vou finalizando este diário bordado, embora ele não tenha fim. A pesquisa, sim, precisava de um fechamento para que, em breve, sejam iniciados outros bordados...

Os escritos aqui são a memória de um percurso compartilhado, da “partilha do pão” entre mulheres, de um retorno aos primeiros pontos, “o cantinho preferido da minha casa” para, em seguida, prosseguir. Concordamos com o pensamento de Marcia Moraes (2016) e de Haraway (1995, 2008), experimentamos o estar com as outras e o fluxo permanente de nos transformarmos, o tornar-se com. Esse processo acontece no e pelo encontro.

Estivemos acompanhadas pelas mulheres do Bordazul e tecemos diálogos com as mulheres na ciência, aprendendo que, para estarmos aqui, hoje, muitas mulheres lutaram e ainda lutam. Aprendemos sobre cuidado, especialmente sobre um cuidado que se faz junto:

As mulheres cuidam umas das outras e os afetos se estendem para fora do grupo. O vínculo se dá a partir das relações que se estabelecem entre as pessoas e pressupõe respeito às diferenças e à existência de necessidades

²⁴ Canto de despedida das baianas de Alagoas.

comuns e complementares. Trata-se de uma articulação que ultrapassa as fronteiras do grupo e passa a fazer parte do cotidiano da comunidade (OLIVEIRA; SPINK, 2017, p. 12).

Como aracnes que somos, vamos expandindo nossa teia. Este diário foi um exercício de contar, de dar visibilidade às nossas histórias. Seguiremos juntas, seguiremos contando e sendo capazes de recomeçar, de adornar e de **não entregar os pontos...** Tantas expressões que usamos no dia a dia vêm do movimento das fiações, já pensaram?

Essa é a tecnologia aracnoide: **a construção de possibilidades.**

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivamos compreender como a aprendizagem do bordado se tornou dispositivo de cuidado entre as integrantes do coletivo Bordazul. Para tanto, caracterizamos o grupo e identificamos quais as histórias que as mulheres do Bordazul querem contar. Avaliamos que tais objetivos foram alcançados, por meio da Etnografia e do registro das conversas e histórias apresentadas no Diário Bordado.

Comprendemos que a relevância desta pesquisa foi a travessia, foi tomarmos conta das embarcações da nossa própria vida e tecermos manobras elegantes, assim como a mestra Zezé em seu Baianá. Conseguimos ir até a Ufal e a outras instituições para contar nossas histórias e compartilhar nossos saberes: saberes situados no século XXI, localizados no litoral norte de Maceió. Conhecimentos construídos por 26 mulheres que se fortalecem juntas e bordam na contramão de uma realidade adoecedora, que estigmatiza e silencia. O nosso bordado é dispositivo de cuidado e de expressão.

Mergulhamos na história do bordado e redescobrimos tramas e possibilidades de adornar e de compreender esse ofício sob pontos de vista diversos, e não por uma “única história”: a história que foi contada pelo colonizador ou pela tradição de academias que privilegiaram algumas modalidades artísticas em detrimento de outras.

Esse percurso proporcionou encontros com o referencial da PesquisaCOM, que dialoga em harmonia com o Construcionismo Social, com as Práticas Discursivas e Produção de Sentidos e com a poesia, que permeia todo esse processo.

O Bordazul é resultante de uma experiência de parceria entre a rede pública de saúde, no âmbito da atenção básica, e a rede privada, uma atuação voltada para as potencialidades do território e da comunidade, considerando o cuidado como um processo contínuo no qual a expansão dos sentidos é um propósito, e a pessoa é considerada por seu potencial humano e não por seu diagnóstico ou por qualquer outro rótulo.

O Bordazul é um projeto que se consolidou, ao longo desses cinco anos, e mostra que é possível trabalhar em grupo, valorizando a ética e o fazer interdisciplinar: artista, educadora, psicóloga, equipe de saúde, lazer, cultura e comunidade, todas/os reunidas em metodologia colaborativa, construindo oportunidades de conhecer e cultivar modos de vida potentes e cuidadosos.

Ressaltamos que consideramos importante a continuidade das ações promovidas em nossa pesquisa e a manutenção do vínculo construído entre a universidade (especialmente o

Instituto de Psicologia) e o Bordazul. Em relação ao meu compromisso ético, como pesquisadora e psicóloga, para além das normas acadêmicas e da ética profissional, construímos uma história de aprendizagem e afeto.

Concluo o presente escrito consciente de que há inúmeras possibilidades para seguir pesquisando, abordando pontos relacionados às questões de gênero, por exemplo, ou escolhendo tema relativo à educação e/ou à arte. Posso, também, aprofundar análises discursivas, a partir das conversas produzidas nos encontros. Afirmo que é meu desejo prosseguir conhecendo e fazendo emergir vozes, imagens e experiências **com** o Bordazul.

As histórias do Bordazul e nossa convivência produziram reflexos em meu modo de ver minha família, especialmente as mulheres, em meu jeito de ser no trabalho, em sociedade, nas leituras que tenho buscado, em minhas concepções sobre o tempo e em minhas percepções sobre movimento, corpo, linhas e palavras. Hoje, me reconheço uma mulher negra trabalhando com mulheres (em sua maioria) negras, lendo escritoras negras. Esse é apenas um dos presentes que o Bordazul me trouxe e que estão sendo tecidos no estandarte do nosso fortalecimento mútuo.

As histórias que foram contadas nesta dissertação revelam o desejo de protagonismo de 26 mulheres. Nós desejamos estar aqui e enfrentamos todas as intempéries, nos disponibilizamos a compartilhar o que aprendemos e a essa experiência chamamos alegria.

Nesses dois anos de mestrado, aprendemos, coletivamente, a questionar o referencial de saúde pautado no modelo biomédico, e tecemos sentidos sobre cuidado que passam pela borda, pelos bastidores, por pequenos e grandes gestos, por abraços e pela escolha de seguir junto.

Ao ouvir do Bordazul essas histórias, compusemos o bordado mais bonito, em ponto **semente:**

Nós iniciamos o projeto falando das nossas doenças, mas hoje não é sobre isso que a gente fala. Hoje, nós estamos muito além! Antes, eu não me achava bonita, mas hoje eu me acho linda. Eu me amo! Quando eu tava ali, naquela galeria, recebendo as pessoas, contando minha história, eu me senti uma rainha! Se eu não vier para o bordado, eu fico doente! Meu marido já sabe que o dia de segunda-feira é meu! Nós estávamos no casulo, mas conseguimos sair, agora somos borboletas, podemos voar! Eu aprendi a ler sozinha, com livros que encontrava no lixo. Eu não sabia escrever, mas aprendi a fazer meu nome bordando. Eu gosto de desenhar flores. Eu bordei um sereio. Pode? Pode tudo! Nosso bordado é livre! Quero bordar muitas flores e vender! Eu não quero bordar pra vender. Minha alegria é estar aqui com essas meninas! Meu sonho é ter uma loja do Bordazul. Quando eu tô bordando, eu me esqueço de tudo e vou relaxando até dormir. Não preciso mais do remédio! Menina, tu tá muito amostrada! Eu adoro meus desenhos.

Quando a gente borda eles, ficam lindos! Nunca fui à escola e nunca pensei, na minha vida, de desenhar. Eu desejo união, paz, amor, amizade, árvore da alegria, saúde para todas! Eu nunca pensei de vir dar aula na Ufal! A Kelcy, nós que somos professoras dela! Ia desistir do bordado, porque não tava entrando na minha cabeça, mas a Ninna me abraçou e disse: “você vai bordar”. Estamos aqui, até hoje, e eu vou lutar, sempre, pra que o bordado continue! As histórias que aparecem lá, em nosso litoral norte, são histórias muito lindas! A gente cuida dos bordados como cuida de um filho: com carinho, com respeito... A nossa colcha bordada tá linda! Foi a maior surpresa! Meninas, eu tenho uma boa notícia pra vocês: Viva o Bordazul!!!

O texto acima é uma composição feita com expressões colhidas no Bordazul e inspirada na poética da colcha de retalhos, recitada por Mariana Guimarães, em Paraty (2018).

Somos **sementes...**

REFERÊNCIAS

- ALPERN, J. D.; DAVEY, C. S.; SONG, J. Perceived barriers to success for resident physicians interested in immigrant and refugee health. **BMC Medical Education**, London v. 16, p. 178, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27421774>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- ALVES, A. Bordando histórias. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 18 jan. 2015. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=259281>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- ALVES, C. **O perigo de pensar que as coisas existem a priori**. TEDxVoltaRedonda. [S. L.: s. n.], 2017. 1 vídeo (20min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_TBLoeN8Zo. Acesso em: 9 ago. 2019.
- ANDERSON, A. *et al.* A qualitative study of health care experiences among international students. **The Health Care Manager**, Frederick, MD, v. 36, n. 1, p. 78-86, jan./mar. 2017. Disponível em: https://journals.lww.com/healthcaremanagerjournal/Abstract/2017/01000/A_Qualitative_Study_of_Health_Care_Experiences.11.aspx. Acesso em: 9 ago. 2019.
- ARTE Pré-Colombiana. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo907/arte-pre-colombiana>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARACHO, R. **Menina singeleza**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.
- BATISTA, N. C. S.; BERNARDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. *In*: SPINK, M. J.; BRIGAGÃO, J.; NASCIMENTO, V.;
- CORDEIRO, M. (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BERNARDES, G. S. **História do Bordazul** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por kelcymary@hotmail.com em 20 jun. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 9 ago. 2019.

BRITO, T. F. S. de. **Bordados e bordadeiras:** um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó-RN. Orientadora Fernanda Arêas Peixoto. 2011. 285 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011-175001/pt-br.php>. Acesso em: 9 ago. 2019.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia:** história de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAPPRA, T. R. **Tecendo memórias:** narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados. Orientador Valdir José Morige. 2014. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/111880>. Acesso em: 9 ago. 2019.

CARVALHO, J. M. de. **Pontos e bordados:** escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

CASTRO, E. D. de; SILVA, D. de M. Atos e fatos de cultura. **Revista de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14013/15831>. Acesso em: 9 ago. 2019.

CLAUS, M. Arthur Bispo do Rosário: a criação artística como reorganização de mundo. **Existência e Arte:** Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, ano 2, n. 2, p. 1-7, jan./dez. 2006. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Arquivos/Marta_Claus_Arthur_Bispo_do_Rosario_A_criacao_artistica_como_reorganiza.pdf. Acesso em: 9 ago. 2019.

CRUZ, V. P. Entrevista com bordadeiras do Morro São Bento de Santos: uma reminiscência dos bordados da Ilha da Madeira. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, São Paulo, v. 10, n.1, p. 121-136, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v10n1/v10n1a09.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

CUEVAS, A. G.; O'BRIEN, K.; SAHA, S. What is the key to culturally competent care: reducing bias or cultural tailoring? **Psychology & Health**, New York, v. 32, n. 4, p. 493-507, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5538350/pdf/nihms886813.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

- CUNHA, M. L. da; CAIXETA, .O primeiro fio: estudo de caso acerca da prática artística do bordado em Patos de Minas, MG, com Maria Amélia de Lima. **Pergaminho**, Patos de Minas, v. 3, p. 52-60, nov. 2012. Disponível em: <http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/43870/o-primeiro.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- CUNHA, T. B. da. **Nos caminhos do labirinto: saúde mental e trabalho das artesãs de Juarez Távora - PB.** 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- CUNHA, T. B. da; VIEIRA, S. B. Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 258-275, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a05>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- DELL, Christopher. **Mitologia: um guia dos mundos imaginários.** São Paulo: Edições Sesc, 2014.
- DIMENSTEIN, M. A reorientação da atenção em saúde mental: sobre a qualidade e humanização da assistência. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 24, n. 4, p. 112-117, dez. 2004.
- EHRlich, C. *et al.* The impact of culturally responsive self-management interventions of health outcomes for minority populations: a systematic review. **Chronic Illness**, Leeds, v. 12, n. 1, p. 41-57, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1742395315587764>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FAHLBERG, B.; FORONDA, C.; BAPTISTE, D. Cultural humility: the key to patient/family partnerships for making difficult decisions. **Nursing**, Jenkintown, v. 46, n. 9, p. 14-16, 2016.
- FARIA, H. P. *et al.* **Modelo assistencial e atenção básica à saúde.** Belo Horizonte: Nescon/UFGM; Coopmed, 2010. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/92>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. Revisão Tânia Stolze Lima. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**: Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 299-325, jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/10976>. Acesso em: 1 set. 2019.

GONDIM, G. M. de M. **Territórios da atenção básica: múltiplos, singulares ou inexistentes?** Orientador Christovam de Castro Barcellos Neto. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17935/1/11118.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

HAMILTON, H. The lived experience of African American caregivers caring for adult African American patients with heart failure. **Home Healthc Now**, Hagerstown, v. 34, n. 4, p. 196-202, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27023295>. Acesso em: 9 ago. 2019.

HIGGINBOTTOM, G. M. *et al.* An ethnographic study of communication challenges in maternity care for immigrant women in rural Alberta. **Midwifery**, Edinburgh, v. 31, n. 2, p. 297-304, 2015. Disponível em: [https://www.midwiferyjournal.com/article/S0266-6138\(14\)00248-4/fulltext](https://www.midwiferyjournal.com/article/S0266-6138(14)00248-4/fulltext) . Acesso em: 9 ago. 2019.

HYMAN, I. *et al.* Provider- and patient-related determinants of diabetes self-management among recent immigrants: implications for systemic change. **Canadian Family Physician**, Canada, v. 63, n. 2, p. 137-144, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5395412/pdf/063e137.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

IBAÑEZ, T. **Municipiones para disidentes**. Barcelona: Gedisa, 2001.

ÍNIGUEZ, L. Construcionismo social e psicologia social. *In*: MARTINS, J. B.; EL HAMMOUTI, N. D.; ÍNIGUEZ, L. (org.). **Temas em análise institucional e em construcionismo social**. São Carlos: RiMa, 2002. p. 127-156.

INTERCULTURALIDADE. **Portal da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio**, Rio de Janeiro, 1 abr. 2016, 15:48. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/interculturalidade>. Acesso em: 06 ago. 2019.

KODJA, G. **Bordadeiras do Morro São Bento: memória, trabalho e identidade**. Orientadora Úrsula Margarida Karsch. 2004. 133 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

LÁZARO, W. (org.). **Arthur Bispo do Rosário**. Rio de Janeiro: Réptil, 2012.

LONG, T. Influence of international service-learning on nursing students self-efficacy towards cultural competence. **Journal of Nursing Education**, New York, v. 53, n. 8, p. 474-478, 2014.

MACHADO, A. M. **Ponto a ponto**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1998.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAIAKOVSKI, V. V. **Adultos: poema**. Tradução Augusto de Campos. Disponível em: <https://www.paralerepensar.com.br/maiakovski.htm>. Acesso em:

MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. *In*: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V. do; CORDEIRO, M. P. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

MERHY, E. E. **O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde?** Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em: <https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/o-ato-de-cuidar>. Professor do DMPS/FCM/UNICAMP. Campinas, 1999. Acesso em: 14 ago. 2019.

MONTUORI, A. Literature review as creative inquiry: reframing scholarship as a creative process. **Journal of Transformative Education**, New York, v. 3, p. 374-393, 2005. Disponível em: <http://jtd.sagepub.com/cgi/content/abstract/3/4/374>. Acesso em: 9 ago. 2019.

MORAES, M. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, p. 41-49, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea07.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*: MORAES, M.; KASTRUP, V. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/2010_txt15.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

MYGIND, A. *et al.* Drawing on healthcare professional: ethnicity lessons learned from a Danish community pharmacy intervention for ethnic minorities. **Scandinavian Journal of Public Health**, Stockholm, v. 43, n. 3, p 238-243, 2017.

NASCIMENTO, M. V. N. do. **Práticas integrativas e complementares grupais nos serviços de saúde da atenção básica: possibilidades de diálogo com a educação popular**. Orientadora Isabel Fernandes de Oliveira. 2016. 252 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

NASCIMENTO, V. L. V.; TAVANTI, R. M.; PEREIRA, C. C. Q. Uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. *In*: SPINK, M. J.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V. do; CORDEIRO, M. P. (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

OLIVEIRA, J. H. P. de; SPINK, M. J. Ponderações sobre a longevidade de um clube de mães da periferia de São Paulo, Brasil. **Athenea Digital**, São Paulo, v. 18, n. 3, p 1-20, nov. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>. Acesso em: 9 ago. 2019.

QUEIROZ, K. G. **Criaturas a criadores: dinâmicas de tradução entre artesanato e design**. Orientador Boaventura de Sousa Santos. 2013. Tese (Doutorado em Poscolonialismos e Cidadania Global) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. <http://hdl.handle.net/10316/23710>.

QUEIROZ, K. G. O tecido encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade no bordado. **Revista Electrónica dos Programas de Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC**, Coimbra, ano III, nº 5, p. 1-27, 2011. https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n5/documentos/5_KarineQueiroz.pdf. Acesso em: 9 ago. 2019.

REBOUÇAS, S. B. de M. **Bordado: uma arte milenar**. Florianópolis, Kapuí, 2019. Disponível em: <https://www.kapui.com.br/Historia-do-bordado>. Acesso em: 10 ago. 2019.

RIBEIRO, M. A. T. **A perspectiva dialógica na compreensão de problemas sociais: o caso da pesca de curral em Ipioca, Maceió, Alagoas**. 2003. Orientadora Mary Jane Paris Spink.. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003

RIBEIRO, M. A. T.; BERNARDES, J. S. El lugar de quien investiga desde una perspectiva crítica. **Encuentros de Psicología Social**, Málaga, v. 1, n. 3, 2003.

SANTANA, Adrine Motley; BASTOS, Renilda do Rosário Moreira Rodrigues. Mulheres fiandeiras no Ponto a Ponto: a arte de contar histórias nas vozes que tecem textos e nas mãos que tecem têxteis. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 14., 2014, Belém. **Anais eletrônicos** [...] Belém: UFPA, v. 1, 2014. Disponível em: www.abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434476462.pdf. Acesso em: 9 ago. 2019.

SCHOBER, M. *et al*. Improving care for victims of violence in resource-poor settings such as Lasaka, Zambia: results of a low-budget intervention. **Injury Prevention**, London, v. 22, n. 2, p. 144-148, 2016.

SCOCHI, C. G. S. *et al.* Lazer para mães de bebês de risco hospitalizados: análise da experiência na perspectiva dessas mulheres. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 727-735, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n5/v12n5a05.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

SILVEIRA, N. da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

SIMIONI, A. P. Bordados e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Revista Proa**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-19, 2010. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2375/1777>. Acesso em: 9 ago. 2019.

SPINK, M. J. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Psico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 7-22, 2000.

SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M. J. P. ; MEDRADO, B. *In*: SPINK, M. J. P. (org.). **Produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, M. J. P. *et al.* (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, P. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

TRIGO, L. **A arte existe porque a vida não basta, diz Ferreira Gullar**. **G1**, Paraty, 26 ago. 2010, 17:17. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>. Acesso em: 9 ago. 2019.

VIÉGAS, L. S. Reflexões sobre pesquisa etnográfica em psicologia e educação. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v. 1, p. 101-123, 2007.

WALKER, S. Literature reviews: generative and transformative textual conversations. **Forum Qualitative Social Research**, v. 16, n. 3, art. 5, set. 2015. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/2291>. Acesso em: 10 ago. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro geral da revisão dialógica de literatura

TÍTULO	TRADUÇÃO	DESCRIÇÃO	AUTORIA	PAÍS(ANO)
Lazer para mães de bebês de risco hospitalizados: análise da experiência na perspectiva dessas mulheres		pesquisa sobre a implantação de novas estratégias de cuidado dirigidas às mães de bebês de risco em um hospital do interior de São Paulo-Brasil, assistidos em unidade neonatais. Por meio de um programa envolvendo atividades lúdicas, recreacionais e educativas, o presente estudo objetiva analisar essa experiência na perspectiva dessas mulheres - destacando a atividade do bordado, como experiência de humanização e cuidado em saúde com as mães das crianças internas.	Scochi, C. G. S. et al	Brasil (2004)
Primeiro fio: estudo de caso acerca da prática artística do bordado em Patos de MinasMG, com Maria Amélia de Lima.		pesquisa que versa sobre a resistência das bordadeiras em Patos de Minas, especialmente a história da bordadeira Maria Amélia de Lima, ao mesmo tempo, ressaltando a existência das comunidades tecelãs desde a pré-história.	Cunha, M. L. da; Caixeta, E.	Brasil (2012)
Tecendo memórias: narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados		o presente estudo demonstra que objetos de costura e bordado operam como lugares de memória e podem ser concebidos como objetos museais. Do ponto de vista da Museologia, o museu busca a memorização de situações cotidianas, de caráter afetivo e memorialístico vivenciadas por mulheres bordadeiras que frequentam o Atelier de Bordado do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre. Portadoras de sofrimento mental, as referidas artesãs tecem, em suportes de pano, as memórias de seu percurso existencial e expressam suas habilidades como efeito de uma aprendizagem que lhes foi transmitida de geração em geração.	Cappra, T. R.	Brasil (2014)
Nos caminhos do labirinto: saúde mental e trabalho das artesãs de Juarez Távora – PB		a atividade artesanal cumpre importante papel, especialmente para as populações rurais e pequenos municípios do interior como estratégia de sobrevivência. Na região nordeste do Brasil isso torna marcante, dada a escassez de oportunidades de trabalho na área industrial e a dureza das condições climáticas (...). Neste contexto desenvolvemos esse estudo, inserido no campo de conhecimento que trata das relações entre saúde mental e trabalho, cujo objeto é a atividade das mulheres artesãs que se dedicam a um tipo de artesanato denominado “bordado do labirinto”	Cunha, T. B. da	Brasil (2007)

<p>What is the key to culturally competent care: reducing bias or cultural tailoring?</p>	<p>Qual é a chave para o cuidado culturalmente competente: reduzir preconceito ou adaptação cultural?</p>	<p>Imigrantes foram ouvidos em grupo para dizer como gostariam de receber seus cuidados. Expressões: cuidado centrado no paciente; contextualização dos cuidados e desejo de uma equipe de saúde atenta às necessidades dos pacientes e não discriminatórias. Conceito de competência cultural: o conhecimento geral do contexto cultural da população de pacientes e atenção para os efeitos do preconceito racial e discriminação entre os clínicos e pessoal não clínico.</p>	<p>Cuevas, A. G., O'Brien, K. e Saha, S.</p>	<p>Canadá (2017)</p>
<p>Provider- and patient-related determinants of diabetes self-management among recent immigrants: implications for systemic change.</p>	<p>Determinantes relacionados ao provedor e ao paciente com diabetes, autogerenciamento entre imigrantes recentes: implicações para mudança sistêmica.</p>	<p>A pesquisa examinou a relação entre provedor da medicação e pacientes, associada ao autogerenciamento dos cuidados em pacientes com diabetes. Foram avaliados: qualidade da interação; percepções dos participantes sobre discriminação e cuidados equitativos. Expressões: barreiras financeiras; autogestão; tratamento culturalmente sensível.</p>	<p>Hyman, I. et al.</p>	<p>Canadá (2017)</p>
<p>A qualitative study of health care experiences among international students.</p>	<p>Um estudo qualitativo de experiências de cuidados de saúde entre estudantes internacionais.</p>	<p>Uma revisão da literatura, que mostrou uma falta de pesquisa sobre as experiências de saúde dos estudantes internacionais. Após as entrevistas, a identificação dos temas e a análise dos resultados revelaram as experiências vividas e as percepções de cuidados de saúde dos estudantes internacionais nos Estados Unidos.</p>	<p>Anderson, A. et al.</p>	<p>EUA(2017)</p>
<p>Drawing on healthcare professional; ethnicity: lessons learned from a Danish community pharmacy intervention for ethnic minorities.</p>	<p>Com base em profissionais de saúde; etnia: lições aprendidas de uma intervenção de farmácia comunitária para minorias étnicas.</p>	<p>Experiências de implementação relativa ao envolvimento de farmacêuticos comunitários com origens de minorias étnicas numa intervenção de cuidado para pacientes de aparência étnica na Dinamarca.</p>	<p>Mygind, A. et al.</p>	<p>Dinamarca (2017)</p>

<p>Cultural humility: the key to patient/family partnerships for making difficult decisions.</p>	<p>Humildade cultural: a chave para parcerias entre pacientes e familiares para tomar decisões difíceis.</p>	<p>(...) Uma enfermeira de prática avançada, Karen, era a única profissional de saúde com quem conversavam sobre decisões a respeito dos cuidados de Lettie. A abordagem de Karen foi diferente. Em vez de dizer a eles o que deveriam fazer, ela perguntou. Usando conceitos de humildade cultural para guiar suas interações com a família de Lettie, Karen ganhou sua confiança. Expressão: Humildade Cultural.</p>	<p>Fahlberg B., <u>Foronda, C.</u> e <u>Baptiste, D.</u></p>	<p>EUA(2016)</p>
<p>Perceived barriers to success for resident physicians interested in immigrant and refugee health</p>	<p>Barreiras percebidas para o sucesso de médicos residentes interessados na saúde dos imigrantes e refugiados</p>	<p>A preparação dos médicos residentes para prestar cuidados transculturais tem sido bem estudada, embora a preparação para prestar cuidados especificamente às populações de imigrantes e refugiados não tenha recebido a mesma atenção. Expressões: cuidados transculturais; treinamentos durante a residência para o trabalho transcultural.</p>	<p>Alpern, C., Davey, S. e Song, J.</p>	<p>Inglaterra (2016)</p>
<p>Influence of international service-learning on Nursing students self-efficacy towards cultural competence</p>	<p>Influência do aprendizado com o Serviço Internacional em Estudantes de Enfermagem; autoeficácia rumo à competência cultural</p>	<p>Um método de obter conhecimento, habilidades e experiência com diferentes culturas para enfermeiros e estudantes de enfermagem, através de uma experiência internacional de imersão com treinamento em linguagem, cultura e enfermagem comunitária, realizado em Belize, na América Central.</p>	<p>Long, T.</p>	<p>EUA (2014)</p>
<p>The lived experience of African American caregivers caring for adult African American patients with heart failure.</p>	<p>A experiência vivida de cuidadores afro-americanos cuidando de pacientes afro-americanos adultos com insuficiência cardíaca.</p>	<p>A assistência de cuidadores informais, como familiares, amigos ou vizinhos, é crucial para administrar adequadamente o complexo cuidado de pacientes com insuficiência cardíaca (IC). O estudo examinou a experiência vivida de cuidadores afro-americanos que cuidam de pacientes afro-americanos. Expressões: camadas de apoio; auto-negligência; percepção de não-adesão e apoio culturalmente competente aos cuidadores.</p>	<p>Hamilton, H.</p>	<p>EUA (2016)</p>

<p>Improving care for victims of violence in resource-poor settings such as Lusaka, Zambia: results of a low-budget intervention.</p>	<p>Melhorar os cuidados para as vítimas de violência em locais pobres em recursos, como Lusaka, Zâmbia: resultados de uma intervenção de baixo orçamento.</p>	<p>A pesquisa versa sobre uma intervenção em saúde com pessoas vítimas de violência interpessoal, buscando parceria com os serviços de assistência social já existentes na Zâmbia. Expressões: articulação entre instituições de saúde e possíveis parceiras e compreensão intercultural entre os participantes médicos.</p>	<p>Schober, M. et al.</p>	<p>Inglaterra (2015)</p>
<p>The impact of culturally responsive self-management interventions on health outcomes for minority populations: a systematic review.</p>	<p>O impacto de intervenções de autogestão culturalmente responsivas nos resultados de saúde para populações minoritárias: uma revisão sistemática.</p>	<p>O objetivo do estudo foi responder à questão de pesquisa: “Os programas de autogestão que foram adaptados ou modificados ainda podem ser eficazes para as minorias étnicas e populações indígenas?”. Expressões: autogerenciamento x compartilhamento de informações. Dado que o autogerenciamento é um construto cultural do Ocidente, a criação de sistemas empáticos e responsivos pode ser mais eficaz do que habilidades individuais.</p>	<p>Ehrlich, C. et al.</p>	<p>Reino Unido (2015)</p>
<p>An ethnographic study of communication challenges in maternity care for immigrant women in rural Alberta.</p>	<p>Um estudo etnográfico dos desafios da comunicação na assistência à maternidade para mulheres imigrantes na zona rural de Alberta.</p>	<p>Muitos grupos de imigrantes e etnoculturais no Canadá enfrentam barreiras substanciais no acesso aos cuidados de saúde, incluindo barreiras <u>linguísticas</u>. A publicação relata as dificuldades enfrentadas pelas mulheres imigrantes que procuram cuidados de maternidade, a partir das perspectivas das mulheres imigrantes, prestadores de cuidados de saúde e sociais e prestadores de serviços em uma pequena cidade no sul de Alberta, Canadá. Expressões: desafios de comunicação e cuidados culturalmente apropriados.</p>	<p>Higginbottom, G. M. et al.</p>	<p>Canadá (2015)</p>

APÊNDICE B - Quadro com principais pontos do bordado livre e suas descrições de acordo com o manual de Eliana Prestes

PONTO	DESCRIÇÃO
Haste (também chamado de Astro no Bordazul)	Inicia da esquerda para a direita, pontos levemente inclinados, regulares ao longo do desenho. O fio sai sempre a esquerda do ponto anterior.
Alinhavo	Puxe a agulha na linha do desenho e faça um ponto para trás através do tecido. Puxe a agulha novamente um pouco à frente do primeiro ponto faça outro ponto para atrás. Introduzindo a agulha no mesmo lugar de onde saiu no último ponto.
Ponto Atrás	Puxa a agulha no lado direito. Puxe um ponto para trás sobre três fios de tecido Puxando a agulha três fios à frente de onde saiu antes. Continuar trabalhando da direita para esquerda.
Ponto de Areia	Pequenos Pontos Retos de igual tamanho dispostos a espaços regulares sobre o desenho.
Ponto de Elos	Puxe a agulha de um ponto e prenda a linha com o polegar esquerdo. Passe a agulha da direita para a esquerda por baixo da linha que sai da agulha e então vire a agulha para trás sobre a mesma linha, para a direita, e, ainda mantendo a agulha presa com o polegar, faça um ponto do tamanho que desejar.
Ponto de Aresta	Puxe a agulha no centro superior do desenho, mantenha o fio para baixo com o polegar esquerdo, introduza a agulha um pouco à direita no mesmo nível e faça um pontinho para baixo até o centro, mantendo a linha por baixo da ponta da agulha. A seguir introduza a agulha um pouco à esquerda no mesmo nível, e faça um ponto para o centro, conservando a linha por baixo da ponta da agulha.
Ponto de Casear	Puxe a agulha na linha inferior, introduza-a na posição certa na linha superior, fazendo um ponto reto para baixo com a linha por baixo da ponta da agulha. Puxe o ponto para formar uma laçada e repita.

ANEXOS

ANEXO A - LETRA DA MÚSICA “O MESTRE-SALA DOS MARES”**O Mestre-sala dos mares**

Aldir Blanc / João Bosco

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como o navegante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao acenar pelo mar na alegria das regatas
Foisaudadonoportopelasmocinhasfrancesas
Jovens polacas e por batalhões de mulatas
Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatas
Inundando o coração do pessoal do porão
Que, a exemplo do feiticeiro, gritava então
Glória aos piratas
Às mulatas, às sereias
Glória à farofa
à cachaça, às baleias
Glória a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história não esquecemos jamais
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais
Mas salve
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais
Mas faz muito tempo

ANEXO B - Figura 69 - Capa do catálogo da exposição tesouros bordados



Catálogo completo disponível em:

https://issuu.com/fabricioalexbarros/docs/catalogo_tesouros_bordados_sesc_al_